

# 10 ANOS DA UFAL CAMPUS DO SERTÃO

José Ivamilson Silva Barbalho  
(Org.)



José Ivamilson Silva Barbalho  
(Org.)

**10 ANOS** DA UFAL  
CAMPUS DO  
SERTÃO

 **Edufal**  
Editora da Universidade Federal de Alagoas

Maceió/AL  
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

**Reitor**

Josealdo Tonholo

**Vice-reitora**

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

**Diretor da Edufal**

José Ivamilson Silva Barbalho

**Conselho Editorial Edufal**

José Ivamilson Silva Barbalho (Presidente)

Fernanda Lins de Lima (Secretária)

Adriana Nunes de Souza

Bruno Cesar Cavalcanti

Cícero Péricles de Oliveira Carvalho

Elaine Cristina Pimentel Costa

Gauss Silvestre Andrade Lima

Maria Helena Mendes Lessa

João Xavier de Araújo Junior

Jorge Eduardo de Oliveira

Maria Alice Araújo Oliveira

Maria Amélia Jundurian Corá

Michelle Reis de Macedo

Rachel Rocha de Almeida Barros

Thiago Trindade Matias

Walter Matias Lima

**Editoração eletrônica:** Mariana Lessa

**Capa:** Marseille Santana

**Imagens das entradas de capítulo:** Freepik Premium

**Revisão de Língua Portuguesa:** Thiago Trindade Matias

**Normalização da ABNT:** Fernanda Lins de Lima

**Catálogo na fonte**

**Universidade Federal de Alagoas**

**Biblioteca Central**

**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

U58d Universidade Federal de Alagoas.  
10 anos da UFAL Campus Sertão [recurso eletrônico] / José Ivamilson Silva Barbalho (Org.). – Maceió : EDUFAL, 2021.  
269 p. : il.

*E-book.*

Inclui bibliografias

ISBN 978-65-5624-078-7

1. Ensino superior - Sertão - Alagoas. 2. Extensão universitária. 3. Universidade Federal de Alagoas - História. I. Barbalho, José Ivamilson Silva. II. Título.

CDU: 378.046(813.5)

A todas/es/os pioneiros/as que idealizaram e tornaram possível a realização do Campus do Sertão. Nossa profunda gratidão.

## AGRADECIMENTOS

**A**os gestores municipais, órgãos, entidades e instituições afins, pela parceria e apoio constante. Ao povo sertanejo, das diversas comunidades rurais e urbanas, que desde o início acolheu entusiasticamente o projeto de interiorização da Universidade Federal de Alagoas, acreditando na força da educação pública e de qualidade.

Aos técnicos, professores e estudantes do Campus do Sertão, pela contribuição fundamental com um dos maiores projetos de transformação social no interior do Estado de Alagoas.

A todas/es/os nosso reconhecimento e sincera gratidão.

O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas "águas" - homens e mulheres - verdadeiramente comprometidos/as ficam "molhados", ensopados.

Somente assim o compromisso é verdadeiro.

**Paulo Freire**

# SUMÁRIO

**PREFÁCIO ..... 11**

*Ana Dayse Rezende Dorea*

**APRESENTAÇÃO - 10 ANOS DE CAMPUS DO SERTÃO: ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO EM ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO ..... 19**

*Thiago Trindade Matias*

**COMEMORANDO OS 10 ANOS DO CAMPUS DO SERTÃO ..... 25**

*Eurico Lôbo*

**CAMPUS DO SERTÃO: 10 ANOS DE VIVÊNCIA ENTRE ENSINO,  
PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO..... 31**

*Agnaldo José dos Santos*

**GESTÃO INTERINSTITUCIONAL ..... 47**

*José Ivamilson Silva Barbalho*

**A FORMAÇÃO EM GEOGRAFIA NO SERTÃO DE ALAGOAS: UMA  
EXPERIÊNCIA DE CONHECIMENTO ..... 64**

*Kleber Costa da Silva*

**MÃOS QUE AJUDAM A CONTAR! ..... 78**

*Viviane Regina Costa Sá*

**GRUPO DE ESTUDO LEITURA HEIDEGGERIA DE NIETZSCHE E OS  
DEZ ANOS DO CAMPUS SERTÃO DA UFAL ..... 92**

*José Roberto da Silva*

*Cléberton Luiz Gomes Barboza*

*Hugo Pedro Silva dos Santos*

*José Alesson Rodrigues Lima*

*José Londe da Silva*

*Maycon Roberto dos Santos Queiroz*

*Sávio dos Santos Lima*

**O CURSO DE PEDAGOGIA NO CAMPUS DO SERTÃO: UM OLHAR  
À LUZ DA MATERNIDADE/PATERNIDADE NA FORMAÇÃO  
ACADÊMICA DA UFAL..... 117**

*Lílian Kelly de Almeida Figueiredo Voss*

*Giseliene Medeiros Almeida*

*Ana Paula Solino Bastos*

*Thayza Torquia Silva*

**PATRIMÔNIO CULTURAL COMO RECURSO TURÍSTICO: REFLEXÕES  
A PARTIR DA CIDADE DE PIRANHAS, ALAGOAS..... 132**

*Laís Carolina da Silva*

*Rafael de Oliveira Rodrigues*

**NÚCLEO DE PESQUISA E ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS E  
HISTÓRICOS: ESPAÇO DE INVESTIGAÇÃO, CONSTRUÇÃO E  
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ..... 146**

*Flávio Augusto de Aguiar Moraes*

*José Ivamilson Silva Barbalho*

**GEPAR: FORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO ..... 159**

*Lucas Gama Lima*

**A MEMÓRIA DO NÚCLEO DE ESTUDOS, EXTENSÃO E PESQUISAS  
SOBRE DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO DO SERTÃO ALAGOANO- NUDES  
CONSTRUÍDA ATRAVÉS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ..... 168**

*Maria Aparecida Silva*

*Monica Regina Nascimento dos Santos*

*Ana Cristina Conceição Santos*

*Adriana Deodato Costa*

*Suzana Libardi*

**ARTE, CIÊNCIA E ENGAJAMENTO: EXTENSÃO ACADÊMICA E  
AÇÕES FORMATIVAS DO EQUIPAMENTO CULTURAL DA UFAL  
GRUPO DE CULTURA NEGRA DO SERTÃO ABÍ AXÉ EGBÉ ..... 181**

*Gustavo Manoel da Silva Gomes*

**O CAMPUS DO SERTÃO E AS PRÁTICAS ESPORTIVAS AO LONGO  
DOS SEUS 10 ANOS..... 195**

*Alúcio Norberto dos Santos*

*Rogério Brilhante Gonçalves*

**PET AÇÕES DAS ENGENHARIAS ..... 223**

*Matheus Cavalcante de Melo*

*Antônio Pedro de Oliveira Netto*

*Ewerton Viana Nobre*

*Iris Lima da Silva*

*Joabe Mikael Rocha e Silva Nascimento*

*Mateus Lima Barros*

*Murilo Lima Costa*

*NathalieOliveira de Souza*

*Pedro Henrique Ribeiro da Cruz*

*Rafael Alves da Silva*

*Rikelly Rafaella Marques Lima*

*Silvia Karlla Lopes Vitor*

*Stefany Gonçalves Lima*

*Wesley Matheus de Oliveira*



# **PREFÁCIO**

## **SERTÃO UFAL É A UFAL NO SERTÃO**

*Ana Dayse Rezende Dorea  
Reitoria Honorária da UFAL  
Secretária Municipal de Educação de Maceió  
Conselheira Nacional de Educação (mandato 2012-2014)*

Às margens do Rio São Francisco nasceram muitas/os ilustres alagoanas/os. Mulheres, homens, lugares, projetos, sonhos e feitos. Poderia aqui elencar nomes de sertanejas/os alagoanas/os que escreveram com garra e suor a história de conquistas que está gravada nessas terras secas e muito vivas dessa faixa generosa de terras em Alagoas, mas seria injusta com quem ainda continua fazendo verdejante os pastos do conhecimento que são arados dia-a-dia por nossa Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão.

Recebi a grata missão de revisitar a trajetória dos 10 anos de criação do Campus Sertão, nascente cristalina que brotou em meio a grande necessidade de saciar a sede e a fome de acesso à educação superior pública e de qualidade.

O que era direito, virou fato. O Campus foi, é e será um feito político e pedagógico que germinou há 291 km de Maceió, tendo como raiz a Política de Expansão e Interiorização das Universidades Públicas, que foi semeada nos municípios de Delmiro Gouveia e Santana do Ipanema, dando como frutos a perspectiva de mudança e desenvolvimento para toda a região.

O fato de a UFAL chegar ao Sertão e ser instada no lugar mais distante da capital não foi à toa. A área que envolve aquele território, que de árida só tem a caracterização geográfica e/ou climática, atrai como imã a nossa UFAL e toda a perspectiva de mudança que se avizinha com a chegada dela. O mui conhecido e citado fato de o baluarte e industrial Delmiro Gouveia deixar um legado de pioneirismo e arrojo que nesse pedaço de chão, fez com que processo de interiorização fosse encarado com a magnitude da hidroelétrica que outrora revolucionou aquele espaço. E que revolução foi feita.

A UFAL começa sua história no Sertão em uma sede provisória e dois anos depois ganha sua sede própria e aos 10 anos, mantém não só sua infraestrutura, mas as/os quase 2 mil estudantes dos cursos de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Licenciatura em Geografia, História, Letras e Pedagogia, além da pós-graduação em Educação Étnica-Racional. Entretanto, o que mais orgulha é saber do alto conceito que os cursos possuem, sendo bem avaliados pelo MEC além do empenho e desempenho da comunidade acadêmica.



Ao ler os originais desta coletânea, lembrei de todo o esforço empreendido para que a UFAL Campus Sertão se tornasse esse ambiente propício e hospício à formação superior de forma integral, àquela que compreende a relevância do saber e do fazer para mudança social e territorial.

Nestes escritos, temos relatos de experiências, vivências de grupos, olhar da gestão e muitos outros recortes da narrativa dos 10 anos. A leitura, reportou-me aos dias de reitoria, onde ao lado do amigo Eurico Lôbo, que quando reitor também deixou sua marca nesse campus, quando ao observamos os indicadores notávamos a dura realidade e as desigualdades sociais daquele território, mas que ao pouco foram ganhando nova forma com a chegada na UFAL, impulsionadora não apenas do crescimento econômico, mas principalmente social e acadêmico.

Desta feita, a história vivida, passa a ser narrada por suas/seus principais personagens. Pelas mãos do prof. Dr. José Ivamilson Silva Barbalho, temos o registro, em Gestão Interinstitucional, que o Campus do Sertão procurou se aproximar, respeitosamente, sob a premissa do diálogo permanente, de instituições, parlamentares, pessoas e entidades parceiras do Ensino Superior. Há um orgulho, nada velado, em dizer que numa década a UFAL Campus Sertão formou centenas de profissionais competentes que ou estão bem colocados do mundo do trabalho ou seguem a carreira acadêmica em programas renomados de pós-graduação. Sem deixar de registrar os inúmeros projetos e pesquisas;



ações extensionistas exitosas; livros publicados; formações e capacitações ofertadas; debates produzidos; seminários construídos e intercâmbios firmados.

No texto, “Campus do Sertão: 10 anos de vivência entre ensino, pesquisa, extensão e gestão”, o Prof. Dr. Agnaldo José dos Santos, de forma pessoal e poética faz uma narrativa rememorando datas e momentos que contam a história da UFAL e do Sertão, de forma que enaltece servidoras e servidores, que como ele mesmo registra, merecem destaque por terem desenvolvido ações administrativas que alavancaram o desenvolvimento do Campus do Sertão.

Em “Arte, Ciência e engajamento: extensão acadêmica e ações formativas do equipamento cultural da UFAL Grupo de Cultura Negra do Sertão Abí Axé Egbé”, o Prof. Dr. Gustavo Manoel da Silva Gomes registra a extensão acadêmica nos processos de subjetivação de jovens sertanejos a partir dos debates sobre relações étnico-raciais, sendo essa ação, muito bem descrita como um território de encontros, partilhas, empoderamento, esperanças e muita ação.

As Profa. Dra. Maria Aparecida Silva, Profa. Me. Monica Regina Nascimento dos Santos, Profa. Dra. Ana Cristina Conceição Santos, Profa. Me. Adriana Deodato Costa e Profa. Dra. Suzana Libardi, registram em “A Memória do Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisas sobre Diversidade e Educação do Sertão Alagoano – NUDES - construída através da Extensão Universitária”, uma reflexão sobre educação e sua contribuição



para a formação de sujeitos históricos, reconhecendo as comunidades quilombolas e indígenas.

Os Profs. Me. Flávio Augusto de Aguiar Moraes e Dr. José Ivamilson Silva Barbalho, registram em “Núcleo de Pesquisa e Estudos Arqueológicos e Históricos: espaço de investigação, construção e produção de conhecimento”, a criação de espaço de investigação e produção científica com aderência e reconhecimento por contribuir com a inserção das/os estudantes e em programas de pós-graduação *stricto sensu*.

“A Formação em Geografia no Sertão de Alagoas: uma experiência de conhecimento”, do Prof. Me. Kleber Costa da Silva, é um inquietante registro, que, ao final nos deixa duas questões provocativas: o que aprendemos e o que queremos aprender para os próximos dez anos? Como docente que o é, as duas questões provocativas foram feitas por um estudante, foram respondidas em uma narrativa que se enlaçou em um compromisso com o saber verdadeiro e com a terra, lastros dos 10 anos de atividades do Campus Sertão.

As Profa. Dra .*Viviane Regina Costa Sá*, em “Mãos que ajudam a contar”, presenteia-nos com a memória de um projeto sob sua liderança, resultante das ações desenvolvidas na disciplina Seminário Integrador II dos cursos de Engenharia Civil e Engenharia de Produção, em escolas da rede municipal do município de Delmiro Gouveia. Esse relevante projeto contribuiu para a conscientizaçãodos graduandos, sua inserção em atividades de extensão e pesquisa, apresentando aos mesmos



a necessidade de qualificação profissional, comprometimento social e humanização, eixos centrais da formação na UFAL, Campus do Sertão.

No mosaico organizado pelo Prof. Dr. Lucas Gama Lima, intitulado “GEPAR: formação e consolidação”, apresenta o legado na formação teórica e no envolvimento sistemático de discentes na prática da pesquisa, com destaque também para as/os integrantes que ingressaram em programas de pós-graduação pelo país, cursando mestrado e/ou doutorado.

Com um olhar afetivo e diverso, as Profas. Dra. Ana Paula Solino Bastos, Dra. Lílian Kelly de Almeida Figueiredo Voss e Me. Giseliene Medeiros Almeida, com a colaboração da graduanda Thayza Torquia Silva, registram “O curso de Pedagogia no campus do Sertão: um olhar à luz da maternidade/paternidade na formação acadêmica”. No texto, fica evidenciado que o Curso de Pedagogia no campus do Sertão abre espaço para a participação masculina ampliando a construção dos papéis sociais na prática pedagógica.

O Prof. Dr. Rafael de Oliveira Rodrigues, com a colaboração de Laís Carolina da Silva, bacharela formada pelo campus do Sertão, fazem um relato de experiência intitulado “Patrimônio cultural como recurso turístico: reflexões a partir da cidade de Piranhas, Alagoas”, é fruto de um projeto interinstitucional e interdisciplinar que demonstra como a preservação do patrimônio cultural foi capaz de transformar uma cidade, por meio da produção



conhecimento, sentimento de pertencimento e a ressonância entre as políticas públicas e a sociedade civil.

No registro do Prof. Dr. José Roberto da Silva, com a colaboração dos estudantes e/ou egressos Cléberton Luiz Gomes Barboza, Hugo Pedro Silva dos Santos, José Alesson Rodrigues Lima, José Londe da Silva, Maycon Roberto dos Santos Queiroz e Sávio dos Santos Lima, intitulado “Grupo de Estudo Leitura Heideggeria de Nietzsche e os dez anos do Campus Sertão da UFAL”, temos o registro carência e da demanda crescente pelo pensamento filosófico, que assim como outros saberes, ganhou espalho e foi impulsionador das vidas das/os estudantes da região.

Além das/os docentes, servidoras/es e egressas/os que teceram as narrativas anteriores, esta coletânea conta ainda com a participação de 15 autoras/es que juntos construíram o relato “PET: Ações das Engenharias”. As/os peteanos descrevem o impacto do programa sem vidas e também na vida da população local, por meio da tríade – ensino, pesquisa e extensão – realizadas ao longo dos anos de existência do PET.

Aluísio Norberto dos Santos e Rogério Brillhante Gonçalves, representando o coletivo de técnicos do campus, descrevem a importância da prática do esporte em termos da qualidade de vida, saúde, equilíbrio físico e cooperação acadêmica. Realentam as diversas atividades esportivas realizadas ao longo dos 10 anos no Campus do Sertão, fortalecendo de maneira ímpar a missão da UFAL, por uma educação integral do ser humano.



Ao Sertão alagoano, foi entregue um poderoso ferramental para formação e transformação social, propiciando autonomia, bem-estar, inclusão e poder. A UFAL no Sertão tem o desafio de continuar expandindo e tem de resistir, no sentido de reexistir para garantir seu compromisso social.

A mim, que 10 anos depois do feito de ter contribuído com a missão de promover a expansão da Universidade em Alagoas, como sertaneja que sou, estou orgulhosa e feliz, porque continua chovendo novidades, saberes, desafios, inovação e tendências no Sertão alagoano, e, de minhas mãos também caíram as sementes dos dias de luta que nos deram o Campus Sertão como sementeira.



# **APRESENTAÇÃO**

## **10 ANOS DE CAMPUS DO SERTÃO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO<sup>1</sup>**

*Prof. Dr. Thiago Trindade Matias  
Diretor acadêmico Campus do Sertão  
Pesquisador Líder do GEHCE (Grupo de Estudos em História da Cultura Escrita)*

Em tempos de ataques à universidade pública brasileira e da negação da ciência, a Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, com Sede em Delmiro Gouveia e sua Unidade em Santana do Ipanema, completou, em 15 de março de 2020, 10 anos de atuação, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão nesse espaço de transformação – o sertão alagoano.

---

<sup>1</sup> Texto adaptado a partir de meu discurso na abertura da 2º Jornada acadêmica do Campus do Sertão, realizada em abril de 2019. Esse evento foi uma atividade destinada a socializar com toda comunidade acadêmica e local a produção do conhecimento desenvolvida pela Sede e Unidade de Santana do Ipanema, como também a 2ª Jornada acadêmica marcou o início das celebrações dos 10 anos de criação do Campus do Sertão.

São 10 anos de muitos conhecimentos, aprendizagens e resistências de todos e todas que fazem esse *campus* universitário.

Sim, 10 anos de criação do Campus do Sertão, ou seriam 10 anos de implantação da “balbúrdia” no sertão alagoano?

Pois bem. Trago-lhes respostas e verdades.

Criado no dia 15 de março de 2010, de acordo com folder de divulgação do Campus, (abrem aspas) “O Campus do Sertão é uma iniciativa que pretende impulsionar o desenvolvimento econômico e social de Alagoas e será implantado dentro do processo de expansão e interiorização da Universidade, inserido no projeto de Expansão das Universidades Federais capitaneado pelo governo federal.

Nacionalmente, de 2003 até 2006 foram criadas 10 novas instituições de ensino superior e 49 *campi* universitários no interior de todo o Brasil. A partir do êxito da experiência nacional de expansão das universidades federais, experimentado desde 2003, em 2007 foi concebido o Reuni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais). Recursos do Reuni possibilitaram uma nova expansão das universidades em todo o território brasileiro. O Campus do Sertão fez parte deste novo momento vivenciado pelo sistema federal de ensino superior.

No entanto, depois de tantos avanços e conquistas oriundos da implantação da universidade pública brasileira neste país, nós que fazemos este Campus chegamos a ser acusados de



“doutrinadores ideológicos”, acusados por fazermos “balbúrdia”, chamados de “idiotas inúteis” e que não fazemos pesquisa, e ainda mais, que cursos como Sociologia e Filosofia devem ser abominados da face da terra. Atitudes como estas me levam a chegar a seguinte pergunta: quem de fato é o “idiota”? Quem nos acusa disso ou o próprio acusador?

Mas sigo... ainda trazendo respostas e verdades.

### **Se “fazer balbúrdia” durante quase 10 anos do Campus do Sertão é do ponto de vista das ações de ensino:**

1. ministrar mais de **300.000 horas relógio de aula**, de 2010.1 a 2019.2.
2. ingressar 5.927 estudantes proporcionando-lhes uma formação de qualidade, voltada ao crescimento pessoal, acadêmico e da região.
3. garantir, no total, a conclusão de curso de graduação e de pós-graduação *lato sensu* de mais de 1.000 alunos/as.
4. contribuir numa formação ética e moral da população alagoana, alcançando 48,04 % das cidades alagoanas, sendo 83,83 % dos alunos do Campus do Sertão são alagoanos, 79,32% dos alunos da Sede são alagoanos, 34,53 % dos alunos da Sede são delmirenses e 97,82 % dos alunos da Unidade de Santana do Ipanema são alagoanos (dados obtidos pelo CRCA, tomando por base matrículas do ano letivo de 2018).
5. ter discentes matriculados/as oriundos/as de diversas cidades do Estado de Alagoas: Delmiro Gouveia, Água Branca, Santana do



Ipanema, Pariconha, Piranhas, Palmeira dos Índios, São José da Tapera, Arapiraca.

6. ter discentes matriculados/as oriundos/as também de outros estados: Paulo Afonso (BA), Canindé do São Francisco (SE), Glória (BA), Jatobá (PE), Petrolândia (PE).

Se permitir o acesso à universidade e transformar vidas por meio do ensino, da educação é “balbúrdia”, nós fazemos “balbúrdia” sim.

### **Se “fazer balbúrdia” durante quase 10 anos do Campus do Sertão é do ponto de vista das ações de pesquisa:**

7. propor mais 50 projetos de iniciação científica, muito mais de 50 bolsas PIBIC, além de dezenas de participações como colaboradores na iniciação científica.

8. ter cerca de 21 grupos de pesquisa e estudos ativos, atuantes.

9. ter mais de 1.000 trabalhos de conclusão de curso, fruto das investigações científicas do Campus.

Se produzir conhecimento por meio da pesquisa e da investigação científica é “fazer balbúrdia”, nós fazemos “balbúrdia” sim.

### **Se “fazer balbúrdia” durante estes quase 10 anos do Campus do Sertão é... do ponto de vista das ações de extensão:**



10. promover Projetos, Programas, Cursos, Eventos, totalizando mais de 320 ações de extensão, atendendo e contribuindo com a comunidade externa, seja ela comunidades tradicionais e as escolas, nós fazemos balbúrdia sim.

Se ter a coragem de defender a universidade pública brasileira garantindo o acesso a todos, todas e todxs, se produzir durante 10 anos de atuação ações de ensino, pesquisa e extensão, se isso é “fazer balbúrdia”, eu faço, tu fazes, ele/ela/elx faz, nós fazemos, vós fazeis, eles/elas/elex fazem. E eu continuarei a fazer.

Neste livro, você terá a oportunidade de se debruçar, de contemplar algumas dessas ações realizadas por docentes (ou seriam “balbúrdias?”), servidores/as técnicos/as e discentes durante esses 10 anos de atuação do Campus do Sertão. É um livro de memórias, mas, mais do que isso, é um livro que conta vitórias, resistências, vivências das pessoas que fizeram e fazem do Campus do Sertão um dos maiores projetos de transformação social do interior do Estado de Alagoas.

A UFAL é nossa!

O Campus do Sertão é nosso!





**Não existe dificuldade invencível nem partilha impossível.  
O Campus do Sertão acredita na força da transformação Social.**

# COMEMORANDO OS 10 ANOS DO CAMPUS DO SERTÃO

*Prof. Eurico Lôbo  
Ex- reitor da Ufal*

Comemorar os 10 anos do Campus do Sertão é festejar a transformação de uma realidade social. Estarmos presente na região do semiárido alagoano e no Sertão, tem como maior significado, contribuir com a mudança de uma realidade de exclusão, e extremas desigualdades sociais. Para atingir esses objetivos, foi preciso consolidar a expansão da Universidade Federal de Alagoas, através da oferta de um ensino público de qualidade. Junto com a então reitora professora Ana Dayse Dorea, conduzimos o Projeto de Interiorização da UFAL, iniciado em 2006 na região Agreste e posteriormente no Sertão de Alagoas, que completa este ano uma década de existência.

Nesse processo, como mais uma etapa do que consideramos o maior projeto de desenvolvimento de Alagoas, transpormos inúmeros desafios e superação de obstáculos para fazer crescer ainda mais nossa instituição. Ofertar Educação para todos, gerar, e difundir conhecimentos são os pilares do nosso

projeto, estamos realizando sonhos, modificando trajetórias de vidas, e promovendo a mudança de uma sociedade sedenta de conhecimento e de saberes, por isso é uma alegria comemorar os 10 anos de um projeto de Educação Superior vitorioso e inclusivo.

É uma imensa satisfação e uma honra poder ter contribuído para celebrar esse momento especial que traduz os 10 anos da criação do Campus do Sertão. Tive a honra de iniciar, junto com a nossa líder, Reitora Ana Deyse Dorea, todo o projeto de implantação da interiorização da UFAL, superando desafios, estruturais, logísticos e pedagógicos, pois oferecemos a comunidade universitária um projeto inovador, ousado, diferente, com estrutura e conteúdo novos.

Tivemos ainda o desafio de empoderar a sociedade local para se unir na nossa missão de interiorização, etapa essa decisiva. Essas barreiras, não arrefeceram os nossos ânimos para levar um projeto de qualidade e de equidade social. Até aquele momento, a quase totalidade dos estudantes da UFAL eram da Capital, Maceió, e nós tínhamos a certeza que poderíamos modificar esse perfil social por meio da oferta de uma educação pública de qualidade, engajada e comprometida com os reais interesses de nossa gente.

A expansão para Campus do Sertão não foi diferente. Os desafios não foram menores, mas já com a experiência inicial, e pela garra de uma equipe competente, articulada, comprometida institucionalmente e, com a participação de importantes atores locais, sociedade sertaneja e o poder público, ganhamos aliados decisivos na nossa tarefa de expansão da UFAL. Montar a estrutura



do Campus do Sertão no que se refere à construção do espaço físico foi um grande desafio. Iniciamos as atividades acadêmicas e de coordenação, em condições não ideais, em prédios públicos e alugados, mas com a convicção que esse era um momento passageiro, e que seria superado. Outra dificuldade foi a fixação das pessoas na região.

A estruturação de uma força criativa local, com técnicos e professores se mostrou igualmente desafiadora, visto que a grande maioria do pessoal recrutado era oriundo de outras regiões do país, com outras experiências e realidades, ou seja, precisávamos tê-los como protagonistas do processo. Fizemos um acompanhamento de perto para a oferecer uma logística adequada, que permitisse a participação e empoderamento de todos no projeto. Nesse cenário de grandes desafios inerentes à implantação, a nossa grande mensagem para os profissionais que estavam chegando, era de que “estávamos construindo um projeto social que iria transformar a realidade local, e que todos aqueles que participavam daquele momento seriam os verdadeiros protagonistas da transformação social tão desejada para o Sertão de Alagoas”. Gostaria de render homenagens aos professores Williams Soares Batista e Edméia, primeiros diretores do Campus, e, em particular, aos diretores eleitos, professores Agnaldo Santos e Ivamilson Barbalho, por terem vivenciado a interiorização, desde a sua origem com muita determinação, amor, carinho, liderando e contribuindo com a implantação e a mudança do perfil social da região.



Gostaria de destacar, em relação a consolidação das ações acadêmicas no Campus do Sertão, que uma das preocupações de nossa gestão foi além da melhoria da infraestrutura física, garantir a permanência dos jovens na região. Na plataforma específica de trabalho, criamos uma série de Programas e projetos de Ações Afirmativas, contemplando o segmento estudantil, a exemplo do PIBIC (Programa Institucional de Iniciação Científica), PIBID, Monitoria, Bolsa de Extensão, Bolsa Acadêmica, Programa de Língua Estrangeira e o Ciência sem Fronteiras. Este último proporcionou a ida de estudantes do sertão para intercâmbio no exterior, em particular nos Estados Unidos, com vivência, aprendizado e experiência emocionantes.

Outra iniciativa fundamental para minimizar o desequilíbrio do acesso a Universidade, pelo Exame Nacional ENEM foi a criação e implantação de um bônus de 10% na nota do Enem para os estudantes da região, ação essa também ofertada para os estudantes do Agreste. Nas ações estruturais físicas, cito construção e entrega do prédio do Campus do Sertão, em Delmiro Gouveia, um arrojado e desafiante projeto arquitetônico e de engenharia elaborado por uma competente e dedicada equipe de profissionais da Arquitetura e engenharia da UFAL. Na infraestrutura, destaco a construção do prédio do Restaurante Universitário, como fundamental para consolidar as ações permanência da comunidade acadêmica, e o início, em nossa gestão, da obra do campus de Santana do Ipanema.



Para a comunidade do Campus do Sertão, deixo aqui a seguinte mensagem:

“A UFAL chega na região para levar conhecimento, combater desigualdades, criar oportunidades e mudar realidades, hoje, o nosso projeto está consolidado e é reconhecido nacionalmente. Parabenizo a comunidade acadêmica do campus por esse momento ímpar, assim como à minha equipe de gestão que trabalhou para a realização desse sonho. Que o Sertão seja cada dia mais rico, mais forte e que possamos ter cada vez mais a nossa UFAL consolidada e contribuindo para a igualdade de oportunidade e de direitos. O nosso projeto foi concebido com esses propósitos, e é assim que assistimos o seu crescimento. Agradeço às comunidades de Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema, ao valoroso povo sertanejo, minha admiração e respeito, por acreditarem no projeto, pela ousadia e determinação na superação dos desafios, pela força e empenho na interiorização da nossa Universidade Federal de Alagoas”.





**A dinâmica dos programas e projetos desenvolvidos, nos últimos 10 anos na UFAL Sertão, foram marcados pela consonância dos progressos da ciência, mediados na consecução de novas relações de trabalho, junto às necessidades da população. A UFAL se fortalece e transforma-se no contato diário com a realidade.**

# **CAMPUS DO SERTÃO: 10 ANOS DE VIVÊNCIA ENTRE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO**

*Agnaldo José dos Santos  
Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão/Eixo da Tecnologia  
E-mail: agnaldo@delmiro.ufal.br*

Na manhã de terça-feira, no dia 26 de janeiro de 2010, foi um dia especial na história do Campus do Sertão. Na ocasião, tomou posse a primeira turma de professores a ser lotada no Campus do Sertão que iniciaria suas atividades naquele ano. Um dia antes, a UFAL estava completando 49 anos e a data foi marcada em tom de comemoração. Mais de 20 servidores ingressaram no serviço público federal na UFAL naquela data. Entre estes, a servidora técnica Lidiane da Silva, natural de Delmiro Gouveia, revelou naquele momento que toda a cidade estava em euforia com a chegada da Universidade: *“A cidade está maravilhada com a implantação da Ufal no Sertão. Além do sentimento pessoal de grande avanço, comemoro uma conquista coletiva”*<sup>[1]</sup>.

**Figura 1:** Novos servidores são empossados e participam de capacitação.



**Fonte:** Site da UFAL<sup>[1]</sup>.

Em 15 de março de 2010, as aulas começaram no Campus do Sertão em Delmiro Gouveia. A aula Inaugural, foi um momento de festa com a participação da comitiva da Reitora Ana Dayse e de várias autoridades convidadas, da região do alto sertão de Alagoas<sup>[2]</sup>. Este evento aconteceu no Salão de Festas de Jacira. As aulas se iniciaram na Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva, localizada no Bairro Novo, sob Direção de professora Edméia Nunes Sena. Ainda em 2010, a Reitora Ana Dayse nomeou professor William Soares, como Diretor-Geral do Campus e professora Edméia passou a ser a Diretora Acadêmica<sup>[2]</sup>.



**Figura 2:** UFAL completa uma década no Campus do Sertão.



**Fonte:** Site da UFAL<sup>[2]</sup>.

Desde o início, o Campus do Sertão contemplou 8 cursos de graduação. Nos projetos pedagógicos desses cursos, haviam duas entradas anuais, que se iniciavam pelo Tronco Inicial com matérias multidisciplinares de humanidades. Inicialmente, eram de duas entradas anuais com 40 alunos em cada turma.

Em 2010.2 no segundo período, os 6 cursos de Sede do Campus do Sertão iniciaram as disciplinas básicas da grade curricular (diurno: Engenharia Civil, Engenharia de Produção e as Licenciaturas em Letras, Pedagogia; e noturno, as licenciaturas em História e Geografia). Enquanto que na Unidade de Ensino de Santana do Ipanema teve início ao primeiro semestre com o Tronco Inicial para os cursos de Ciências Contábeis e Ciências Econômicas em 05 de Agosto de 2010. Nos cursos de funcionamento diurno da Sede do Campus, os ingressos ocorriam em turnos alternados



(matutino e vespertino). Excepcionalmente, os cursos da Unidade de Ensino de Santana do Ipanema as entradas semestrais ocorriam à tarde e à noite, alternadamente.

A presença da UFAL no interior alagoano veio oportunizar à população interiorana, o acesso ao ensino superior público, gratuito de qualidade. Hoje é possível que um estudante de baixa renda, optar por um curso, dentre um variado número, e frequentar uma universidade, algo que antes era quase impossível, devido não ter condições de se deslocar ou mesmo morar na capital Maceió<sup>[3]</sup>.

Os pioneiros da interiorização da UFAL no Sertão de Alagoas, enfrentaram diversos problemas, entre eles, a mudança para sua sede em Delmiro que foi ocupada de forma inacabada, em novembro de 2011. A sede do Campus possui um belo formato arquitetônico, cuja planta se assemelha a um triângulo retângulo. Na ocasião dessa ocupação, em 2011, apenas um dos três lados estava concluído, o lado que hoje é usado como salas de aula.

Com a mudança para nova sede, a gestão do Campus já estava sob Direção-Geral do professor Ricardo da Silva. A partir de maio de 2012, a Direção Acadêmica foi substituída pelo professor Gabriel Soares Badue, cuja gestão com professor Ricardo, durou de maio de 2012 até em março de 2013.

Nos primeiros anos do Campus do Sertão muitos grupos de pesquisas e de extensão foram criados. A exemplo do Grupo de Extensão Ações das Engenharias, o Grupo PET das Engenharias,



o Grupo NUDES, o Laboratório e Energia Solar, o Grupo NUPRES, as empresas juniores, sendo que a 19 Engenharia dos cursos de Engenharia Civil e Engenharia de Produção foi a primeira EJ do Campus, fundada em 2013. Foram criadas também as empresas Vetor Jr. Consultoria (cursos de Engenharia Civil e Engenharia de Produção) e a EJ Contec (cursos de Ciências Contábeis e Ciências Econômicas da U. de Ensino de Santana do Ipanema). Na gestão de Professora Edméia Nunes Sena foram criadas comissões acadêmicas de pesquisa, de ensino e de extensão. Essas comissões contribuíram para fomentar ações de cunho acadêmico nos primeiros anos do Campus do Sertão. Os primeiros colegiados e NDEs só foram criados quando cada curso contava com uma quantidade mínima de professores. O Conselho Provisório do Campus foi criado através da Portaria 1297-GR de 7 de novembro de 2011. A partir de 2013, foram criados o Fórum dos Técnicos e o Fórum dos Coordenadores.

O primeiro grupo de pesquisa aprovado no Conselho do Campus do Sertão e inscrito no Diretório de Grupos do CNPq é o Grupo de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico em Energia e Recursos Naturais – GPDTERN, coordenado pelo Professor Agnaldo e sediado no Laboratório de Energia Solar do Campus do Sertão e foi criado em 2012<sup>[4]</sup>.

A partir de abril de 2013, teve início a gestão dos professores Agnaldo José dos Santos (Diretor- Geral) e José Ivamilson Silva Barbalho (Diretor Acadêmico). O processo de escolha desses diretores passou pela aprovação do Conselho Provisório do



Campus do Sertão, que delegou uma Comissão Eleitoral seguindo orientações de Resoluções do Consuni/UFAL. Já na primeira reunião com a PROGEP/UFAL, os novos diretores receberam 8 novas funções gratificadas (FG-01) para formarem sua equipe de gestão. A decisão sobre quais setores seriam contemplados com funções gratificadas foi deliberada no Conselho Provisório do Campus do Sertão. Foram criadas as Coordenadorias de Graduação, de Pesquisa, de Extensão, de Gestão de Pessoas, do Tronco Inicial e a Coordenadoria Acadêmica de Santana do Ipanema. Até aquela data, no Campus do Sertão já existiam as seguintes funções gratificadas: Diretor-Geral (CD-03), Diretor Acadêmico (CD-04), Coordenador Geral da Unidade de Ensino de Santana do Ipanema Santana do Ipanema (FG-01) e 8 gratificações para os coordenadores de curso (FCC-01).

A gestão dos professores Agnaldo José dos Santos (Diretor Geral), com José Ivamilson Silva Barbalho (Diretor Acadêmico) durou de 01 de abril de 2013 a 01 de abril de 2017. Em 2017, um novo processo de escolha de diretores foi aprovado pelo Conselho do Provisório do Campus do Sertão. Uma nova gestão teve início em 04 de abril de 2017. Professor Agnaldo José dos Santos (Diretor Geral) passou para um segundo mandato de 4 anos com professor Thiago Trindade Matias (Diretor Acadêmico).

A gestão da direção do Campus do Sertão foi marcada pelo planejamento e pela transparência das ações. Em 2013 foi realizado o primeiro planejamento interno das ações do Campus do Sertão. Os gestores do Campus do Sertão se reuniram novamente nos



dias 8 e 9 de dezembro de 2015 para planejar e avaliar as ações administrativas. Desta vez, o encontro foi realizado no auditório do Hotel Águas do Velho Chico em Canindé do São Francisco-SE<sup>[5]</sup>. Já em 2017 a Equipe de Gestão se reuniu pela segunda vez no auditório do Hotel Águas do Velho Chico para fazer um novo planejamento, para os anos de 2018-2019, 2020 e 2021<sup>[6]</sup>.

**Figura 3:** Campus do Sertão realiza encontro de planejamento de ações para 2015.



**Fonte:** Site da UFAL<sup>[5]</sup>.



**Figura 4:** Campus do Sertão realiza o 2º Encontro de Planejamento de Ações nos dias 5, 6 e 7 de dezembro/2017. A atividade foi realizada no auditório do Hotel Águas do Velho Chico, em Canindé do São Francisco.



**Fonte:** Site da UFAL<sup>[6]</sup>.

O primeiro Coordenador-Geral da Unidade de Ensino de Santana do Ipanema foi Professor Lucas Maciel Muniz (2010) e a primeira Coordenadora Acadêmica foi Andréa Cristhina Brandão Teixeira (2013). Após a gestão de Professor Lucas, a Unidade de Santana teve como Coordenador-Geral, o professor Acúrcio Castelo David (2012). A partir de julho de 2013, o Coordenador Geral passou a ser, professor Anderson Moreira Aristides dos Santos (2013). Na sequência, vieram, Prof. José Francisco Oliveira de Amorim (2014-15), Fabrício Rios Nascimento Santos (2016), Rafael de Oliveira Rodrigues (2017), Esdras dos Santos Carvalho (2018-19)<sup>[7]</sup>.

Após a gestão da técnica de assuntos educacionais, Andréa Cristhina Brandão Teixeira (2013), a coordenação acadêmica da Unidade de ensino de Santana do Ipanema teve os seguintes coordenadores, professor Fabrício Rios Nascimento Santos (2014-15), professor Anderson David Gomes dos Santos (2016-17) e professor Alex Nascimento dos Santos(2018-19)<sup>[7]</sup>.

Em 16 de julho de 2013, foram publicadas portarias no Diário Oficial da União, pelo Reitor da UFAL, designando os servidores/as da primeira equipe de gestão da Sede do Campus do Sertão. Todos eles/as receberam funções gratificadas cód. FG-01, homologando atos praticados a partir de 01 abril de 2013. A Tabela 01 mostra os números das portarias, os nomes e funções que foram designadas.



**Tabela 01:** Portaria da primeira equipe de gestão do Campus do Sertão em 2013.

<b>Portaria Nº</b>	<b>Servidor</b>	<b>Cargo (Campus do Sertão)</b>
1.406	Rogério Brillhante Gonçalves	Coordenador da Coordenadoria de Graduação - COGRAD
1.407	David Nunes da Silva	Coordenador da Coordenadoria de Gestão de Pessoas - COGEP
1.408	Zeno Soares Crocetti	Coordenador da Coordenadoria de Pesquisa e Pós-Graduação - COPEP
1.409	Eltern Campina Vale	Coordenador da Coordenadoria de Extensão e Cultura -COEXT
1.410	Francisca Maria Teixeira Vasconcelos	Coordenadora da Coordenadoria Estudantil - COEST

1.411	Marcelo Felisberto de Lima	Coordenador da Coordenadoria de Gestão Institucional - COGINST
1.412	Maria Aparecida Silva	Coordenadora da Coordenadoria do Tronco Inicial

**[8] Fonte:** Tabela Adaptada da publicação do Diário Oficial da União, Sessão 2, pág. 28. ISSN 1677-7050. Nº 135, 16 de julho de 2013.

Com poucas funções gratificadas, o Campus do Sertão precisou de trabalho voluntário de docentes e técnicos para ampliar a equipe de gestão, para obter maior eficiência administrativa e acadêmica. E equipe foi melhorada e muitos coordenadores passaram a fazer o trabalho de voluntários sem receber função gratificada.

O Campus do Sertão passou a publicar os relatórios solicitados pela gestão central da UFAL na página do Campus, a partir do exercício de 2014. Estes relatórios trazem informações sobre a evolução das ações administrativas do Campus do Sertão. A equipe de gestão foi sendo atualizada nos últimos anos e atualmente é descrita através da Tabela 2<sup>[9]</sup>.



**Tabela 2:** Equipe de gestão do Campus do Sertão (2020)

<b>Direção Geral</b>	<b>Coordenador Geral/U. E. Santana do Ipanema</b>
<b>Direção Acadêmica</b>	<b>Coordenador Acadêmico/U. E. Santana do Ipanema</b>
<b>Secretaria Executiva</b>	
Coordenação de Graduação	Coordenação do CRCA
	Coordenação de Monitorias
	Coordenação da Biblioteca
<b>Coordenação de Gestão de Pessoas</b>	
Coordenação de Pesquisa e Pós- Graduação	Coordenação da Revista Caburé - Saberes Acadêmicos Interdisciplinares
<b>Coordenação de Extensão e Cultura</b>	
Coordenação Estudantil	Coordenação do NAE
	Coordenação do NAFE
	Coordenação do NAP
Coordenação de Gestão Institucional	Coordenação de Infraestrutura – COINFRA Administração
Coordenação de Relações Interinstitucionais	Coordenação de Acordos e Convênios
<b>Coordenação do NTI</b>	
Coordenação do Pólo UAB - Delmiro Gouveia	
Coordenações de cursos Coordenação do Núcleo de Humanidades	Coordenações de laboratórios/núcleos e grupos de pesquisa/extensão



A cada ano, um novo relatório é publicado na página do Campus do Sertão com objetivo de manter a comunidade

acadêmica informada sobre todas as ações da gestão de forma transparente. Esses relatórios apresentam também de forma bastante resumida a história do campus do Sertão através de ações administrativas<sup>[7]</sup>.

Merecem destaque as ações administrativas que alavancaram o desenvolvimento do Campus do Sertão e que estão registradas nestes relatórios:

- Processos de gestão democrática do Campus do Sertão;
- Criação e ampliação da equipe de gestão;
- Transparência das ações da gestão divulgadas na página do Campus;
- Diálogo com a comunidade acadêmica para atendimento das demandas pela Direção e pela equipe de gestão do Campus;
- Capacitação periódica da equipe de gestão;
- Climatização de todas salas do Campus do Sertão;
- Inauguração da Sede do Campus do Sertão em 2013;
- Inauguração do Polo UAB na Sede do Campus;
- Obtenção de 15 vagas de professores substitutos para a saída de docentes para qualificação em nível de mestrado e doutorado;
- Construção do Bloco Anexo Mandacaru;
- Inauguração do Auditório Graciliano Ramos;



- Construção do Restaurante Universitário da Sede do Campus do Sertão;
- Redução de dupla entrada para entrada única anual, em todos os cursos do Campus do sertão, a partir de 2017-1;
- Criação de acordos, convênios e parcerias para atendimentos de demandas de transportes de estudantes;
- Parcerias com o Deputado Federal Paulão, através de orçamento de emendas parlamentares, para compra de equipamentos de laboratórios de ensino e de uso geral para o Campus do Sertão;
- Substituição de todas as lâmpadas antigas por lâmpadas LED;
- Construção da nova Sede da UFAL em Santana do Ipanema;
- Desenvolvimento de processos de compras por servidores do Campus;
- Autonomia nos processos de concursos por servidores do Campus;
- Manutenção de contratos de serviços através de gestores e fiscais do Campus;
- Ampliação do atendimento aos estudantes em vulnerabilidade social através do NAE/Campus do Sertão;



- Criação do NAP (Núcleo de Apoio Pedagógico);
- Criação e consolidação de diversos grupos/núcleos de Pesquisa e Extensão;
- Criação do Grupo Abi-Axé (Equipamento Cultural da UFAL);
- Criação do Coral do Sertão;
- Criação do Grupo UFAL mais Verde;
- Criação do Grupo Enactus;
- Criação da Revista Caburé - Saberes Acadêmicos Interdisciplinares;

Os avanços citados mostram que o Campus do Sertão foi construído por um coletivo envolvendo toda comunidade acadêmica que teve o apoio de órgãos externos da região, como as prefeituras, e a sociedade civil organizada. As ações de ensino pesquisa e extensão, ao longo destes 10 anos causaram impactos relevantes no desenvolvimento da região do alto sertão de Alagoas.

Por fim, os aspectos negativos, se dão pelo fato de que o país tem passado por incertezas de ordem administrativas, o que levou a redução de orçamento de capital ao longo destes anos. A saída foi a obtenção de parcerias, para que o Campus pudesse continuar seu ritmo de crescimento.



## Referências

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. 2010. Disponível em: <https://ufal.br/ufal/noticias/2010/01/novos-servidores-sao-empossados-e-participamde-capacitacao>. Acesso em: 10 ago. 2020.

[2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. 2020. Disponível em: <https://ufal.br/ufal/noticias/2020/3/ufal-completa-uma-decada-de-presenca-ativa-no-sertao-alagoano>. Acesso em: 10 ago. 2020.

[3] UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. 1999. Disponível em: <http://www.ufal.edu.br/sertao/unidades-de-ensino/santana-do-ipanema>. Acesso em: 10 ago. 2020.

[4] UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. 1999. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2332617264153160>. Acesso em: 10 ago. 2020.

[5] UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. 2014. Disponível em: <https://ufal.br/servidor/noticias/2014/12/campus-do-sertao-realiza-encontro-de-planejamento-de-acoes-para-2015>. Acesso em agosto de 2020.

[6] UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. 2017. Disponível em: <https://ufal.br/servidor/noticias/2017/12/campus-do-sertao-realiza-o-2o-encontro-de-planejamento-de-acoes>. Acesso em: 10 ago. 2020.

[7] UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. 1999. Disponível em: <http://www.ufal.edu.br/sertao/institucional/transparencia-do-campus>. Acesso em: 10 ago. 2020.

[8] DIÁRIO Oficial da União. Sessão 2, n. 135, p. 28, 16 jul. 2013. ISSN 1677-7050.





**O Campus do Sertão, compreende que o lugar de fala dos sujeitos da educação superior é caracterizado pela perspectiva da pluralidade, liberdade de expressão, tolerância religiosa, identidade étnica e sexual, como possibilidade de escolha que cada um faz, no campo das relações democráticas. A UFAL pauta seus valores, nas premissas que regem o Estado Democrático e de Direito.**

# GESTÃO INTERINSTITUCIONAL

*José Ivamilson Silva Barbalho*  
*Professor do curso de Pedagogia /Campus do Sertão/ Vice coordenador do*  
*NUPEAH*  
*E-mail: ivamilsonbrabalho@gmail.com*

Ao longo dos últimos oito anos, o Campus do Sertão procurou se aproximar, respeitosamente, sob a premissa do diálogo permanente, de instituições, parlamentares, pessoas e entidades parceiras do Ensino Superior. No primeiro momento, caracterizamos as instituições que já mantinham uma relação dialógica conosco. A exemplo, iniciamos um acompanhamento constante das necessidades de transporte/deslocamento da comunidade acadêmica, advindos dos municípios circunvizinhos, observando o impacto orçamentário para realização do mesmo, relacionados aos riscos de descontinuidade e evasão escolar. Reuniões, provocadas pela Direção Geral, Direção Acadêmica, Coordenação Interinstitucional e estudantes, foram realizadas com prefeitos, secretários de educação e de transportes, a fim de objetivar uma política de apoio contínuo, em relação ao transporte estudantil, regular, seguro e gratuito.

Um dos primeiros resultados ocorreu com a disponibilização de ônibus pela prefeitura de Delmiro Gouveia, na gestão do prefeito Luís Carlos, consolidando-se na gestão do prefeito Padre Eraldo; seguido da disponibilização, também de ônibus, pela prefeitura de Paulo Afonso. Outras cidades e municípios fizeram o mesmo, a exemplo de Água Branca e Pariconha. Como resultado prático dessa parceria, o índice de presença do estudante na universidade foi assegurado, pois os veículos, sob supervisão das secretarias municipais, estão escalados para atender os três turnos de funcionamento da UFAL. Avaliamos como fundamental e estratégia dessa parceria, pois sem ela, a grande maioria dos estudantes, não poderiam realizar seu deslocamento, na regularidade que o fazem hoje. Transportes seguros, profissionais responsáveis, comunidade satisfeita, formam o tripé dessa política interinstitucional.

De modo correlato, a parceria com as prefeituras, mostra o nível de comprometimento dos gestores públicos, eleitos democraticamente pelo povo, com a formação e qualificação técnica de seus munícipes. Investir em educação não é desperdiçar recursos, ao contrário, é uma maneira de garantir equidade social com alcance de médio e longo prazo. Para acertar os desníveis regionais é preciso acertar a maneira como se faz política. Nesse sentido, compreendemos que os gestores municipais estão empenhando-se com responsabilidade com as demandas da educação superior. Uma formação que esteja adequada as necessidades dos municípios é um desafio colocada à UFAL Sertão.



Compreendendo a importância disso, a coordenação interinstitucional do campus, busca aprimorar os acordos de parcerias, de modo a tornar comum a defesa da educação pública e de qualidade, construindo relações de confiança, assegurando plena autonomia, juntos as instituições afins.

A coordenação interinstitucional foi uma necessidade da gestão atual, que sempre primou pela necessidade de tornar mais rápido, próximo e verdadeiro a aproximação com setores do entorno. Comunidades rurais oriundas de assentamentos, indígenas e quilombolas, contam atualmente com a UFAL, na defesa de suas pautas de lutas específicas. Inúmeros eventos, plenárias, encontros, fóruns ou seminários temáticos, foram realizados nos últimos anos, dentro do campus, com a presença significativa desses sujeitos sociais de direitos. O Campus Sertão hora-se muito por essa parceria.



**Figura 1:** Entrega de Placa ao Prefeito Padre Eraldo



**Fonte:** Assessoria de comunicação campus Sertão/Ufal, 14 de junho de 2017

O prefeito de Delmiro Gouveia, Padre Eraldo, homenageado pela direção do Campus do Sertão da UFAL. A homenagem foi uma forma de reconhecer e agradecer ao gestor municipal pela parceria com o campus, em ter disponibilizado transporte gratuito, com segurança e qualidade para os estudantes do município.

Outra demanda fundamental para continuidade das ações do Campus, tem sido a relação fecundíssima firmada com o Deputado Federal Paulo Fernandes dos Santos, mais conhecido como Paulão, do Partido dos Trabalhadores – PT. Desde 2018, através de recursos oriundos de emendas parlamentares disponibilizadas pelo deputado, a parceira com o campus se materializou, com mais força. As emendas de 2018/2019/2020, tem sido um suporte fundamental para a UFAL Sertão.

Com o período de contingenciamento e duríssimos cortes orçamentários, imposto pelo Governo Federal aos Serviços Públicos, da atual gestão do governo Bolsonaro, o setor de compras do Campus, recebendo demandas das coordenações de cursos, otimizou 100% os recursos oriundos das emendas, dividindo-as, equitativamente. Já foram investidos, nesses últimos dois anos, cerca de um milhão de reais na aquisição e compra de equipamentos para laboratórios, mobiliário, aparelho de ar-condicionado, e maquinarias diversas.

Em 2018 recebemos 500 mil, sendo destinado 100 mil na compra de aparelhos de ar condicionado para Unidade de Ensino de Santana de Ipanema. 350 mil foram para laboratórios e 50 mil para ar condicionado da Sede Delmiro Gouveia. Em



2019 também 500 mil assim distribuídos: 200 mil para Santana do Ipanema, aquisição de ar condicionados; 150 mil foram destinados à laboratórios de ensino; 90 mil às coordenações de cursos e 60 mil em gastos administrativos de capital. Para o ano de 2020, nova emenda destinada ao campus, o valor será de 600 mil reais, a serem divididos de maneira proporcional as demandas apresentadas à administração. Esse apoio parlamentar se deu graças a uma aproximação com o vereador Pedro Paulo do Partido dos Trabalhadores, PT, e o prefeito Padre Eraldo, da cidade de Delmiro Gouveia. Ambos são ponte importante de aproximação interinstitucional e defensores incansáveis do projeto de interiorização das universidades públicas no país. Desde então, o deputado Federal Paulão, o vereador Pedro Paulo e o Prefeito Pe Eraldo tornaram-se, para o Campus do Sertão, grandes parceiros e aliados, pessoas que se colocam na vanguarda no Estado, pela defesa da educação pública, gratuita e de qualidade, comprometidos com os reais interesses do povo sertanejo e brasileiro. Por diversas vezes a Direção do Campus prestou homenagens ao Deputado Paulão, Pedro Paulo e Padre Eraldo, como forma honrosa de reconhecimento pelo valoroso trabalho, debitado a favor da comunidade universitária da UFAL, em Delmiro Gouveia.



**Figura 2:** Pronunciamento do Deputado Federal Paulão em colação de grau



**Fonte:** acervo do campus sertão

**Figura 3:** Entrega de Placa ao Deputado Federal Paulão



**Fonte:** acervo do campus sertão



**Figura 4:** Deputado Federal Paulão e o Reitor Josealdo Tonholo



**Fonte:** acervo do campus sertão

**Figura 5:** Visita do deputado Federal Paulão aos laboratórios de engenharia



**Fonte:** Nupeah



**Figura 6:** Entrega de brinde ao Deputado Paulão



**Fonte:** Nupeah

**Figura 7:** Entrega de Equipamentos. Emenda parlamentar do deputado Federal Paulão



**Fonte:** acervo do campus sertão



## **GEPEEIQ - Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Escolar Indígena e Quilombola**

O Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Escolar Indígena e Quilombola (**GEPEEIQ**) do Campus Sertão, vinculado ao Curso de Pedagogia, criado em 2017, realiza, sistematicamente, ações de formação, pesquisa e estudos com discentes, acerca de temas afins à diversidade étnica e relações interétnicas regional e nacional. A defesa dos direitos étnicos, de classes, gênero ou linguísticos, dentro do campo acadêmico, propiciou que se produzissem políticas governamentais para tentar responder particularidades dessas demandas. Entretanto, em sociedades multiculturais e plurilinguísticas, como a brasileira, estamos amadurecendo esse debate.

O **GEPEEIQ** tem como objetivo, promover entre os estudantes indígenas e quilombolas, uma maior aproximação com os estudos interculturais da educação e das ciências humanas. Dedicar-se a acolher esses estudantes, no âmbito da orientação de temas e projetos em pesquisas, cujo interesse temático demarquem às principais necessidades das comunidades indígenas e quilombolas da região. Diversos Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC, já foram defendidos a partir do viés étnico regional.

O Campus do Sertão compreende que localizar-se na região de Delmiro Gouveia tem sido uma oportunidade única para esses estudantes, provavelmente para a maioria, a única possível, dado as



condições socioeconômicas das famílias indígenas e quilombolas. Das seis comunidades do entorno (Jeripanko, Karuazu, Koipanká, Katokim, Karuazú, Kalankó) a UFAL já recebeu estudantes, formando diversos deles. De modo semelhante, também os das comunidades quilombolas (Serra das Viúvas, Moreira de Baixo; Malhada Vermelha). Um fator importante para assegurar a permanências desses estudantes, têm sido o programa de bolsa indígena e quilombola, viabilizado pelo governo federal, cujo critério de distribuição dá-se com anuência da comunidade no período de ingresso à universidade. Formar estudantes comprometidos/as com os projetos de suas comunidades é um desafio institucional que a UFAL tem abraçado. Entende que a riqueza das expressões e experiências interétnicas, no campo da formação acadêmica, é também uma maneira de combater resquícios do racismo brasileiro, e devolver à dignidade aos mais excluídos, historicamente de nossa sociedade.



**Figura 8:** Povo Koiupanka



**Fonte:** Daniela Oliveira da Silva

**Figura 9:** Povo Karuazu



**Fonte:** Daniela Oliveira da Silva



**Figura 10:** Curso do GEPEEQ



**Fonte:** acervo do grupo

## UFAL MAIS VERDE

Não se caracteriza um projeto propriamente dito, mas uma postura de ação em relação a harmonia e preservação ambiental do Campus, assumida pela atual gestão. Nesses últimos oito anos, foram mais de 1400 árvores nativas e plantas diversas, incorporadas nos espaços abertos e de circulação interna da UFAL Sertão. Nosso objetivo tem sido possibilitar um ambiente mais verde, defesa da consciência ecológica, preservação ambiental, agregando na instituição, parte da riqueza da flora sertaneja regional.

O campus dispõe de áreas de preservação de espécies nativas e espaços de paisagismo diversos. Nos últimos anos, a Direção Geral e Acadêmica possibilitou que ações internas



pudessem acontecer a favor de uma UFAL Mais Verde. Desenvolveu atividades socioeducativas quanto a utilização de água, matérias descartáveis, iluminação. Construímos a campanha de eliminação de copos descartáveis no Restaurante Universitário; uso consciente da água e do papel toalha nos banheiros; incorporação de lâmpadas LED de baixo consumo em todo campus; controle de eficiência do uso dos aparelhos de ar condicionado nas salas de aula e outros equipamentos eletrônicos. Trata-se de ações formativas no campo pedagógico, mais também estético e paisagismo, de modo geral. Temos atualmente, uma UFAL mais bonita, harmoniosa e acolhedora. Grande parte das espécies nativas foram adquiridas devido à parceria com o Viveiro Florestal da Chesf em Xingo/AL; Chef Paulo Afonso e Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura de Delmiro Gouveia, gestão Padre Eraldo. Compreendemos que esses grandes parceiros são fundamentais para uma UFAL Mais Verde e ecologicamente viva; sem eles, à aquisição de mudas nativas, teria sido quase impossível. O cuidado com a UFAL se estende a defesa do patrimônio ambiental, histórico e arqueológico da região, como características essenciais da identidade regional do povo sertanejo. A UFAL preserva e defende o meio ambiente; engaja-se na proteção da biodiversidade e se compromete com a qualidade de vida dessa e das próximas gerações.



**Figura 11:** Pátio interno Campus do Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde



**Figura 12:** Imagem da entrada principal do Campus do Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde

**Figura 13:** Pátio externo Campus do Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde



Se observamos o que semeamos e não encontramos fruto algum, é porque deixamos estragar entre abrolhos e espinhos o que devíamos ter cuidado com atenção e esmero. Não é esse o caso da UFAL Sertão. Temos orgulho de dizer que numa década, colhemos inumeráveis frutos, formando centenas de estudantes, profissionais competentes. Inúmeros projetos e pesquisas realizadas; ações extensionistas exitosas; livros publicados; formações e capacitações ofertadas; debates produzidos, seminários construídos, intercâmbios firmados e estudantes acolhidos no mercado de trabalho. Dezenas de nossos ex-alunos já fizeram ou estão cursando mestrado e doutorado, em grandes instituições públicas, dentro e fora do país. É a UFAL cumprindo seu papel, como formadora de opinião, colocando-se na vanguarda do Estado, no âmbito técnico/profissional, fomentando diversas áreas da pesquisa e produção do conhecimento.





**Pela educação combate-se atitudes, muitas vezes estigmatizadas por discriminação, falta de informação, ausência de solidariedade, desdém e baixa empatia. Atos preconceituosos serão reformados; gestos podem ser modificados; comportamentos anulados; preconceitos superados e palavras corrigidas. O Campus Sertão acredita na formação como vetor de transformação sociocultural e política.**

# **A FORMAÇÃO EM GEOGRAFIA NO SERTÃO DE ALAGOAS: UMA EXPERIÊNCIA DE CONHECIMENTO**

*Kleber Costa da Silva  
Professor do Curso de Geografia do Campus do Sertão, UFAL  
Email: kleber.csilva@hotmail.com*

No ano de 2010, um estudante questionou-me a respeito do que é Geografia e qual o seu papel enquanto ciência. Estávamos no primeiro ano do Curso de Geografia no Campus do Sertão e significava um momento de iniciação do processo de afirmação da área e de sua caracterização como campo científico a colaborar com o conhecimento da realidade regional. As perguntas do estudante se localizam no âmbito de preocupações legítimas e que obviamente perpassam a consolidação da própria Geografia como ciência desde Alexander von Humboldt, mas que também dizem respeito à consolidação de um curso de graduação no Sertão de Alagoas.

Longe de oferecer uma resposta definitiva às suas perguntas, sugeri que ele pensasse sobre a sua situação pessoal

enquanto sujeito integrado a uma realização social, cultural, política e econômica, e aos impactos em relação ao ambiente físico-natural. Esse direcionamento de reflexão é comum e já largamente utilizado pelos professores de Geografia na caracterização do campo de estudos. Toma-se como referência fundamental a relação entre Sociedade/Cultura e Natureza. No entanto, considere relevante levar o estudante a pensar sobre a Geografia a partir de sua realidade pessoal e a integrar concepções teóricas ao tratamento de suas indagações. A propósito, a Geografia é um tipo de saber e de conhecimento cujo valor maior se encontra principalmente nos seus fundamentos e contribuições teórico-conceituais.

O estudante cursava o primeiro semestre naquele ano. Ainda sem acesso às disciplinas específicas do Tronco Profissionalizante da Geografia, porque o desenho formativo obedecia inicialmente ao acesso de estudantes a concepções e saberes gerais, e a propostas interdisciplinares do então Tronco Inicial (Primeiro Semestre de Curso), o estudante viu-se diante da dificuldade de identificação em relação à área. Penso que é uma questão natural que se apresenta a todo iniciante em Geografia, saber o que significa aquela ciência com a qual ele pretende construir um percurso de estudos e de trabalho.

Rendo-me, porém, à posição daqueles que se preocupam com os significados e as razões teóricas e metodológicas de seu campo de estudos, mas que estão sendo atualizados a todo instante pelos questionamentos sinceros de seus estudantes e ouvintes.



Ao professor compete o desenvolvimento de um percurso de amadurecimento intelectual à luz das questões mais veementes à curiosidade pessoal de quem o provoca na tentativa de consolidar o que costumo chamar de *experiência de conhecimento*; um empreendimento pedagógico de esclarecimento da realidade em virtude de uma consciência que sinceramente problematiza concepções e razões em direção à verdade, e compõe a unidade do seu ser conhecedor em relação às circunstâncias concretas da vida, do tempo e do espaço.

O questionamento do estudante, então, sugeria reflexões sobre o que verdadeiramente representa a Geografia como saber e como ciência e o que ela pode provocar como caminhos de trabalho. A célebre frase do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, por falar nisso, aparece como um pressuposto relevante – *“Eu sou eu e as minhas circunstâncias”* –, a nos levar ao reencontro pessoal e reflexivo com o real. O sujeito se vê e vê, há um ponto de partida à apreciação do mundo, tanto quanto um ponto de chegada, que não é definitivo mas permite uma intermediação epistemológica, a experiência de conhecimento. Continua sendo, daí, um clamor válido para a atualidade em relação à orientação consciente de nossa situação e de nossa presença no mundo e nos lugares. Cada sujeito, cada circunstância, um mundo pessoal de possibilidades de conhecimento, um fazer sincero de uma história de independência e de amadurecimento.

Ademais, à Geografia se lançam desafios que já há muito se revelam nesse percurso provocado por Ortega y Gasset.



Noutras palavras, um percurso que a leva a tornar-se um campo de reflexão e de investigação voltado especialmente às condições de existência e de sobrevivência oriundas das e ligadas às circunstâncias espaciais. O profissional de Geografia mantém relações com o empírico e com o “mundo das idéias” numa tentativa de construção coerente de narrativas e explicações sobre o que ele é enquanto sujeito que conhece e concebe, e o que ele representa e como atua diante do que está posto nos seus entornos imediato e distante. Nesse sentido, é uma investida na construção da afirmação em relação às nossas escolhas mais ou menos racionais e relações sociais no que toca à definição e aos significados dos lugares e dos territórios. A Geografia é um saber que atua promovendo as noções de ser e estar à luz da filosofia original e do conhecimento sobre os territórios e lugares, de atuar e de conceber estratégias ao desenvolvimento da vida e da cultura, carregando grande responsabilidade sobre o destino dos seres humanos.

Isso parece ser um desafio muito grande a um único campo do saber. Sim, possivelmente. Mas se refere em especial à condição mesma do ser humano situado e à complexidade da realidade espacial. Ou seja, todos nós necessitamos de ligações concretas e significativas com o mundo e com os lugares, sem as quais o sentido de nossas existências não se consolida e não perdura. Disse Aristóteles, o filósofo, que jamais alguém pensaria ou diria algo sem o reconhecimento da existência dos lugares. Somos seres situados, verdadeiramente integrados a circunstâncias espaciais



reais com as quais validamos as nossas presenças, desenvolvemos nossas razões vitais e constituímos a necessárias nomeações e julgamentos ao andamento do cotidiano. Isso pede logicamente que a realidade seja percebida, nomeada e julgada, senão e ainda concebida, com ferramentas teóricas e metodológicas adequadas ao esclarecimento, ao longo de um processo amplo e duradouro de amadurecimento.

Eis o terreno favorável às exigências de apreciações e de questionamentos focados nessa dimensão importante da realidade, a espacial. E também a oportunidade para um campo científico específico, a Geografia. Por ora, importa conceber um campo de atuação intelectual, e também profissional, que enxerga na interpretação de como temos escolhido o relacionamento com o mundo em três níveis principais: o de como nós, sujeitos conscientes, nos relacionamos com o real; o de como nós, enquanto sociedade e cultura, desenvolvemos ligações com a natureza física; e, o de como nós nos apropriamos das vivências e das consolidações históricas de nossas presenças.

Mais do que uma mera coleção de dados e informações sobre os lugares, países e regiões, a Geografia surge assim como uma proposta de conhecimento, e de reflexão, particularmente ligada à situação das pessoas em sua totalidade existencial no que toca à dimensão espacial; sujeitos livres que pensam, que se relacionam, que dependem de disposições simbólicas e culturais, que interagem socialmente, que interferem na natureza na mesma medida que a ela se integram.



Diante do exposto, eu não ousaria responder ao estudante através de uma curta e apressada definição de Geografia e do seu papel. Enquanto experiência de conhecimento, vejo ser necessário sentir o peso de uma tradição de vivências e de um legado de conhecimentos e referências que a consolidam no rol de ciência em que se encontra atualmente. Isso pede aos envolvidos o interesse e a participação, se assim o desejarem, num caminho de descobertas e de aperfeiçoamento de suas visões e de seus julgamentos com o apoio da própria Geografia.

Antes de ser vista, então, como uma disciplina científica a simplesmente colecionar dados e informações sobre panoramas de natureza e de cultura, reitero, é a Geografia já uma tradição de conhecimentos e de reflexões teórico-metodológicas desde o século XIX. Antes disso, obviamente, já esteve presente na história não como ciência, mas como um saber amplo a orientar a presença humana no mundo e às suas necessidades de sobrevivência e de domínio territorial, desde a Antiguidade e a Idade Média até a Modernidade. Todavia, foi com as escolas de pensamento alemães (Alexander von Humboldt, Karl Ritter, Friedrich Ratzel) e posteriormente com as francesas (Vidal de La Blache), além do advento das sociedades geográficas nacionais e do empreendimento de expedições científicas a partir da Europa em direção ao restante do mundo, junto ao ímpeto colonialista ainda reinante em meados do século XIX, que a Geografia passou a ser um conhecimento científico estratégico aos desenhos geopolíticos, à cultura mundial e à civilização que se pretendia



firmar. Ao longo do século XX, a Geografia passa a ser vista como uma ferramenta importante aos projetos estratégicos de Estado e de mercado, aos empreendimentos de ensino e de conhecimento sobre realidades nacionais e regionais, às análises críticas a respeito das condições de mudanças políticas e das desigualdades sociais em relação ao espaço, e mesmo como alternativa de interpretações às disposições pessoais em sua relação de apego e de significação com os lugares e paisagens.

A Geografia, nos últimos anos, tem atualizado as suas contribuições em direção à leitura de um mundo aparentemente mais complexo, em vista das facilidades técnico-informacionais e de acesso relativo aos bens de informação e de conhecimento nesse limiar de século, e colabora especialmente no trato de questões ligadas aos seguintes direcionamentos:

a) o aprofundamento da reflexão de base teórico-filosófica e de situação do pensamento em relação a como nos vemos como seres conscientes de nossas presenças e de nossas atuações em relação ao espaço, às pessoas e à cultura;

b) o desenvolvimento de novas ferramentas de coleta, registro e interpretação de dados e informações espaciais, sobretudo no âmbito de geotecnologias de mapeamento e aquelas ligadas ao monitoramento remoto e à cibernética;

c) O aprofundamento de questionamentos e de análises críticas concernentes à diminuição dos problemas sociais e ambientais;



d) o desenvolvimento de investigações apropriadas ao conhecimento de razões e de padrões de realização dos eventos físico-naturais e a sua relação com a presença humana no mundo e nos lugares;

e) a interpretação de conteúdos simbólicos e de narrativas favoráveis às identidades e à afirmação cultural e territorial dos povos ao longo do tempo e junto ao espaço;

f) o aperfeiçoamento de linhas de reflexão e de ação no âmbito da educação formal e informal, de metodologias de ensino e aprendizagem, de refinamentos didáticos e pedagógicos e de potencialidades de progresso do pensamento crítico sobre as circunstâncias geográficas.

Entendo, todavia, que o estudante certamente se vê diante de um desafio ampliado no seu projeto de construir um percurso de estudos e de trabalho ao notar que tudo isso demanda um esforço e uma dedicação a mais. Ter ciência de e acessar essa Geografia acadêmica na Universidade, que se difere em muitos aspectos e sentidos da Geografia até então conhecida no contexto do ensino médio e fundamental, a saber, dadas as singularidades didático-pedagógicas que a caracterizam, leva o estudante ao encontro de uma nova experiência de conhecimento.

E essa experiência leva em consideração três percursos fundamentais à formação dos profissionais de Geografia. A saber, em primeiro lugar, o encontro com os fundamentos teóricos a priorizar o conhecimento do estado da questão e do debate



forjado até o presente. A rigor, ao profissional de Geografia é importante aprofundar a leitura teórico-filosófica (desde os projetos socráticos e aristotélicos originais até os caminhos paradigmáticos oriundos da especulação moderna), literária e discursiva (localização e ciência do imaginário, das significações e da coerência dos conceitos e definições), histórica, antropológica e estética (arte e cultura ao longo do tempo), além dos aportes concernentes às suas categorias fundamentais de análise (espaço, paisagem, região, território e lugar). Saber como se originam as ideias e como se forjam as mentalidades, desde as contribuições de pensadores do passado até o debate mais recente, ajuda a situar o campo dentro de um percurso relativamente coerente de questionamentos e de descobertas, internamente e na relação com os demais conhecimentos.

É claro que, por apresentar-se como um saber que busca conhecer uma face relevante do mundo e da vida das pessoas, a Geografia importa também como um conteúdo a ser compartilhado na forma do ensino. Os valores e as escolhas sociais colocam a Geografia num lugar central à reprodução da cultura e do conhecimento, bem como enquanto condição mínima à constituição do sujeito conhecedor e independente, e ao menos potencialmente consciente de sua situação espacial e social. Fazer Geografia, assim, é preocupar-se com as possibilidades de transformação de seus conteúdos de investigação em ingredientes a promoverem a educação e o aprimoramento da apreciação e da leitura espaciais. Isso exige que a formação se concentre em



metodologias voltadas às concepções teóricas e aos sentidos do saber, aos processos cognitivos, intelectuais e comunicacionais, aos procedimentos técnicos e às metodologias de ensino aplicáveis à potencialização do esclarecimento e da evidência dos fatos e processos que forjam a espacialidade, ao domínio de linguagens e ao aperfeiçoamento do ordenamento lógico e do caráter dialético geral do pensamento. Nessa perspectiva, a Geografia é um processo de investigação e, em paralelo, é também um processo de aprendizagens e ensinamentos, ampliados ao empreendimento de uma cultura de conhecimento.

Em segundo lugar, porque é ciência e direcionada à resolução de questões específicas a se aprofundarem com o processo natural de pesquisa e de investigação, solicita-se do profissional de Geografia uma formação técnica e metodológica apropriada ao entendimento de noções e realidades espaciais. Refiro-me ao conhecimento e à apropriação de ferramentas objetivas de apreciação, coleta e registro de dados e informações, avaliação e validação, interpretação e comunicação. Desde o registro fotográfico e a aplicação de questionários até a utilização de geotecnologias e processamento de dados e imagens de satélite, conhecer modos certos de ler e julgar aspectos centrais a determinados recortes espaciais e comunicá-los de maneira minimamente coerente. E me refiro também ao conhecimento de padrões e de lacunas de pensamento inerentes ao desenho metodológico das percepções, das interpretações e dos juízos; o embasamento mínimo à atuação das inteligências.



Ademais, a comunicação e a interpretação tocam no cerne do esforço e do trabalho geográficos – um terceiro percurso. Para além da mera descrição, o que em si mesma já exige amadurecimentos e aprofundamentos de intenção, de foco e de método, será no processo de construção da argumentação acerca dos fatos que definirá o papel fundamental da Geografia como ciência. Ela é mais do que o retrato fiel do real, um texto que relata aquilo que se observa com objetividade; mais do que isso, é o intermédio crítico, a conversação entre o eu epistêmico e a realidade que o desafia, é o posicionamento seguro da inteligência em relação às condições espaciais do entorno imediato e do mundo, é a interpretação se fazendo enquanto tal e à luz das perguntas mais sinceras.

Porque pede uma vivência, um esforço de participação, uma disciplina de leituras e diálogos, um encontro com uma tradição de pensamentos e de concepções, as respostas às perguntas iniciais do estudante não podem ser respondidas de maneira definitiva, repito. Mas, quais experiências, quais motivações? Pensando nisso, o Curso de Geografia do Campus do Sertão passou a ser uma referência no que diz respeito a ver o Sertão com os olhares voltados à dimensão espacial. Um Sertão banhado pelo Rio São Francisco, de solos que desafiam a agricultura e a economia rural, de tipos biogeográficos e climáticos que ditam uma singularidade semiárida a concorrer com a umidade dos brejos e das beiras de rio. Uma história social fortemente ligada à expansão do gado aos sertões, ao



cangaço e aos empreendimentos industriais da Vila da Pedra de Delmiro Gouveia, e uma história cultural de europeus, indígenas e quilombolas, tornados sertanejos ao longo do tempo, apostando na sobrevivência de conteúdos e valores tradicionais ante o acelerado acontecer da vida cotidiana atual. Um Sertão de pequenas e médias cidades, com suas paisagens culturais derivadas da presença forte de comércio regional integrado às peculiaridades locais, dos intercâmbios em torno das feiras populares, das ligações entre rodovias, estradas e povoados, de territórios em disputa e de transformações sócio-espaciais que obedecem a novíssimas interações de mercado num mundo dito globalizado. Um Sertão de trabalhadores e empreendedores, de estudantes e de professores, uma região que necessita de constantes análises e releituras.

O que aprendemos com tudo isso? Foram dez anos de dedicação de indivíduos, docentes, pesquisadores e estudantes, que buscaram pensar o espaço e a região, as disputas territoriais, as identificações junto aos lugares, as conexões e interações forjadas nas relações sociais em redes as mais diversas. O Sertão de Alagoas é daquelas regiões que convida ao olhar geográfico, do morador ao visitante, que se vê admirando as suas serras e seus rios, sua flora e fauna, seus solos e climas, sua história e suas tradições, sua economia e sua política, como quem adora o maior dos seus tesouros; a terra à morada, à convivência e à escrita da vida. O Sertão de Alagoas chama para o questionamento e a reflexão, daqueles que perseguem as melhores formas de



saber para permanecer numa circunstância de participação e de interação cujo objetivo é a realização plena do conhecimento; ou seja, o indivíduo que se empenha a ser parte de uma madura compreensão do seu eu e do seu ser.

O que queremos aprender para os próximos dez anos? Tento aqui responder ao estudante. Há uma experiência de conhecimento ainda a ser confeccionada. Há um esforço e um trabalho ainda a ser pensado e a ser planejado. Há muitos saberes e descobertas que deverão ser parte de um empreendimento intelectual que vê a realidade com a ajuda da Geografia. Queremos aprender certamente a sermos participantes desse processo de aprendizados e de esclarecimentos. Queremos desenvolver explicações mais certas, narrativas conectadas aos sabores da gente e dos lugares da gente. A experiência de conhecimento depende muito fortemente desses enlaces e dessas disposições e atitudes, um compromisso com o saber verdadeiro e com a terra.





**A universidade entende que estar no Sertão Alagoano é uma construção diária, uma luta de defesa da melhoria na vida de centenas de pessoas. Essa possibilidade de um fazer coletivo, somente tem sido possível, devido a colaboração mútua de muitos agentes, com capacidade de discernir e agir nos ambientes diversos e plurais.**

# MÃOS QUE AJUDAM A CONTAR!

*Viviane Regina Costa Sá*  
*Profa. Eixo Tecnologia – UFAL/Campus do Sertão*  
*Email: viviane.costa@fau.ufal.br*

***Mãos que ajudam a contar!*** foi o nome dado a um projeto iniciado no ano de 2011, resultante das ações desenvolvidas na disciplina Seminário Integrador II dos cursos de Engenharia Civil e Engenharia de Produção. Até o ano de 2018, a matriz curricular dos cursos de educação superior do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas era organizada em ***Troncos do Conhecimento e Eixos Temáticos***, agrupando classes de cursos que guardavam identidades, atividades e formações disciplinares comuns. Os projetos pedagógicos estruturavam o conhecimento considerando a seguinte subdivisão: (i) ***conhecimento geral***, comum a todos os cursos, com abordagem da complexidade e da totalidade; (ii) ***conhecimento compartilhado***, intermediário, comum aos vários cursos de cada eixo de formação; (iii) ***conhecimento específico de cada profissão***, em constante dinamismo e inovação, alinhado à ciência universal, mas considerando as particularidades locais. Dessa forma, na organização das disciplinas ao longo da matriz

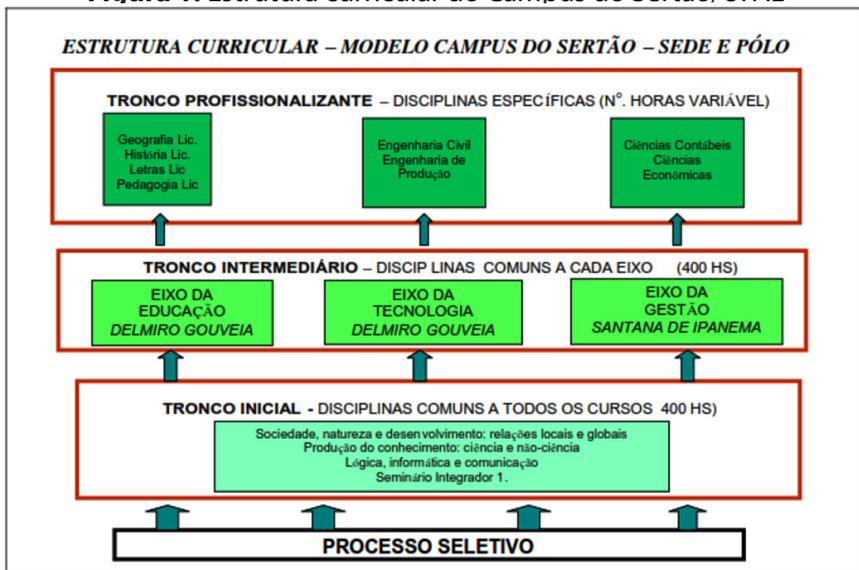
curricular, o primeiro período era comum a todos os cursos, denominado Tronco Inicial, com as disciplinas (i) Sociedade, Natureza e Desenvolvimento: Relações Locais e Globais, (ii) Produção do Conhecimento: Ciência e não Ciência, (iii) Lógica, Informática e Comunicação, e (iv) Seminário Integrador 1. O segundo período era comum aos cursos de cada Eixo. No Campus do Sertão os cursos estavam agrupados em três eixos: *Educação*, com os cursos de Pedagogia, Letras, História e Geografia; *Gestão*, que englobava os cursos de Ciências Contábeis e Ciências Econômicas; e *Tecnologia*, onde estavam inseridos os cursos de Engenharia Civil e de Produção (Figura 1).

A disciplina Seminário Integrador II compunha a grade curricular da parte comum aos cursos da Tecnologia (2º período) e tinha como proposta apresentar um conteúdo integrador das disciplinas do semestre letivo com estabelecimento de relações entre os conteúdos teóricos abordados e atividades práticas de tecnologia, desenvolver competências e estratégias para a prática profissional, elaborar atividades práticas e desenvolver recursos didáticos como trabalhos de campo, construção de recursos didáticos, elaboração de textos e vídeos. A cada semestre um professor ficava responsável por lecionar a disciplina, e em todos os semestres letivos que fiquei à frente das turmas de Seminário eu as transformei numa belíssima experiência de atividade de extensão com o objetivo de romper os muros da universidade e levar os alunos das engenharias para dentro das realidades das escolas da rede pública de ensino do município



de Delmiro Gouveia e é esta experiência que descrevemos aqui. A disciplina então passou a integrar o *Projeto Mãos* que ajudam a contar! O objetivo principal do projeto era o de contribuir com o aprendizado da matemática, com foco nos assuntos pertinentes ao ensino fundamental e ensino médio, através da construção de um instrumento didático que facilitasse a apreensão dos assuntos considerados mais difíceis por parte dos alunos.

**Figura 1:** Estrutura curricular do Campus do Sertão/UFAL



**Fonte:** Programa de Expansão e de reestruturação da Universidade Federal de Alagoas. Segunda etapa de interiorização: Campus do Sertão - Sede Delmiro Gouveia e Polo Santana de Ipanema, 2009.

A metodologia do projeto foi composta por três etapas. A primeira etapa consistia na construção de um diagnóstico, com

a visita às turmas da escola a ser trabalhada e aplicação de um questionário com os alunos, na tentativa de construção do perfil da turma e identificação dos assuntos considerados mais difíceis para aprender (indicados pelos próprios alunos). A segunda etapa consistia na tabulação dos dados dos questionários, escolha de um dos assuntos a ser trabalhado e construção de um instrumento didático que favorecesse sua apreensão. No terceiro momento, os alunos das engenharias retornavam às escolas com os instrumentos prontos para aplicá-los com as turmas das escolas, fazendo uma breve aula sobre o assunto escolhido e finalizando o momento com uma gincana na qual o instrumento deveria ser utilizado para responder as questões postas por cada equipe.

A proposta desta atividade surgiu no ano de 2011 após a análise de alguns dados sobre o ensino e a aprendizagem das turmas do ensino fundamental e médio das escolas de Delmiro Gouveia/AL, principalmente nos seus povoados. De acordo com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), criado em 2007 para medir a qualidade de cada escola e de cada rede de ensino, e calculado com base no desempenho do estudante em avaliações do Inep e em taxas de aprovação, apresentado numa escala de zero a dez, no município de Delmiro Gouveia, as escolas públicas não atingiam a meta desde o ano de 2005 (com exceção para os anos de 2007 e 2009 nas turmas do 9º ano – Fonte:<http://ideb.inep.gov.br/> - Tabela 1), o que nos apontava uma possível deficiência no aprendizado dos alunos e, conseqüentemente, na dificuldade de avançar na formação estudantil.



As primeiras ações do *Projeto Mãos que Ajudam a Contar* aconteceram na Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva, que funcionou como sede provisória do Campus do Sertão da UFAL entre os anos de 2010 e 2012. Naquele momento entendíamos que precisávamos ter responsabilidade com os alunos daquela escola que partilhava conosco os mesmos espaços e essa seria uma singela forma de agradecimento a cada um deles e um retorno aos investimentos que são feitos às universidades. Até o ano de 2011, os resultados do IDEB mostravam que apenas no ano de 2009 as turmas do 5º ano tinham alcançado a meta estabelecida. Nosso objetivo, portanto, era o de ajudar os alunos da Escola Watson a encontrar uma forma mais prazerosa de aprender.



**Tabela 1:** Resultado IDEB Escola Estadual Watson Clementino (4ª Série / 5º Ano e 8ª Série / 9º Ano) – 2005 a 2017.

<b>ESCOLA ESTADUAL WATSON CLEMENTINO DE GUSMAO SILVA</b>	<b>4ª SÉRIE / 5º ANO</b>						
	<b>Metas Projetadas</b>						
	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017
	-	2.8	3.2	3.6	3.8	4.1	4.4
	<b>IDEB Observado</b>						
	2.8	2.7	3.5	2.5	3.7	3.7	-
	<b>8ª SÉRIE / 9º ANO</b>						
	<b>Metas Projetadas</b>						
	-	3.2	3.5	3.9	4.2	4.5	4.8
	<b>IDEB Observado</b>						
	3.1	2.9	3.1	3.4	3.5	3.7	4.2

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br>

Os alunos das engenharias dividiram-se em equipes e trabalharam as séries do 5º ao 8º ano do ensino fundamental. Os trabalhos desenvolvidos e aplicados com os alunos foram: (i) Quadrado Perfeito, trabalhando o assunto das operações da Geometria (Figuras 2 a 4); (ii) Operações com o círculo, com foco nas frações (Figuras 5 a 7); (iii) Desmistificando a Geometria, a partir do qual foram produzidos sólidos geométricos e explicadas suas relações de tamanho e forma (Figuras 8 a 10); e (iv) Cartilha das Operações Matemáticas, constando tabuada e dicas de como realizar as operações de forma mais simples (Figuras 11 a 13).

**Figuras 2 a 4:** Produto da equipe *Quadrado Perfeito*.



**Figuras 5 a 7:** Produto da equipe *Operações com o Círculo*.



**Figuras 8 a 10:** Produto da equipe *Desmistificando a Geometria*.



**Figuras 11 a 13:** Produto da equipe *Cartilha das Operações Matemáticas*.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

No segundo semestre de 2011, recebemos o convite da Escola de Ensino Fundamental Padre Anchieta, localizada no povoado de Lagoinha. Independente de números oficiais, que poderiam nos revelar situações mais delicadas em se tratando de níveis de aprendizado, aceitamos o convite e aplicamos várias atividades junto aos alunos. No total foram produzidos 11 instrumentos didáticos e entregues à escola, entre os anos de 2011 e 2012. Foram eles: (i) Volumes (Figura 14); (ii) Tabuleiros (Figura 15 e 16); (iii) Frações (Figura 17); (iv) Figuras Geométricas (Figura 18); (v) Operações da Matemática (Figura 19); (vi) Sólidos Geométricos (Figura 20); (vii) Tangram (Figura 21); (viii) Divisão (Figura 22); (ix) Multiplicação (Figura 23); (x) Equações do 1º grau (Figura 24); (xi) Equações do 2º grau (Figura 25).

**Figuras 14 a 16:**Produtos das equipes *Volumes e Tabuleiros*.



**Figuras 17 a 19:**Produtos das equipes *Frações, Figuras Geométricas e Operações da Matemática*.



**Figuras 20 a 22:**Produtos das equipes *Sólidos Geométricos, Tangram e Divisão*.



**Figuras 23 a 25:**Produtos das equipes *Multiplicação, Equações do 1º Grau e Equações do 2º Grau*.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Entre os anos de 2013 e 2015, a atuação do nosso projeto ultrapassou as fronteiras do município de Delmiro Gouveia e fomos convidados a aplicar as atividades na cidade vizinha de Piranhas/AL. A Escola Estadual Xingó I recebeu nossos alunos e lá desenvolvemos 10 atividades com as turmas do Ensino Fundamental - anos finais (5º ao 9º ano) – e com uma turma do Primeiro Ano do Ensino Médio, contemplando os seguintes assuntos: (i) Divisão (Figuras 26 a 30); (ii) Geometria Plana (Figura 31); (iii) Sólidos e Volumes (Figura 32); e (iv) Fração (Figura 33).

**Figuras 26 a 28:** Produtos das equipes *Divisão*.



**Figuras 29 a 30:** Produtos das equipes *Divisão*.



**Figuras 31 a 33:** Produtos das equipes *Geometria Plana*, *Sólidos e Volumes* e *Fração*.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Em uma das oportunidades, a Escola Xingó I nos propôs trabalhar com as turmas do Ensino Fundamental – anos iniciais (1º ao 4º ano). Trabalhar com os alunos de menor idade desafiou os alunos das engenharias a mergulharem no mundo da ludicidade e apresentar a matemática aos pequeninos de modo belo e encantador. As atividades contemplaram os assuntos da soma e multiplicação (Figuras 34 a 36).

A última ação do *Projeto Mãos que Ajudam a Contar* aconteceu novamente na Escola Watson para encerrar o ciclo do ponto onde iniciamos (Figura 37). O projeto foi concluído porque na atualização da matriz curricular dos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Engenharia Civil e Engenharia de Produção, a disciplina Seminário Integrador II passou a não mais fazer parte da formação como item curricular obrigatório. Na oportunidade, a pedido da direção da escola, as turmas de Seminário trabalharam com os alunos do Ensino Fundamental (7º a 9º anos), em virtude das dificuldades de aprendizado apresentadas e também porque a coordenação pedagógica da Escola Watson entendia que ali estava uma grande oportunidade para aproximarmos a universidade da comunidade. Foram então trabalhados os assuntos: (i) Potenciação, (ii) Intervalos e (iii) Jogo de sinais (Figuras 38 a 40).



**Figuras 34 a 36:** Produtos das equipes *Soma e Multiplicação*.



**Figura 37:** Momento de encerramento do Projeto.



**Figuras 38 a 40:** Produtos das equipes *Potenciação, Intervalos e Jogo de Sinais*.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Concluído o projeto tivemos dois municípios alcançados com nossas ações (Delmiro Gouveia/AL e Piranhas/AL), três escolas

atendidas (Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva – Delmiro Gouveia / Escola de Ensino Fundamental Padre Anchieta – Povoado Lagoinha / Escola Estadual Xingó I – Piranhas), vinte e nove turmas participantes com uma média de trinta alunos cada, perfazendo o universo total de quase novecentos alunos beneficiados.

Como resultados, diante às metas preestabelecidas, destacamos o alcance à população atendida, a formação discente e a universidade. O projeto proporcionou aos alunos das escolas envolvidas um auxílio no entendimento dos assuntos da matemática desmistificando a dificuldade colocada na disciplina mostrando outras formas possíveis de aprender, com recursos que podem ser elaborados por eles próprios. Como resultado na comunidade atendida, o projeto contribuiu para uma aproximação positiva entre os alunos e as disciplinas das áreas de exatas e das licenciaturas, apresentando possibilidades criativas para o entendimento das mesmas. Para os alunos universitários, o projeto contribuiu como experiência na construção do futuro profissional, em se tratando de exercitar a criatividade para construção de possibilidades diversas na minimização de dificuldades, despertando o olhar de cuidado e responsabilidade sobre as práticas exercidas em cada profissão. Contribuiu também para a conscientização do discente na sua condição de futuro profissional (independentemente de sua área de formação), experimentando, desde as primeiras disciplinas, a prática de participação em atividades de extensão e/ou pesquisa que o envolva com a profissão, vivenciando, mesmo que de início timidamente, a realidade de mercado. O projeto



ainda apresentou aos discentes possíveis condições de se tornar, além de um profissional qualificado, um cidadão com pleno conhecimento da realidade de seu país e das medidas a serem adotadas na promoção do bem-estar de nossa sociedade.

Para o meio acadêmico, as atividades de extensão do projeto contribuíram para reforçar o papel social da Universidade na comunidade local, traduzindo para a prática os conhecimentos que os alunos adquirem na teoria, colocando-os como instrumento de melhoria no aprendizado dos alunos.

Mesmo tendo consciência de que muitas outras crianças, jovens e adultos de outras instituições de ensino no país permanecem com os mesmos problemas de dificuldade na aprendizagem, esse trabalho despertou nos universitários envolvidos um olhar mais humano e cuidados, desmistificando a imagem de que um curso de bacharelado na área de exatas é apenas rígido e marcado severamente pela dureza dos números e das condições mercadológicas.

### ***Agradeço...***

Agradeço a todos e todas discentes, técnicos(as) e docentes do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas que junto comigo contribuíram para saciar a sede de tata gente sertaneja: sede de conhecimento, de produção, de reconhecimento e de vida!

Viva ao Sertão! Viva ao Campus do Sertão!  
Não há luar, terra ou gente como os do Sertão!





**Urge escalar cimos mais altos da educação superior,  
atingindo padrões elevados de excelência acadêmica. A UFAL  
Sertão acredita numa educação que prima pela qualidade  
sem descomprometer-se com as humanidades.**

# GRUPO DE ESTUDO LEITURA HEIDEGGERIA DE NIETZSCHE E OS DEZ ANOS DO CAMPUS SERTÃO DA UFAL

*José Roberto da Silva(Coord.do Grupo/UFAL)*  
*Cléberton Luiz Gomes Barboza(Ex-aluno-UFAL)*  
*Hugo Pedro Silva dos Santos(UFAL)*  
*José Alesson Rodrigues Lima(Ex-aluno-UFAL)*  
*José Londe da Silva(Ex-aluno-UFAL)*  
*Maycon Roberto dos Santos Queiroz(UFAL)*  
*Sávio dos Santos Lima (UFAL)*

## **1. Introdução/objetivos e justificativas do grupo de estudo:**

O Grupo de Estudo **Leitura Heideggeriana de Nietzsche** surge na UFAL - Campus do Sertão- Delmiro Gouveia em 2016, como um prolongamento da Disciplina Produção do Conhecimento: Ciência e Não Ciência, do Tronco Inicial. Seu objetivo principal é discutir temas ligados à filosofia a partir da leitura que Heidegger desenvolve junto ao pensamento de Nietzsche. Entende-se que esta leitura seja de fundamental importância porque nos direciona para o debate dos principais problemas já abordados na história

da filosofia. Interpretar um ou mais filósofos contemporâneos é resgatar criticamente os temas já antes trabalhados pela filosofia.

A presença do Grupo de Estudo se justifica por uma demanda crescente por parte dos discentes do Campus do Sertão pelo conteúdo produzido pelo pensamento filosófico. Percebeu-se uma carência desta área do saber, mostrando-nos o quanto é escasso o debate que envolve a filosofia; e também: encontramos muitos discentes com a intenção de cursar o mestrado em programas de filosofia, o que nos provou a necessidade de socializar este conhecimento através do estudo coletivo dos conteúdos produzidos pelos filósofos. Daí a justificativa da existência do Grupo.

Entendemos que a leitura que Heidegger faz de Nietzsche atende as mais variadas expectativas, pois movimentada toda história da filosofia. Em linhas gerais, quando Heidegger interpreta um filósofo, ele passa em revista os conceitos fundamentais que asseguram o saber filosófico, e isto é suficiente para extrairmos de sua obra uma variedade de questões para nos auxiliar a refletir sobre nosso tempo. Com Nietzsche isto não é diferente. Por ser um filósofo contemporâneo e já trabalhar criticamente em seu pensamento grande parte dos conteúdos produzidos historicamente pela filosofia, Nietzsche mostra a Heidegger a novidade que se passa com o ser de um modo geral. Com sua crítica desconstrutiva, Nietzsche revela a fragilidade dos sistemas filosóficos, mostrando também a necessidade de se reavaliar os fundamentos que garantem a construção dos



conhecimentos engendrados pela filosofia. Neste aspecto, ele imprime uma novidade através do seu pensamento; revelando, portanto, uma nova forma de se entender a história da filosofia. É isto que interessa a Heidegger. E é isto que por tabela nos interessa também. Na leitura que Heidegger faz de Nietzsche se dá um dos nossos objetivos, a saber, compreender, a partir do conhecimento crítico mostrado por estes dois filósofos, a nossa atual condição existencial.

Heidegger, ao adotar Nietzsche para leitura, pretende diagnosticar o significado do niilismo que afeta o tempo moderno/ contemporâneo; o niilismo, diagnosticado por Nietzsche, perpassa toda história da filosofia e atinge seu auge na época moderna, época dominada por um vazio; vazio enquanto falta de um sentido autêntico para a vida humana. Para Heidegger, Nietzsche teria diagnosticado bem os equívocos encontrados no pensamento dos filósofos anteriores a ele, sobretudo os filósofos modernos que só tinham “olhos” para a ciência. O niilismo moderno, para Nietzsche, desqualifica a filosofia pensar com mais autenticidade o sentido da vida humana. o tormento do homem moderno encontra-se no fato de ele se medir tão somente por valores engendrados pela ciência. Para nós, discutir esta temática revelada por Nietzsche e desenvolvida por Heidegger nos põe diretamente em nosso contexto niilista atual. Partimos do pressuposto de que ainda nos encontramos em um mundo totalmente dominado pelos imperativos técnico/científicos, no qual o ser humano só se mede pelo que é tecnicamente útil.



Refletir a partir da leitura que Heidegger faz de Nietzsche é buscar compreender o sentido da nossa época. Entende-se que a Universidade seja um espaço da construção do saber e que o conhecimento científico seja mais um entre tantos que o ser humano desenvolve. Nosso entendimento não perde de vista as *origens* de onde as ciências desenvolvem seus fundamentos. Aceitamos a ideia de que nenhuma ciência seja neutra e que seus fundamentos *já* sempre foram abertos pelas circunstâncias em que nasceram. Há sempre a presença humana em todas as criações, sendo a ciência uma delas. Daí considerarmos significativo o estudo aprofundado da filosofia, a qual discute com propriedade os afazeres humanos na sua relação com o mundo.

O Grupo tem como principal metodologia de trabalho as leituras e as discussões dos textos propostos, realizando também outras atividades acadêmicas, como projeção de filmes e promoções de eventos. As bibliografias trabalhadas, até o momento, referen-se aos textos de Nietzsche (2006; 2008; 2011) e Heidegger (1998, p. 241-305; 2008, p. 189-250; 2014). Semanalmente o Grupo se reúne, em um período de 04 horas, para ler e discutir os conteúdos selecionados. Os encontros ocorrem em ambientes abertos, nos corredores e no hall da Universidade, sendo esta uma proposta do Grupo, pois objetiva compartilhar os debates com os transeuntes interessados em dialogar acerca de temas relacionados à filosofia. Acolhemos a todos que se interessam pela reflexão filosófica e denominamos o espaço informal em que nos reunimos de “espaço philia”. Philia



quer dizer amizade, mas no sentido de proximidade coletiva; de estar perto um do outro compartilhando os mesmos interesses. Neste aspecto, objetiva-se criar na Universidade a cultura do debate em público e a crença de que a produção do conhecimento ultrapassa as instâncias da sala de aula.

## **2. Atividades acadêmicas organizadas e realizadas pelo o grupo:**

1º Ciclo de debates sobre filosofia e ciência na contemporaneidade.

Este evento teve como objetivo promover um diálogo entre ciência e filosofia mostrando suas diversas relações. O ciclo de debates teve início no dia 14 de setembro de 2017. Nos turnos da manhã e da tarde e teve como metodologia a apresentação, na forma de palestra, do conteúdo sugerido. O primeiro a apresentar foi o membro do Grupo, Cleberton Barboza. Este discorreu sobre o seguinte tema: *Nietzsche e o nihilismo como horizonte histórico do Ocidente*; na sequência, tivemos outro membro do Grupo, Londe Silva, que palestrou sobre o tema: *As categorias filosóficas do cinismo em Diógenes e a visão de Foucault sobre o cinismo*. Logo após tivemos a fala do professor convidado da UNINOVE-SP, Emmanuel Felix Lopes, que apresentou o tema: *A fenomenologia husserliana: o desafio de reinraizar a ciência no mundo da vida (lebenswelt)*. Finalmente tivemos a fala de outro convidado, o professor Henrique Cahet (UFAL), que palestrou sobre o tema *Heidegger e as*



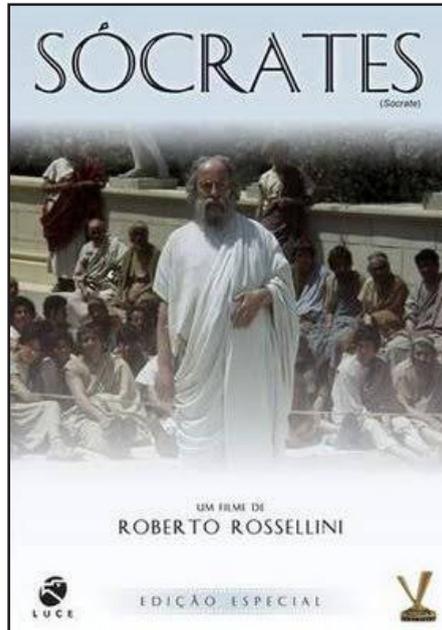
*ciências (Wissenschaft)*. Este Ciclo de debates teve início às 13:30 horas e findou às 17:30 horas, tendo como mediador o professor José Roberto da Silva- UFAL. O evento contou com a participação de professores e discentes do Campus do Sertão – UFAL.

**Figura 1:** Folder do evento “Ciclo de debates sobre filosofia e ciência na contemporaneidade”



**Fonte:** Cléberton Barboza, 2017.

**Figura 2:** Exibições de filmes, debates e encontros do Grupo

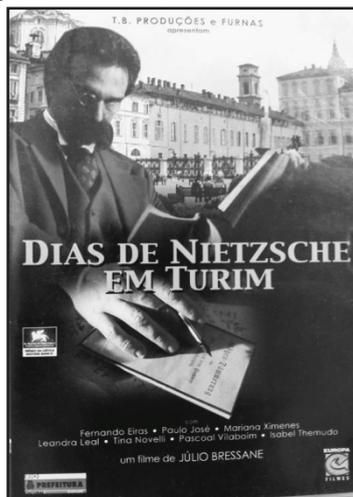


**Fonte:** Grupo de Estudo Leitura Heideggeriana de Nietzsche

As matérias Filosofia e Ética, Fundamentos Sócio-Filosóficos do Conhecimento e o Grupo de Estudo Leitura Heideggeriana de Nietzsche realizaram no dia 07 de fevereiro de 2019 a exibição do filme - SÓCRATES - do cineasta italiano Roberto Rossellini. Este filme, de relevância para a comunidade acadêmica, trata dos momentos finais da vida do grande filósofo protagonista do pensamento filosófico. Fiel aos textos de Platão, o filme relata a famosa defesa de Sócrates perante acusações infundadas que resultou em sua condenação à morte. Após a exibição do filme houve um debate

com a participação dos professores José Ivamilson e José Roberto da Silva.

**Figura 3:** Exibições de filmes, debates e encontros do Grupo



**Fonte:** Grupo de Estudo Leitura Heideggeriana de Nietzsche

O Grupo de Estudo Leitura Heideggeriana de Nietzsche, vinculado ao Grupo de Pesquisa Subjetividade e Crítica ao Sujeito Moderno e o Núcleo de Humanidades do Campus Sertão da UFAL, realizaram a exibição do filme “Dias de Nietzsche em Turim”, no miniauditório do Campus do Sertão em 2019. Fiel aos textos de Nietzsche, este filme resulta de uma pesquisa da professora Rosa Dias, pesquisadora da obra nietzschiana. Conceitos como Arte Trágica, Amor Fati, Eterno Retorno e Vontade de Potência são revelados ao longo da trama. Após a exibição houve um debate,

onde contou-se com os comentários do mestrando em Filosofia (UFS) e pesquisador de Nietzsche, Cléberton Barboza, ex-aluno de História da UFAL, Campus Sertão.

**Figura 4:** reunião do Grupo de Estudo no hall do Campus Sertão. Da esquerda para a direita: Cléberton Barboza (ex-aluno do curso de História – Licenciatura – da UFAL Campus do Sertão e atual mestrando em filosofia pela UFS); Professor José Roberto da Silva (Professor do Campus Sertão e coordenador do Grupo de); e José Alesson (ex-aluno do curso de Geografia – Licenciatura – da UFAL Campus do Sertão).



**Fonte:** Grupo de Estudo Leitura Heideggeriana de Nietzsche

***IX Encontro de Filosofia da Educação Norte Nordeste - EFENN. 16, 17 e 18 de Outubro de 2019- UFAL/Campus do Sertão-Delmiro Gouveia.***

Esta atividade foi fruto da parceria do coordenador do Grupo de Estudo, José Roberto da Silva com o professor do Centro

de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, André Ferreira Gustavo da Silva. Os membros do Grupo participaram de diversas formas; contribuíram na organização do evento, bem como apresentaram comunicações. Os temas que os mesmos apresentaram concentraram-se, sobretudo na área de filosofia. Foi uma experiência enriquecedora, pois possibilitou a todos entrar em contato e trocar experiências com diversos pesquisadores em filosofia de várias instituições do Norte e do Nordeste.

**Figura 5:** Mesa de abertura do IX Encontro de Filosofia da Educação Norte Nordeste – EFENN – realizado na UFAL Campus do Sertão-Delmiro Gouveia, com apoio do Grupo de Estudo em outubro de 2019. Da esquerda para direita: professora Tânia Palhano, PPGE - UFPB; professor Agnaldo Santos, diretor geral do Campus do Sertão, professor Ferdinand Höhr, UFPE; professor André Ferreira, PPGE – UFPE; professor José Roberto da Silva, UFAL- Campus do Sertão.



**Fonte:** Grupo de Estudo Leitura Heideggeriana de Nietzsche



**Figura 6:** Apresentação do Coral do Sertão na cerimônia de abertura do IX EFENN



**Fonte:** Grupo de Estudo Leitura Heideggeriana de Nietzsche



## **Nomes e depoimentos dos participantes do grupo:**

### **1. Cléberton Luiz Gomes Barboza**

Fui estudante do curso de História do campus e atualmente curso Mestrado em Filosofia na Universidade Federal de Sergipe – UFS. O Grupo tem sido de suma importância em todo meu processo acadêmico e também de reflexões extra-acadêmicas, um amadurecimento pessoal quanto ao pensar e experienciar o tempo e a vida.

Sou da turma de 2012 do campus, mas desde anos antes já era leitor (leigo) de Nietzsche. Lia Nietzsche catando sensações em seus textos, e essas sensações, talvez típicas de todo leitor iniciante

neste filósofo, de libertação moral, alegria vital, simultaneamente a um sopro de vazio e abismo, foram minha afecção para querer trabalhar e pesquisar seu pensamento. No curso de História, minha tentativa era relacionar Nietzsche à historiografia, encontrei boas possibilidades, mesmo Nietzsche sendo um tanto marginal na teoria da História, mas apenas em fins de 2015, se me lembro bem, minhas inclinações estavam voltadas para o tema do niilismo em Nietzsche. Foi na mesma época que conheci o professor José Roberto da Silva, que se tornaria meu orientador, e o tema foi clareando para o niilismo como problema histórico.

Em 2016 o grupo teve início e para mim serviu também como extensão da orientação, que ocorria pouco antes da reunião do grupo. Os temas do Grupo tocavam diretamente minha pesquisa, e daí tive um enriquecimento e aprendizado cruciais. Heidegger foi uma novidade. Até então eu evitava Heidegger pela dificuldade com sua linguagem. O Grupo ofereceu uma abertura e esclarecimento fundamentais para a discussão heideggeriana acerca de Nietzsche e o pensamento do próprio Heidegger. Esse entendimento foi importante para minha seleção de mestrado posteriormente, na qual me utilizei da compreensão heideggeriana da história da metafísica para situar Voltaire no tema da prova. Em suma, o grupo tem ressonâncias no que desenvolvo fora dele, e tornou-se um horizonte filosófico que adoto em minhas leituras. Nesse sentido sou profundamente grato tanto ao professor Roberto quanto aos demais participantes, por todas as discussões e a jornada até aqui.



Além disso, é importante destacar as atividades do Grupo. Além das discussões semanais nos corredores, bancos da praça da universidade, o “espaço *philia*”, que também gosto de chamar de nossa ágora, realizamos ocasionalmente eventos, palestras, apresentação de trabalhos, comunicações orais e também exibição e debates de filmes envolvendo temas de Filosofia. Tais eventos impactaram o campus, de certo modo, no sentido de divulgar e convidar discentes, docentes e o público geral (estudantes dos IFs participaram como ouvintes em certos eventos, por exemplo) para a discussão filosófica. Em suma, o grupo contribui para uma abertura de espaço de discussões e, em todo caso, para o pensar e dar voz ao pensamento filosófico, tanto em suas discussões mais específicas quanto em sua interdisciplinaridade, sobretudo com Pedagogia, História, Letras e Geografia, conforme vem mostrando, ao longo dos anos, a experiência do Grupo no Campus.

Pessoalmente, os eventos ampliaram também minha experiência quanto a apresentar comunicações, desenvolver textos, propiciar debates. Penso que o grupo, que começou de forma marginal, discutindo Filosofia mesmo sem haver o referido curso no Campus, atua hoje de forma bem sucedida, mantendo seu formato de reuniões abertas e despertando a curiosidade de quem passa – e por vezes para e participa, ainda que apenas ouvindo. Tal iniciativa, podemos dizer, tornou-se uma marca e uma característica do Campus, compondo também o espírito universitário, de manter o diálogo vivo fora das salas de aula, de criar uma atmosfera de desbanalização do banal que ecoa como prática semanal de cuidado com o pensar.



## 2. José Londe da Silva

Sou ex-aluno do curso de História da UFAL – Campus Sertão com a matrícula: 10112299. Ingressei na Universidade em 2010. Sempre tive uma curiosidade por filosofia, isso desde a minha adolescência e, a constatação do que digo, no caso aqui do pensamento especulativo — aproximando-me do que Hegel compreende a filosofia —, é que tive acesso, mesmo com pouquíssima compreensão, como até hoje tenho, de algumas obras de Nietzsche — *Ecce Homo*, *Crepúsculo dos Ídolos* e de, por fim, Schopenhauer — obras tais como: *Da Morte*, *Do Sofrimento do Mundo*. Os li sem saber ao menos que o último, com a sua metafísica da Vontade, exatamente com este conceito, influenciou o primeiro, em sua teoria da Vontade de Poder; verdade também que me foi acessível parte de obras de Karl Marx, como alguns excertos da *Crítica da Economia Política e Formações Econômicas Pré-Capitalistas*.

Não posso deixar de falar que, bem antes, lia obras de teologia de autores chamados erroneamente de liberais e existencialistas, no primeiro caso por conta de sua acuidade no trato do texto com a crítica textual, à crítica das fontes e de, por terem sido alunos de Heidegger, no segundo, que é pelo menos para mim, um erro hermenêutico, haja vista que este propõe em seu pensamento uma recolocação do estudo sobre o ser — não mais buscar saber o que é o ser como os gregos antigos faziam, à tradição filosófica Árabe (a Falsafa), e a escolástica cristã medieval



—, mas pensar o *ser*. Teólogos como Karl Barth, Dietrich Bonhoeffer, Rudolf Bultmann, Karl Ranner e Paul Tillich, sendo que os dois primeiros e o quinto são fundadores da teologia da morte de Deus, numa inspiração nítida do aforismo de Nietzsche em sua obra — *A Gaia Ciência*, 125 —, e os três últimos, em específico, como alunos de Heidegger, são comumente chamados de existencialistas, isso pelo fato de Heidegger não dar uma dimensão antropológica ao homem, que ele chama de *ser-aí*, para assim fugir de uma estrutura científica. O *ser-aí* é o ente em seu tempo, em que este o desvela. Daí, a interpretação existencialista de Heidegger, mas com o elemento antropológico, no caso dos teólogos.

Adentrei as ameias da Universidade para o curso de História, nele, deparei-me com teoria da história, com textos daqueles que postulam a crença na verdade, os modernos — Adam Schaff, filósofo, *HISTÓRIA E VERDADE*, Terry Engleton, filósofo, *As ilusões do pós-modernismo* e Perry Anderson, *As origens da Pós-Modernidade*, e, também, de textos dos chamados pós-modernos, Michel Foucault, este tendo formação filosófica, *As palavras e as coisas*, Gilles Deuze, Félix Guattari, filósofos, *O Anti-Édipo*, Haiden White, *Meta-História* e, por fim, uma obra interessante de Paul Veyne, *Como se Escreve a História*. Posso dizer que a teoria da história revigorou em mim a afecção pela filosofia. Durante o curso de História e após ele frequentei as aulas do professor Gutenberg, que dava aula no extinto Tronco Inicial de filosofia e, pouco a pouco, fui descobrindo, numa medida possível, o eros pedagógico com ela. Entrementes, ainda não havia me



decidido se era o que de fato queria. Tendo ouvido do professor Gutenberg que havia chegado ao Campus um estudioso de Heidegger, pensador que ouvi mui respeitosamente do professor Wellington Amâncio, e a vontade já me cobrava curiosidade, saí como um noviço em busca do mestre, na ânsia de compreender o pensamento heideggeriano. No momento que o conheci, logo, sem demora, formamos um grupo de estudo — passamos a estudar textos de Heidegger e de Nietzsche ou Heidegger sobre Nietzsche — o Grupo era composto por poucas pessoas como até hoje é, Cléberton, Alesson, eu e o mestre, José Roberto da Silva.

No Grupo me submeti a uma seleção de mestrado em filosofia pela UFS, na linha de pesquisa Conhecimento e Linguagem, na área de concentração — História da Filosofia Moderna e Contemporânea, cujo meu pré-projeto foi sobre Diógenes de Sinopes, tendo como orientador, Aldo Lopes Dinucci, pós doutor em filosofia. Passei, comecei as aulas em 11 de março de 2019 com a matrícula: 201911006493, mas não pude permanecer, embora tenha cursado apenas um mês. Deixei o mestrado para cuidar da saúde. Em um mês cursando, conheci um filósofo da filosofia analítica, mas também, da filosofia da religião, que neste campo trabalha com a epistemologia da reforma, uma epistemologia aplicada, com a lógica modal, com noções de possibilidades, probabilidades e contingencialidade, opondo-se à afirmação ou à negação, Alvin Plantinga. Para compensar o mestrado fiz um curso à distância. Em filosofia da religião com a matrícula: 173976. Como em Filosofia da Religião o elemento religioso é submetido à



reflexão filosófica, escolhi à fé como possibilidade catalisadora da alienação e estagnação da possibilidade de pensar. Daí surgiu um texto que oscila entre a Filosofia da Religião e a Filosofia Política. O título do artigo científico é — A COOPERAÇÃO JUDAICA NO EXTEMÍNIO DE SEU POVO A PARTIR DE HANNAH ARENDT — OS CONSELHOS JUDEUS E SUA COLABORAÇÃO COM O NAZISMO NO QUE OS NAZISTAS CHAMARAM DE A SOLUÇÃO FINAL — obtive um bom conceito. Assim tenho uma especialização em Filosofia da Religião pela Faculdade Futura de Votuporanga-SP. Estou cursando agora pela Universidade Cândido Mendes Ensino de Filosofia.

O Grupo de Estudo Leitura Heideggeriana de Nietzsche é uma resistência propositiva em dois flancos, uma porfia contra um espírito conservador dentro dos muros da Universidade, uma espécie figurativa do velho descarnado Jorge que quer assassinar o pensamento em poder, não permitindo o pensamento de pensar para além do ciclo vicioso de uma tradição metafísica religiosa, tal figura representa a tentativa de matar o elemento especulativo filosófico que sofre diretamente uma aluvião de preconceito e o ataque velado de um mal-estar de olhos estrábicos, fisiologicamente doente, que lança pelas costas um ressentimento oblíquo e, por outro, a luta para manter a permissibilidade daquilo que conseguiu pensar.

Surgido para discutir a tradição filosófica, no sentido de fazer a crítica a ela, mas nunca saindo dela, mesmo que às vezes, pareça que a negue, o Grupo de Estudo Leitura Heideggeriana de Nietzsche, procura tão somente pensar o pensamento. De



modo que a contribuição à filosofia por parte do Grupo é fecunda, assim como a chuva escavando a terra. Pessoalmente, penso que a Universidade é um dos lugares ou uma das moradas das cosmovisões, das formas gnosiológicas de pensamentos, das epistemologias e teorias, entretentes, no que pese no campo universitário toda uma exigência de um saber sistematizado, ela não pode se fechar ao livre pensar, nesse sentido, o Grupo de Estudo Leitura Heideggeriana de Nietzsche é exemplo. O conhecimento na sua multiplicidade é resultante do livre pensar, no entanto, ele só pode ser para mim conhecimento, se, e tão somente se, houver possibilidades de pensar, mas de pensar, igualmente, ele mesmo. O conhecimento deve estar sob uma crítica acirrada de um pensar livre. A propositura do grupo é exatamente isso.



### **3. Sávio dos Santos Lima**

As ricas experiências acadêmicas não estão somente dentro das quatro paredes arquitetadas para encontros obrigatórios de estudos seriais, muitas delas acontecem mesmo na frente das salas ou em esbarrões que acontecem próximo aos mictórios da universidade, pois estar presente no mundo já é por si só um colossal fenômeno que para muitos requer um olhar mais obcecado, uma dúvida inacabável que equivalentemente nos vai empurrando, nos desequilibrando cada vez mais em direção aos abismos do nada. Minha participação no Grupo de Estudo Leitura Heideggeriana de Nietzsche tem haver com esses dois elementos:

uma experiência acadêmica que vá para além da sala de aula e um fervor do espírito pelas dúvidas existenciais.

Minha experiência com o Grupo de Estudo data antes mesmo da oficialização como membro. No final de 2018, depois das ocupações, acabei conhecendo alguns dos membros do grupo como o Cleberton e o Londe, os quais troquei farpas filosóficas e por muito fomos complacentes um com o outro. Nas minhas passadas no pátio universitário, ao ver o grupo reunido nos bancos, num cenário que beira minhas projeções imagéticas sobre as escolas filosóficas gregas, postas ao ar livre, debaixo do céu e com todo o universo aberto por cima daquelas cabeças pensantes, sempre me mobilizava para escutar algumas palavras, mas não podia participar efetivamente porque o horário chocava com as aulas do curso de história. Tempo depois o grupo começou a se reunir no horário da tarde e foi quando comecei a frequentar mais compromissadamente, até que entrei em dois projetos que em algum momento começaram a chocar os horários com o do grupo, eram o PIBID e a residência pedagógica.

Hoje participo do Grupo de forma efetiva, deste compartilho e construo minha pesquisa de conclusão de curso pelo qual sou orientado pelo Prof. Dr. José Roberto da Silva. Minha pesquisa está sendo arquitetada com a contribuição de muitas das experiências e leituras compartilhadas no grupo, que em seu centro estão as discussões em torno da filosofia de Nietzsche e Heidegger.



#### 4. Hugo Pedro Silva dos Santos

Ingressei na Universidade Federal de Alagoas no segundo semestre de 2016. Conforme o projeto pedagógico do curso de Letras uma das disciplinas as quais o discente tem contato durante o primeiro semestre deve ser: Produção de Conhecimento: Ciência e Não Ciência. Assim se dava o primeiro contato com a filosofia na graduação, entendendo que a base teórica e metodológica da disciplina buscava embasar o discente a compreender de que forma se deu a formação da ciência: partindo dos gregos antigos ao modelo científico moderno e suas bases filosóficas.

O contato com a filosofia, através da disciplina, imediatamente suscitou inquietações relacionadas à compreensão de mundo, cultura e sociedade. Ainda no ano de 2017 tive a grata oportunidade de participar de evento organizado pelo Professor José Roberto da Silva, ocorrido na Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva. Prosseguindo, após alguns períodos na graduação, fiz contato com o professor José Roberto da Silva, no ano de 2019, para poder ingressar no Grupo de Leitura Heideggeriana de Nietzsche. No primeiro semestre de 2019 fizemos a leitura de textos escritos por Heidegger a respeito da filosofia de Nietzsche, a abordagem dos textos se dá de forma dialógica, permitindo a compreensão e aprofundamento em determinados conceitos tratados nos referidos textos.

No segundo semestre de 2019 tive a oportunidade de colaborar com a organização do IX Encontro de Filosofia do Norte



e Nordeste, que foi realizado na Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, durante os dias 16, 17 e 18 de outubro do ano em questão. Neste mesmo evento pude contribuir, também, com a apresentação do trabalho: Os não-ditos no Discurso do Ministro da Educação do Brasil. No decorrer de todo o evento pudemos refletir a respeito da educação, política, democracia e a importância da filosofia neste processo de resistência e superação do obscurantismo que paira no Brasil nos últimos anos.

Ademais, destaco que a participação neste Grupo de Estudo foi de suma importância para minha vida acadêmica, me propiciando aprofundamento no pensar, na criticidade e nas interpretações e leituras acerca da sociedade, cultura e ciência.

## 5. José Alesson Rodrigues Lima

Fui estudante do curso de Geografia do Campus e entrei no Grupo de Estudo após o término das atividades do curso. Por mais que a geografia aparentemente seja um campo distinto do da filosofia, foi justamente no contato com as disciplinas do curso que pude me deparar com todo o conjunto de discussões referentes à epistemologia da geografia e da história do pensamento geográfico, logo, me remetendo necessariamente a compreender as bases teóricas desta ciência e a compreender a fundamentação filosófica dessas bases. Com isso, pude me “iniciar” nas discussões em filosofia. Entretanto, logo após o término do curso a vontade por dar continuidade aos estudos em filosofia havia aumentado e



então resolvi ingressar no Grupo de Estudo por meio de um convite informal feito por outro membro do grupo: Cléberton Luiz.

Iniciei minhas atividades junto ao grupo em 2018, onde pude conhecer os demais membros e participar das discussões. As leituras que havia feito em filosofia eram voltadas para outros autores, então foi um momento interessante poder adentrar nas discussões referentes a Nietzsche e Heidegger, autores que podem ser tomados como de difícil compreensão dada a complexidade de seu pensamento. No início foi difícil de acompanhar o ritmo das discussões, pois até então tinha sempre estudado sobre filosofia aliada à discussão teórica da geografia. Hoje vejo o quão importante foi essa dificuldade e esse choque com as leituras do grupo, pois foi possível compreender de maneira clara o exercício reflexivo empreendido pela filosofia e reconhecer que é neste campo que desejo atuar.

Além disso é importante ressaltar as atividades já realizadas pelo grupo e das quais participei. Dentre elas posso destacar a realização de IX Encontro de Filosofia da Educação do Norte e Nordeste (IX EFENN) no Campus do Sertão, onde tive a oportunidade de apresentar uma proposta de pesquisa, que visou desenvolver como projeto de mestrado em uma oportunidade propícia, intitulada: Relações entre Arte e Natureza na Estética Classicista de J. W. Goethe. Muito embora não seja um tema caro às discussões próprias do Grupo, posso assegurar que foi a participação neste e o conhecimento do exercício reflexivo e filosófico que me permitiram a desenvolver as discussões que



estão se desenvolvendo no projeto, e esse evento promovido pelo campus foi de fundamental importância quanto ao enriquecimento do debate acerca do tema que estou trabalhando.

Nesse sentido destaco a importância de um Grupo de filosofia como esse justamente no enriquecimento e multiplicidade das discussões no ambiente acadêmico, assim como na criação de oportunidades de pesquisa e de participação em eventos voltados para o conhecimento filosófico.

## **6. Maycon Roberto dos Santos Queiroz**

Sou acadêmico do curso de Letras/Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Campus do Sertão. Tive uma agradável surpresa ao descobrir que na Universidade havia um Grupo de filosofia, área do conhecimento que sempre tive predileção. Fiquei fascinado com as percepções, ideias, que o grupo me proporcionou. A experiência adquirida com o grupo, sem dúvida, me causou uma mudança de paradigma, possibilitando uma análise mais apurada da realidade. Dessa forma, só tenho a agradecer, pois numa certeza sou implacável, me possibilitou uma transformação muito positiva em minha vida, sobretudo, no âmbito acadêmico.

### **Conclusão**

Com base no acima exposto pode-se concluir que o Grupo tem contribuído para formação acadêmica daqueles que



dele participa, e que sua presença na UFAL- Campus do Sertão movimenta o fluxo de atividades acadêmicas. Dessa forma, o Grupo espera ter contribuído, e continuar contribuindo para a construção da história desta instituição, que em seus dez anos de existência vem formando gerações no sertão alagoano.

## Referências

HEIDEGGER, M. A Essência da verdade. Tradução: Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. *In*: HEIDEGGER, Martin. Marcas do caminho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 189-214.

HEIDEGGER, M. A palavra de Nietzsche “Deus morreu”. Tradução: Alexandre Franco de Sá. *In*: HEIDEGGER, Martin. Caminhos de floresta. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. p.240-305.

HEIDEGGER, M. Nietzsche. 2.ed. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos ídolos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, F. Sobre a verdade e mentira. Tradução: Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

NIETZSCHE, F. Vontade de potência. Tradução: Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.





**Não se conduz processos formativos sem diálogo  
respeitoso. O Campus do Sertão busca formar profissionais  
comprometidos/ as com a liberdade de expressão.**

# **O CURSO DE PEDAGOGIA NO CAMPUS DO SERTÃO: UM OLHAR À LUZ DA MATERNIDADE/PATERNIDADE NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DA UFAL**

*Lílian Kelly de Almeida Figueiredo Voss  
Universidade Federal de Alagoas*

*Giseliane Medeiros Almeida*

*Universidade Federal de Alagoas*

*Ana Paula Solino Bastos*

*Universidade Federal de Alagoas*

*Thayza Torquia Silva*

*Universidade Federal de Alagoas*

## **Considerações iniciais**

Historicamente, o Curso de Pedagogia caracteriza-se pela feminização do magistério e, por isso, é comum encontrarmos turmas, em sua maioria, constituídas por mulheres. E além delas, temos o privilégio de partilhar as aulas com seus filhos, pois muitas mães precisam levar suas crias para a universidade. Assim, os desafios de ser mãe e acadêmica não são restritivos apenas aos muros de casa, mas também perpassam diversos espaços, inclusive o ambiente acadêmico.

Quando observamos a presença de homens no Curso de Pedagogia e que exercem a paternidade, verificamos que estes compõem uma minoria. Embora, reconheçamos que o peso maior de criar um filho recaia sobre a figura feminina, consideramos importante pensar também nos limites e possibilidades de ser pai universitário, pois segundo Saffioti (1987), na constituição da sociedade patriarcal existe um jogo de poder que atinge diretamente homens e mulheres, sem deixar de considerar que a mulher possui um histórico de segregação e invisibilidade.

Nesse cenário, encontramos mães (principalmente) nos corredores e salas de aulas da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, carregando seus filhos nos braços e tentando encontrar um equilíbrio entre prestar atenção na aula do professor e cuidar do seu filho. Tal situação, levou o Curso de Pedagogia desta instituição a ter um olhar sensível sobre essas discentes, uma vez que a vivência acadêmica destas se diferencia dos demais estudantes do curso que não exercem a maternidade/paternidade. De acordo com Steves (2007), as mulheres acabam enfrentando muitos desafios para conciliar os cuidados com os filhos e as atividades acadêmicas. Dessa forma, entende-se que há um público que precisa de visibilidade e voz.

Vale ressaltar que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2005, o Brasil tinha mais de 10 milhões de lares compostos somente pelas mães sem cônjuge. Em 2015, os números mostraram 11,6 milhões desse arranjo familiar. É preciso ainda destacar que 5,5 milhões de brasileiros não possuem



o nome do pai no registro de nascimento e 30% das mulheres deixam o trabalho por causa dos filhos, sendo que apenas 7% dos homens passam por essa situação.

É importante frisar que não estamos aqui para romantizar a maternidade e dizer para todos que é uma dádiva divina e nem, tampouco, para dizer que é apenas sofrimento. Não restringimos ao senso comum, mas esperamos refletir de forma teórica e prática sobre vidas que importam, desnaturalizando uma estrutura engendradora que dita modelos de como ser e viver como mulher.

Começamos desmistificando o discurso de que a mulher nasce naturalmente para ser mãe. A sociedade patriarcal é cruel e durante muito tempo se propagou a mulher a uma condição biológica. De acordo com Beauvoir (1970), no conceito da biologia, definir o ser mulher é muito simples, “é uma matriz, um ovário, é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la [...]” (p. 22). A partir dessa afirmação, a ilustre autora faz uma analogia ao ser feminino, enfatizando que ser mulher vai além de ser apenas um ovário de procriação. No entanto, a mesma critica o quanto a mulher foi e é considerada o outro do masculino, aparecendo como o negativo de modo que toda a sua determinação é limitada.

Beauvoir (1970) afirma ainda que o mundo é constituído pelo masculino e as mulheres representam o outro da humanidade e exercem esse papel por excelência para serem chamadas de mulheres de verdade, as quais o destino “natural” é ser esposa e mãe. A autora nos faz problematizar e desconstruir essas concepções que não contemplam o ser feminino em sua pluralidade.



Assim, destacamos por meio desse trabalho a diversidade de ser e viver como mulher, dando vozes às mães universitárias que serve como ativismo teórico e prático. Diante do exposto, esse capítulo tem como propósito descrever as experiências vivenciadas no contexto de um evento singular que modificou a maneira de pensar dos discentes e docentes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Campus do Sertão, o qual teve o intuito de estabelecer um diálogo problematizador e reflexivo sobre os desafios e possibilidades da maternidade/paternidade na formação acadêmica.

### **O Curso de Pedagogia da UFAL, Campus do Sertão: abrindo espaços para reflexões sobre a maternidade/paternidade na formação acadêmica**



O Curso de Pedagogia tem como um dos seus objetivos graduar pessoas para que busquem a inserção no mercado de trabalho pedagógico infantil. E, como é sabido, trabalhar com criança não é algo simples e fácil, sobretudo, quando há mães que participam efetivamente do acompanhamento educacional do seu filho. Com essas reflexões percebemos que ao longo de 10 anos do Curso de Pedagogia, aspectos singulares sobre discentes que são mães foram despercebidos.

Para compreender o objetivo deste capítulo, vamos discorrer um pouco sobre a história do Curso de Pedagogia na região sertaneja. Em 15 de março de 2010, se instala no município de Delmiro Gouveia/AL, a UFAL, Campus do Sertão. Para muitos,

ainda desconhecida, para outros, um sonho concretizado. Coincidentemente, o campus inicia suas atividades no dia nacional da escola, nascendo assim também o desejo de muitas mães e pais da região cursarem o ensino superior.

O Curso de Pedagogia em seu Projeto Pedagógico do Curso (PPC), modificado em 2018, apresenta o contexto histórico, organizacional e estrutural, que foi construído a partir de “discussões e debates acerca de seus princípios, objetivos e metas, bem como da atenção ao cumprimento da legislação nacional e institucional como norteadora e materializadora do Projeto” (PPC, 2018, p.4). Esse documento destaca que:

O processo de formação envolve a capacidade de aprimoramento da prática pedagógica, com atividades que contribuem para o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe. Orienta-se de modo a permitir que a/o pedagoga/o possua uma postura profissional de aperfeiçoamento de sua prática por meio de processos investigativos dos problemas educacionais contemporâneos, atuando a partir de valores éticos e visão multimodal e interdisciplinar das crianças e adolescentes com os quais venha a interagir/socializar no exercício do magistério (PPC, 2018, p. 29).

Para que este processo de formação se consolidasse muitas ações em uma década foram efetivadas em diferentes disciplinas que compõem o curso, as quais envolvem:



discussões em torno da difusão das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) nas escolas; debates acerca das práticas pedagógicas no currículo, das concepções sobre desenvolvimento e aprendizagem, das diferentes perspectivas sobre a formação docente, dentre outras.

Além disso, as ações também são realizadas por diversos projetos que envolvem pesquisa e extensão, além dos programas institucionais, como: o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), a Residência Pedagógica e os demais projetos que juntos possibilitam formar novos profissionais sertanejos.

As singularidades dessas ações, sem dúvida, traçaram uma qualidade no processo de formação dos licenciandos em Pedagogia. Porém, uma realidade desafiadora e delicada ainda não havia sido problematizada e refletida pelo curso – a questão do número significativo de crianças que acompanhavam suas mães dentro do espaço da UFAL e discentes pais que, por vezes, perdiam aulas para cuidarem de seus filhos em casa.

Compreendemos que reflexões como essas devem ser constantemente promovidas no âmbito do curso, tendo em vista a complexidade e a diversidade da maternidade que cada vez mais se amplia nos tempos atuais. Isso porque, *“a mãe tradicional (biológica, casada e heterossexual), vêm juntar-se a mãe adotiva, a mãe lésbica, o homossexual que materna, a mãe prisioneira, a mãe pobre, a mãe negra, etc.”* (STEVES, 2007, p. 18).



## **O evento Café Pedagógico: os desafios da maternidade/ paternidade na formação acadêmica**

Conforme mencionamos no início desse capítulo, sabe-se que muitos discentes, especialmente as mães, do Curso de Pedagogia da UFAL - Campus do Sertão enfrentam diversos desafios para dar continuidade à sua formação profissional. Isso porque, conciliar a maternidade com os estudos não é uma tarefa fácil, pois o universo acadêmico exige dos estudantes uma dedicação muito grande, sendo necessário ter tempo para se envolver nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, assim como é preciso ter tempo para participar de eventos e demais atividades da universidade.

Diante das exigências requeridas na formação acadêmica e as exigências requeridas no cuidado e educação dos filhos, poucos discentes, em especial as mães, conseguem vivenciar o universo acadêmico de forma integral e, por isso, uma boa parte são levadas a trancar ou até mesmo desistir do curso. Por esta razão, surgiu a necessidade de o Curso de Pedagogia criar um espaço que possibilitasse ouvir essas alunas mães e/ou alunos pais e conversar a respeito de diferentes temas que os auxiliassem a construírem uma formação acadêmica mais sólida dentro das suas possibilidades, bem como a promoverem uma educação de qualidade para seus filhos.

E foi, a partir dessa realidade, que em novembro de 2019, a coordenação do Curso de Pedagogia, com apoio da direção



do campus e de terceiros, resolveu organizar o primeiro evento dedicado às mães e pais universitários, intitulado: *“Café Pedagógico: os desafios da maternidade/paternidade na formação acadêmica”*.

Cabe sinalizar que, embora tivéssemos consciência da presença de muitos discentes do curso na condição de mães e pais, nunca havíamos tido tal oportunidade de falar de um assunto tão delicado, frágil e ao mesmo tempo prazeroso que é a maternidade/paternidade. Sabíamos que essa realidade acompanhava a formação dos discentes, porém até então não havíamos despertado o interesse para refletir sobre os impactos que a maternidade/paternidade gerava na vida acadêmica desses alunos.

O evento, portanto, foi realizado nos dias 06 e 07 de novembro de 2019, o qual foi estruturado visando promover reflexões e discussões sobre os seguintes assuntos: dependência digital e os seus impactos no desenvolvimento e aprendizagem do adulto e da criança; os impactos da maternidade/paternidade na formação acadêmica; interações saudáveis entre pais e filhos; os cuidados com uma alimentação nutritiva e o seu papel no desenvolvimento das crianças; qualidade do sono e suas relações com a aprendizagem; bem como relatos de experiências maternas/paternas durante o período de formação acadêmica.

Na abertura do evento fomos apresentadas com a presença do reitor da UFAL no nosso campus, Prof. Dr. Josealdo Tonholo, o qual compartilhou suas experiências paternas durante o período da sua qualificação profissional. O mesmo salientou a importância



de a instituição promover debates dessa natureza e ressaltou a necessidade da criação de um Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) no campus, como espaço para possibilitar que docentes e discentes possam realizar suas atividades acadêmicas, tendo seus filhos por perto, acompanhados pela equipe do NDI. Além de ser uma excelente oportunidade deste espaço servir como laboratório de aprendizagem para nossos discentes.

No contexto deste evento, houve oportunidades das mães e pais, discentes e docentes do campus, compartilharem suas experiências e discutirem sobre a importância do papel da família no cuidado e educação dos filhos, compreendendo os diferentes processos de interação como meios para fortalecer as relações afetivas. Na Figura 1, destacamos a mesa de abertura com a participação de docentes e discentes do curso.



**Figura 1:** À esquerda, imagem de abertura do evento e à direita imagem de uma mãe e acadêmica amamentando seu filho durante o evento.



**Fonte:** Arquivo pessoal das pesquisadoras

A imagem à direita (Figura 1) da mãe amamentando mostra a realidade de muitas mulheres acadêmicas que se aventuram e desafiam as estruturas da universidade levando seus filhos e com muito esforço cumprindo a agenda universitária. Para elas, nossos aplausos e congratulações, mas também nosso apoio.

Após a abertura do evento, foi realizada a palestra sobre *Dependência Tecnológica em crianças, adolescentes e adultos*. A discussão versou sobre as diferentes causas e consequências dessa dependência e sua implicação para o contexto educacional. Discentes e docentes relataram o demasiado tempo que passam utilizando as tecnologias digitais, assim como os riscos pelo uso excessivo.

Durante a oficina do *Sono e Aprendizagem*, tivemos a oportunidade de falar sobre os impactos que a má qualidade do sono pode causar no desempenho acadêmico, sendo possível desmistificar algumas ideias acerca do tema. Muitos discentes relataram que sentem dificuldades para dormir e reconhecem que a falta de sono tem prejudicado a sua concentração nas atividades, especialmente, durante a apresentação de trabalhos e provas. Nessa oficina, várias mães discentes puderam tirar dúvidas sobre como estabelecer uma rotina saudável de sono para elas e seus filhos. Na Figura 2, trazemos o registro desse momento.



**Figura 2:** À esquerda, imagem da oficina de sono e aprendizagem e à direita imagem da culminância do evento com apresentação das crianças e monitoras do curso.



**Fonte:** arquivo pessoal das pesquisadoras

Ainda neste evento contamos com a palestra da professora Giseliene (ex aluna e agora professora substituta do Curso de Pedagogia da UFAL, Campus do Sertão) que apresentou pontos relacionados a ser e viver como mulher na sociedade, desmistificando o ser mãe como um destino biológico e natural. Além disso, problematizou questões referentes à romantização da maternidade, incluindo o mito da mãe perfeita, os desafios da maternidade, a empatia com as alunas mães e casos do dia a dia que são invisíveis.

Ainda neste evento realizamos diversas atividades para as crianças, filhos e filhas dos participantes, as quais foram conduzidas por alunas-monitoras do curso. Dentre as atividades com as crianças, destacamos: piquenique, oficinas de corpo e movimento e contação de histórias, conforme Figura



3. O evento foi finalizado com a apresentação de atividades realizadas pelas crianças.

**Figura 3:** À esquerda, imagem do piquenique realizado com as crianças e à direita imagem da oficina infantil Corpo e Movimento.



**Fonte:** arquivo pessoal das pesquisadoras

O evento promovido, concedeu a possibilidade de contemplar no âmbito acadêmico, social, teórico e prático um conjunto de compromissos com a temática que é emergente e proporciona direitos e oportunidades para mães e acadêmicas que resistem e insistem em investir na formação. Para além de romantizar e aplaudir esse ato de força e determinação, compartilhamos apoio e reflexões em torno da necessidade de ações afirmativas que contemplem essas mulheres em suas especificidades.

A imagem da mãe discente amamentando seu filho (ver Figura 1) reforça a ideia de que precisamos de aprofundamento teórico e prático nesse campo de atuação para que não somente o direito da estudante seja considerado, mas para que também ela se sinta acolhida e capaz de realizar/concluir seus estudos.



Finalizamos este capítulo com uma dedicação de uma mãe e acadêmica que defendeu recentemente sua monografia no curso, ao estudar os desafios e possibilidades de ser mãe e acadêmica:

Por fim, dedicamos esse TCC para as mães e acadêmicas. A vocês e a nós, vos digo... estamos juntas! O espaço acadêmico nos pertence! Vai ter mãe e acadêmica no contexto da UFAL, vai ter mãe defendendo TCC e enfim conseguindo o título e identidade de Pedagoga. (SILVA, 2019, p. 45).

E aproveitamos a oportunidade para agradecer imensamente a toda equipe (ver Figura 4) que organizou e colaborou com este evento, em especial a todas as discentes-monitoras que ajudaram a abrilhantar cada momento.



**Figura 4:** Imagem da equipe organizadora do evento



**Fonte:** arquivo pessoal das pesquisadoras

E aproveitamos ainda o ensejo para apoiar todas as mulheres que são mães e que diariamente representam resistência e resiliência. A vocês, nosso respeito e nossa admiração!

## Referências

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo**: fatos e mitos. 4. ed. Tradução: Sergio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. Censo. 2000. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=1717&busca=1&t=sis-2010-mulheres-mais-escolarizadas-sao-maes-tarde-tem-menos-filhos>. Acesso em: 15 maio 2020.

LIMA, L. J. L. **Mulheres, mães e pedagogas**: dificuldades e superações para cursar a graduação em pedagogia na UFAL- Delmiro Gouveia-Campus Sertão. 2009. Monografia (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas, Curso de Pedagogia, Delmiro Gouveia, 2019.

SAFIOTTI, H. I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Editora Moderna. 1987.

STEVENS, C. Maternidade e feminismo: diálogos na literatura contemporânea. In: STEVENS, C. (Org.). **Maternidade e feminismo**: diálogos contemporâneos. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007. p. 17-78.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Delmiro Gouveia/AL. 2018. Disponível em: [https://ufal.br/estudante/graduacao/projetos-pedagogicos/campus\\_sertao/projeto-pedagogico-pedagogia-licenciatura-2018.pdf/view](https://ufal.br/estudante/graduacao/projetos-pedagogicos/campus_sertao/projeto-pedagogico-pedagogia-licenciatura-2018.pdf/view). Acesso em: 01 maio 2020.





**A universidade deve se colocar como instância comprometida com a transformação social; onde os processos de formação contínuos, abarquem em suas especificidades, toda comunidade acadêmica – estudantes, técnicos e professores – alcançando, não obstante, setores do entorno regional.**

# **PATRIMÔNIO CULTURAL COMO RECURSO TURÍSTICO: REFLEXÕES A PARTIR DA CIDADE DE PIRANHAS, ALAGOAS**

*Laís Carolina da Silva*

*Bacharel em Ciências Contábeis, Campus do Sertão-UFAL*

*Rafael de Oliveira Rodrigues*

*Professor do Colegiado do Curso de Economia, Campus do Sertão-UFAL*

## **Campus do Sertão: 10 anos de produção de conhecimento**

Este relato de experiência é fruto de um projeto de pesquisa realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e desenvolvido através da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), especificamente pelo Centro de Estudos em Ecodesenvolvimento, Ruralidades e Gestão (CEERG), do Campus do Sertão (UFAL), em parceria com o Laboratório da Cidade e do Contemporâneo, ligado ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (UFAL).

Apresentamos agora um relato de experiência deste estudo como forma de ilustrar o trabalho que vem sendo desenvolvido pelos pesquisadores, discentes e docentes, vinculados ao Campus do Sertão, nas cidades de Delmiro Gouveia e Santana do Ipanema.

O intuito é tornar público esse material ao mesmo tempo em que enfatizamos a importância do Campus do Sertão na produção de conhecimento acerca da realidade na qual ele está inserido.

### **Patrimônio cultural: trajetórias e conceitos**

No Brasil, as políticas de reconhecimento, registro, tombamento e preservação do patrimônio cultural passaram por três momentos distintos até sua consolidação. Num primeiro momento, com a criação da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). O principal objetivo da SPHAN era produzir uma identidade nacional, baseada em elementos característicos da cultura brasileira. Num segundo momento, em 1970, a SPHAN estabelece uma parceria com a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR). O órgão tinha como objetivo regular as atividades turísticas relacionadas ao patrimônio histórico das cidades, ao mesmo tempo em que fiscalizava os impactos socioambientais promovidos pelos diversos grupos de empresas ligadas ao setor.

Esse momento, além de ser caracterizado pela junção do patrimônio com o mercado do turismo, também marca um refinamento nas bases metodológicas dos gestores do patrimônio nacional. A SPHAN deixa de ser uma secretaria ligada ao Ministério da Educação e se torna o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Este período tem como marco a ideia de *patrimônio imaterial* para dar conta de apreender



as diversas manifestações culturais que estavam à margem de uma representação do estado nação, e elementos como danças, comidas e práticas diversas passam a ser também reconhecidos como patrimônio brasileiro. O instrumento adotado deixa de ser apenas o *tombamento*, referente ao *patrimônio material*, e passa também a ser aplicado o *registro* destas outras práticas imateriais.

Por fim, a terceira fase das políticas públicas de patrimônio cultural se caracteriza pelo que os antropólogos, arquitetos, historiadores, museógrafos e demais estudiosos da área classificam com o nome de *gentrification*, ou requalificação. Essa prática promove a apropriação e requalificação dos lugares históricos identificados com potencial turístico pelo poder público e pela “indústria” do turismo, transformando-os em um produto para ser consumido pelas pessoas mais abastadas da sociedade. Os lugares já reconhecidos como patrimônio, e também os ainda não reconhecidos, são transformados em empreendimentos, tomando como base elementos culturais, históricos e também ambientais.

Diante deste contexto, a cidade de Piranhas se torna um excelente referencial empírico para refletir estas políticas e sua relação com o mercado do turismo brasileiro.



## Caminhos metodológicos da pesquisa

Antes de iniciarmos o relato da nossa experiência de pesquisa, convém destacar que este trabalho é fruto de uma pesquisa qualitativa, tendo como base um trabalho de campo realizado na cidade de Piranhas. O trabalho em campo foi necessário para coletarmos documentos textuais e fotográficos, além da realização de algumas entrevistas para nos auxiliar numa melhor contextualização dos documentos.

**Figura 1:** Equipe de pesquisa.



**Fonte:** acervo dos autores

Foram coletados documentos produzidos pelo poder público, especialmente o IPHAN, a Secretaria de Cultura

do município e a CHESF (Figura 01); catálogos produzidos pelas empresas de turismo; além de algumas narrativas com empresários, representantes do poder público, do setor gastronômico e hoteleiro da cidade, como também pequenos comerciantes e moradores.

### **Piranhas: um patrimônio nacional**

A história da cidade de Piranhas está geralmente associada ao avanço das tropas de gado na região, no final do século XVI e início do século XVII. Este momento tem sido referenciado nos livros de história e economia como sendo o período em que ocorreu a expansão dos currais às margens do rio São Francisco. Ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX a cidade teve sua economia associada à pesca, a pecuária extensiva e a agricultura.

As dinâmicas socioeconômicas locais só começaram a se transformar a partir da década de 1990 como o estabelecimento da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), a qual veio a contribuir decisivamente, junto com o poder público local, com estudos de inventário, de tombamento e reconhecimento da cidade como patrimônio cultural. Hoje a cidade possui tombamento em nível municipal, estadual e federal, como área de interesse histórico e cultural brasileiro. Cabe destacar que o tombamento federal aconteceu no ano de 2004, pelo IPHAN. O processo de tombamento da cidade de Piranhas teve como principais atores o IPHAN, a usina hidrelétrica de Xingó (CHESF),



a Universidade Federal de Alagoas e a Prefeitura Municipal, especialmente a Secretaria de Turismo.

**Figura 2:** Centro Histórico de Piranhas.



**Fonte:** acervo dos autores.

A presença da CHESF, em Xingó, contribuiu junto ao poder público com estudos de inventariação, tombamento e reconhecimento do patrimônio cultural, entre os anos de 1999 e 2001. Sobre esse processo, uma das representantes do poder público observou que todo esse caminho em busca da patrimonialização propiciou o aumento de visitas à cidade abrindo passagem para uma das atividades que mais move a economia local: o turismo.

**Figura 3:** Orla do rio São Francisco no Centro Histórico de Piranhas.



**Fonte:** Acervo dos autores

Nesse sentido, os representantes do setor hoteleiro chamam atenção para o fato de que, quando você tem uma cidade que é reconhecida como patrimônio cultural nacional ela vai agregar mais valor para a cidade. Isso nos permite observar que há uma relação intrínseca com as políticas de patrimônio cultural e o setor turístico.

Ao se alinhar com o setor turístico, o patrimônio cultural passa a ser produzido como uma vitrine, através das fachadas dos imóveis e dos serviços oferecidos, para grupos que podem pagar para consumir os bens patrimonializados. Os demais

habitantes dessas áreas de valor histórico e cultural terminam criando estratégias de ocupação desses espaços, as quais produzem novas formas de apropriação dos lugares da cidade, como também novas formas de utilização desses lugares através de pequenos estabelecimentos comerciais voltados para o lazer dos grupos que procuram consumir a imagem de centralidade histórica do local, legitimada pelo reconhecimento do município como patrimônio nacional.

**Figura 4:** fachadas do Centro Histórico de Piranhas.



**Fonte:** Acervo dos autores.

Além dos representantes do setor turístico (hoteleiro e gastronômico), foi possível coletar a narrativa de pescadores e

pequenos comerciantes locais. Ao serem perguntados sobre a influência do turismo para o desenvolvimento de sua comunidade e se os turistas consumiam produtos do seu estabelecimento, um casal de pescadores chamou atenção de que:

Eles nem passam por aqui, é fora de roteiro. Quem vai para Entremontes vai de carro pela estrada de cima, ou então de barco. Quase sempre de barco. Só quem consome aqui somos nós pescadores, vizinhos, da vila. O turismo foi bom apenas para os que conseguiram ganhar dinheiro com os barcos, levando os turistas pra cima e pra baixo no rio: Entremontes, Angico. Só foi bom para eles que foram trabalhar com as empresas de turismo da cidade (INFORMAÇÃO ORAL).



Outro resultado do tombamento para população não ligada ao turismo foi que parte dos moradores tiveram suas formas de vida modificadas. Durante as visitas de campo percebemos que, para uma parcela dos que residem na cidade, essa mudança teve um aspecto positivo, uma vez que abriu portas para se tornarem donos de seus próprios negócios, principalmente para os que moram próximos ao centro histórico.

**Figura 5:** Orla do Rio São Francisco, Centro Histórico de Piranhas.



**Fonte:** acervo dos autores

Especialmente na orla, esses comerciantes encontraram novas possibilidades de subsistência com a abertura de hotéis, restaurantes e bares e, assim, aproveitam as benesses do reconhecimento da cidade como patrimônio nacional, como é o caso de um microempresário residente na cidade de Delmiro Gouveia, também em Alagoas, o qual tem sua renda ligada à fabricação e comercialização de doces em Piranhas. Ao ser perguntado sobre o fato da cidade de Piranhas ser um polo turístico e se isso influencia na sua empresa, ele afirma que:

Bastante! Até porque, como falei, o doce é artesanal, é feito de uma maneira caseira com a receita própria aqui da região e aí quem acaba vindo, não posso dizer que venha à procura do doce, mas quem acaba vindo se interessa. Aí passa a divulgar, porque é uma coisa tradicional da região. Então a questão do turismo abre as portas para todo tipo de negócio, para gente pode-se dizer que abre bastante (INFORMAÇÃO ORAL).

Apesar de alguns pequenos comerciantes apontarem problemas da exclusão de algumas pessoas do mercado turístico pós-tombamento da cidade como patrimônio nacional, como o casal de pescadores, por exemplo, este microempreendedor viu no tombamento do centro histórico uma oportunidade de abrir um negócio, explorando a gastronomia da região.

É importante perceber, ainda, que não existe uma única forma possível em que as populações possam ser enquadradas em contextos que envolvem o reconhecimento de determinados lugares como patrimônio e sua relação com o turismo. Nesse caso, a fala do nosso interlocutor reflete que existem diversas estratégias possíveis de apropriação desses cenários por parte da população local.

### **Considerações finais**

A preservação do patrimônio cultural transformou uma cidade regionalmente conhecida em uma cidade nacionalmente



conhecida, contando com a colaboração da mídia, do setor turístico e das políticas públicas de preservação. É visível a necessidade de educação patrimonial na cidade para os grupos menos beneficiados e que o diálogo desses grupos com os órgãos públicos necessita de melhoria, devendo ser trabalhado com cautela para mapear quais as expectativas desses pequenos grupos para com o reconhecimento da cidade como patrimônio.

Convém destacar também que, numa região carente de dados de pesquisa, quando comparada a capital do estado de Alagoas, o Campus do Sertão (UFAL) tem um papel fundamental no sentido de produzir dados através das pesquisas desenvolvidas em diversas áreas da produção do conhecimento, sendo um agente de fundamental importância para produzir conhecimento que auxilie na promoção de uma maior ressonância entre as políticas públicas e a sociedade civil mais ampla que habita no entorno do Campus, como também em municípios vizinhos.

## Referências

FONSECA, C. L. Referências Culturais: base para novas políticas de patrimônio *In*: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Inventário Nacional de referências Culturais**: manual de aplicação. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

GONÇALVES, J. R. dos S. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.



LEITE, R. P. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 49, p. 115 – 172, 2002

RODRIGUES, R. de O.; MÉLO, R. de S. Nos tempos dos charutos prateados: ressonâncias em torno do reconhecimento do Campo do Jiquiá como um patrimônio histórico do Recife. *In: Revista Mundaú*, n. 5, p. 101-120, 2018.





**O Campus Sertão investe na formação de pessoas comprometidas com a verdade, cientistas engajados e profissionais éticos, revestidos pela nobreza de caráter e pleno equilíbrio entre discurso e prática. Ciência se faz com consciência.**

# **NÚCLEO DE PESQUISA E ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS E HISTÓRICOS: ESPAÇO DE INVESTIGAÇÃO, CONSTRUÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO**

*Flávio Augusto de Aguiar Moraes – NUPEAH/UFAL Campus Sertão*

*E-mail: flavioguiarac@gmail.com*

*José Ivamilson Silva Barbalho - NUPEAH/UFAL Campus Sertão*

*E-mail: ivamilsonbarbalho@gmail.com*

## **Antecedentes e consolidação**

O Núcleo de Pesquisa e Estudos Arqueológicos e Históricos (**NUPEAH**) da Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão, surge vinculado ao curso de Licenciatura Plena em História a partir de demandas afloradas nas discussões das disciplinas de Arqueologia e Antropologia. A ausência de estudos arqueológicos sistemáticos no Sertão alagoano, bem como toda a potencialidade já conhecida em virtude da existência de sítios com registros rupestres na região (Simon *et al.* 1999; Vergne, 2002), ensejou a necessidade de criação de um núcleo de pesquisa que fomentasse investigações arqueológicas, em diversos âmbitos, dialogando com o campo da pesquisa histórica.

No dia sete de dezembro de dois mil e onze (07/09/2019), em reunião ordinária do colegiado do curso de Licenciatura Plena em História-Campus Sertão, foi apresentada a proposta, pelos professores Flávio Moraes e Aruã Lima, de criação do Núcleo de Pesquisa e Estudos Arqueológicos e Históricos. A proposta foi acolhida pelo colegiado e aprovada por unanimidade. Para o desenvolvimento de pesquisas arqueológicas se faz imperativo dispor de um espaço onde se pudesse acomodar e analisar os materiais coletados nas atividades de campo, neste sentido, foi feita uma solicitação à Direção do Campus Sertão. A necessidade de espaço físico, é inclusive, legal, tendo em vista que o órgão responsável pela fiscalização e gestão do patrimônio arqueológico, o Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional, só autoriza a realização de projetos de pesquisa mediante apresentação de documento que conste a condição de armazenamento dos materiais recolhidos.

Um dos principais objetivos do NUPEAH era o de possibilitar, especialmente, aos discentes do curso de História, uma interação dialógica com a pesquisa arqueológica, com o desenvolvimento de estudos na temática para a construção de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), além de incentivo, orientação para a inserção dos egressos em programas de pós-graduação em arqueologia nas diversas instituições do país. Propiciar o surgimento de pesquisadores/as do sertão alagoano, delinear objetos e linhas de pesquisa relacionados a própria região, tem sido uma construção fundamental no campo da formação arqueológica no Campus.



Nesse sentido, para um primeiro momento, esperava-se que pesquisas arqueológicas com sítios da região fossem realizadas de forma mais sistemática, e assim ampliar o conhecimento sobre os povos pretéritos, estabelecendo, inclusive, uma relação de identidade com esse patrimônio arqueológico.

No ano de 2019, após uma reformulação do Núcleo, integrou-se como vice coordenador o Prof. Dr. José Ivamilson Silva Barbalho, este vinculado ao curso de Pedagogia do Campus Sertão, com pesquisa consolidada na temática da educação indígena. Sua chegada trouxe uma nova dinâmica as atividades do NUPEAH, ampliação do espaço do núcleo, organização internas das atividades com os discentes, planejamento colegiado semestral, culminando com o lançamento do primeiro número da Revista de Ciências Humanas Caeté.



## **Dos projetos realizados**

### ***2.1 Pesquisa e extensão***

Dentre os projetos pensados para a existência do Nupeah a pesquisa acadêmica na área da arqueologia, especialmente, foi um fator que impulsionou a consolidação do Núcleo. Porém, no decorrer das atividades de pesquisa realizadas, percebemos que haviam outras demandas para além da pesquisa arqueológica, por exemplo, extensão no que se refere a formação de condutores que acompanham turistas em visita a sítios arqueológicos da região,

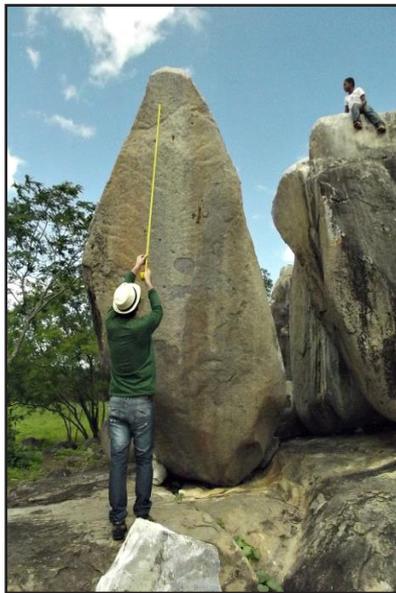
diálogo e criação de curso de pós especialização que pudesse atender as comunidades indígenas existentes em Delmiro Gouveia e nas cidades circunvizinhas, entre outros.

No que se refere a pesquisa científica, no campo da arqueologia, podemos citar quatro em especial, a saber, 1 – Estudo dos sítios rupestres do município de Inhapi-AL; 2 – Pesquisa arqueológica no sítio Lajedo do Cruzeiro-Pocinhos-PB; 3- Pesquisa Arqueológica no sítio Pedra da Tesoura-Boqueirão-PB; 4 – Pesquisa arqueológica nos sítios de registro gráfico do Assentamento Lameirão-Delmiro Gouveia-AL.

Em Inhapi-AL foram estudados três sítios com registro rupestre (figuras 1 e 2), resultando em um trabalho de conclusão de curso, e um artigo científico publicado na Revista de Ciências Humanas Caeté (UFAL) (MORAES; BRITO; FONTES, 2019). As pesquisas foram realizadas com o apoio da prefeitura municipal que nos forneceu todo o suporte de logística.



**Figura 1:** Visita aos sítios de registros gráficos do município de Inhapi.



**Foto:** acervo Nupeah (2015).

**Figura 2:** Registro rupestre identificado em um dos sítios do município de Inhapi.



**Foto:** acervo Nupeah (2015).



No sítio Lajedo do Cruzeiro, município de Pocinhos-PB, foi realizado uma escavação arqueológica sistemática no ano de 2015, pois se tratava de um local de enterramento de povos indígenas pretéritos. Esta pesquisa foi realizada em parceria com o Instituto Memorial da Borborema e Prefeitura municipal. Os resultados foram muito interessantes e deram grande repercussão no estado da Paraíba, pois tratava-se de um enterramento múltiplo secundário (figuras 3 e 4), com datação de  $1.680 \pm 30$  A.P. (Beta – 543286).

**Figura 3:** Escavação da área do sítio Lajedo do Cruzeiro, Pocinhos-PB.



**Foto:** acervo do Nupeah (2015).



**Figura 4:** Ossos humanos evidenciados durante escavação.



**Foto:** acervo do Nupeah (2015).

O sítio Pedra da Tesoura é um abrigo-sob-rocha, localizado no Distrito do Marinho, município de Boqueirão-PB, foi outra pesquisa que propiciou resultados técnico-científicos, e consolidou parcerias. Mais uma vez estivemos ao lado do Instituto Memorial da Borborema, com apoio da Prefeitura Municipal de Boqueirão e dos moradores do Distrito do Marinho. As escavações foram realizadas em duas campanhas, uma no ano de 2016 e outra em 2017. O sítio apresentou uma elevada densidade de materiais arqueológicos característicos de contexto funerário. Identificamos enterramentos secundários distintos, de cremação, em cestos de fibra vegetal, e ossos pintados com pigmento vermelho (figuras 5 e 6). Este sítio forneceu uma datação de  $1.470 \pm 30$  A.P. (Beta – 543287). As análises encontram-se em andamento. Como resultado, foi publicado um artigo sobre os trançados de fibra vegetal, no ano de 2019, na Revista da Sociedade Brasileira de Arqueologia (COSTA e MORAES, 2019).



**Figura 5:** Escavação no sítio Pedra da Tesoura, Boqueirão-PB.



**Foto:** Lourdinha Dantas (2016).

**Figura 6:** Ossos longos com pigmentação vermelha evidenciados durante escavação.



**Foto:** acervo do Nupeah (2016).

A pesquisa arqueológica realizada nos sítios do assentamento Lameirão teve início no ano de 2017, quando a equipe do Nupeah foi contactada por uma moradora local solicitando auxílio na formação de guias que realizavam visitas a



sítios com registros gráficos, e gostariam de passar informações aos turistas melhores fundamentadas e com mais segurança. Realizamos assim um projeto de extensão capacitando cerca de oito guias. Em seguida, demos prosseguimento as pesquisas com visitas aos sítios de registro rupestre. As atividades resultaram até o momento na publicação de dois artigos no ano de 2019, um na Revista de Ciências Humanas Caeté (UFAL) (SOUZA; MORAES; SILVA; BATISTA, 2019) e outro na Revista Clio Arqueológica (UFPE) (MORAES; SILVA; BRITO; FONTES, 2019).

Todos esses projetos de pesquisa são acompanhados de ações de extensão, através da realização de palestras e oficinas de educação patrimonial.

### **Eventos e palestras**

No âmbito do estreitamento de relações com outras instituições de pesquisa, o NUPEAH buscou desenvolver diálogo científico acadêmico e assessoria técnica. Destacamos duas atividades importantes: a) O I Ciclo Interdisciplinar de História do Sertão: diálogos entre arqueologia, antropologia e história, ocorrido no mês de fevereiro de 2018, que contou com participação internacional do pesquisador Dr. Pedro Jimenez Lara, da Universidade Veracruzana do México (figuras 7 e 8), e da arqueóloga Danúbia Lima, que desenvolve seu doutorado na Universidade de Coimbra.



**Figura 7:** Curso ‘Mesoamérica Pré-colombiana’ ministrada pelo Dr. Pedro Jimenez Lara.



**Foto:** acervo do Nupeah (2018).

**Figura 8:** Curso ‘Mesoamérica Pré-colombiana’.



**Foto:** acervo do Nupeah (2018).

b) No mês de agosto do ano de 2019, recebemos a visita da pesquisadora Ana Luisa Santos, do Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, da Universidade Coimbra. Essas ações

formativas tem ajudado o núcleo a promover não somente o intercâmbio internacional, como também contribuem com a qualificação dos novos pesquisadores/as dentro e fora da UFAL Sertão.

## Considerações finais

O NUPEAH hoje é um espaço de investigação e produção científica com amplo reconhecimento externo. Tem o mérito de corroborar com a formação de estudantes do campus, profusão de projetos de pesquisas, cursos temáticos orientação de discentes no ingresso em programas de pós-graduação (nível de mestrado), e assessoria técnica junto a instituições parceiras da região. É trabalho de alcance interregional, que busca colocar o campo da pesquisa arqueológica ao alcance de todos/as. O NUPEAH orgulha-se de fazer parte da história de trabalho, dedicação, êxitos e vitórias do Campus do Sertão.

## Referências

COSTA, R. L.; MORAES, F. A. de A. A produção de cestarias e cordoarias na pré-história do cariri paraibano. *In: Revista de Arqueologia da SAB*, v. 32, n. 1, 2019.

MORAES, F. A. de A. *et al.* Identificação e caracterização dos sítios de registro rupestre no Assentamento Lameirão, Delmiro Gouveia-Alagoas. *In: Revista Clio Arqueológica*, v. 34, n. 3, 2019.



MORAES, F. A. de A.; BRITO, J. A. M. de; FONTES, M. A. F. Potencialidades arqueológicas no alto sertão alagoano: identificação de sítios de pinturas rupestres no município de Inhapi-AL. *In: Revista de Ciências Humanas Caeté*, v. 1, n. 2, 2019.

SIMON, C. *et al.* **Enterramentos na Necrópole do Justino- Xingó.** Projeto de Arqueologia de Xingó. São Cristóvão-SE: Petrobras, CHESF, UFS, 1999.

SOUZA, C. J. V. de *et al.* Vivendo com a Pré-história: contribuições do grupo ecológico Veredas da caatinga para a preservação dos sítios rupestres no Assentamento Lameirão, Delmiro Gouveia-Alagoas (2015-2019). *In: Revista de Ciências Humanas Caeté*, v. 1, n. 1, 2019.

VERGNER, M. C. de S. Estruturas funerárias do sítio do Justino: distribuição no espaço e no tempo. *In: Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*, Aracaju: UFS, n. 2, 2002.





**Quando a democracia declina surgem formas esdrúxulas de autoritarismos. A Educação como prática de liberdade é um compromisso da UFAL Sertão ao longo de seus 10 anos.**

## **GEPAR:** FORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO

*Lucas Gama Lima*

Desde a sua formação o curso de Geografia tem se consolidado como uma referência para a comunidade local. Enquanto profissionais comprometidos com materialização e efetivação de ações e atividades voltadas para atender as demandas e anseios do Campus e, conseqüentemente, do curso, buscamos neste transcurso de tempo, proporcionar aos alunos o acesso à pesquisa e a extensão de forma sistematizada e foi nesta seara que o Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional – GEPAR foi criado.

Fazendo um pequeno retrospecto, rememoramos um período em que o Campus do Sertão e o curso de Geografia ainda estavam em formação, tanto da sua estrutura física, de pessoal e de suas bases pedagógicas. Isso nos instigou ainda mais a buscar alternativas e ferramentas para institucionalizar o primeiro grupo de pesquisa do curso de Geografia do Campus do Sertão, visto que os alun@s, até então, não tinham vivenciado nenhuma experiência e/ou aproximação com a pesquisa de modo formalizado.

Diante desta urgente demanda a professora Angela Fagna Gomes de Souza elaborou e aprovou junto a UFAL a criação do GEPAR-UFAL, certificado pela instituição em abril de 2014. Iniciamos as atividades contando com a participação de alunos da Geografia e de outros cursos de licenciatura do Campus, além da colaboração de demais professores do curso, com atividades tais como: grupos de estudos, realização de eventos, oficinas, minicursos e pesquisas de campo.

Logo após a criação do grupo aprovamos junto ao CNPq e a UFAL o primeiro Projeto de Iniciação Científica - PIBIC do curso de Geografia, denominado "Identities e socioespacialidades no sertão de Alagoas: estudos regionais sobre cultura, territorialidades e ambiente", desenvolvido de agosto de 2014 a julho de 2015. Tal projeto contou a participação de dois bolsistas remunerados e dois voluntários e teve como objetivo estudar as formas de identidades regionais presentes no sertão de Alagoas; mapeando, descrevendo e analisando as culturas patrimoniais e os seus modos de vida cotidianos, seus saberes, valores e práticas realizados em diferentes dimensões e escalas regionais. O desenvolvimento deste projeto propiciou aos bolsistas e aos integrantes do GEPAR a oportunidade de aproximação com a pesquisa, trabalhando com leituras teóricas, instrumentais metodológicos e inúmeras pesquisas de campo nas comunidades do Sertão alagoano. Salientamos que foi uma vivência diferenciada no que diz respeito a pesquisa, especialmente no que tange aos primeiros estudos sobre a identidade regional



alagoana, e que abriu caminho para inúmeras pesquisas futuras, tanto na geografia como em outros campos.

Com a crescente demanda de alunos e de novas atividades criamos, a partir de 2015, os grupos de extensão com temáticas específicas sendo: Grupo de Extensão em Estudos de Geografia Cultural do Sertão Alagoano – GEEGCSA; Grupo de Estudo e Extensão em Ensino de Geografia do Sertão de Alagoas – GEEEGSA;

Com o objetivo de promover reuniões, oficinas, minicursos e palestras sobre estas temáticas, os grupos de estudos e extensão passaram a mobilizar o GEPAR em diferentes linhas de ação, agregando discentes de diferentes áreas em um ambiente plural de ideias.

A partir de 2016, o GEPAR aprovou dois projetos de extensão junto aos editais de financiamento da PROEX: “Observatório das escolas do/no Campo no Alto Sertão de Alagoas” (edital PROCCAEXT), sob coordenação dos professores Leônidas de Santana Marques e Ricardo Santos de Almeida; e “Caravana de arte e cultura do Alto Sertão de Alagoas: identidade e sociabilidades do povo sertanejo” (edital PROINART), sob coordenação dos professores José Alegnoberto Leite Fachine e Leônidas de Santana Marques.

O primeiro projeto teve como objetivo construir um diagnóstico das escolas em área rural dos municípios de Água Branca, Delmiro Gouveia e Pariconha, dando base para a formação de ações de intervenção nestas instituições segundo



os fundamentos da Educação do Campo. A partir deste, desenvolvemos uma série de atividades que aproximaram o corpo acadêmico da realidade das escolas em áreas rurais do sertão alagoano. Contamos com a participação de mais de 30 pessoas engajadas nas diversas etapas do projeto, envolvendo discentes dos cursos de Geografia, Pedagogia, História e Letras.

Já o projeto de extensão “Caravana de arte e cultura do Alto Sertão de Alagoas: identidade e sociabilidades do povo sertanejo” teve como objetivo desenvolver a integração de diferentes campos artísticos na compreensão do ser sertanejo, envolvendo ações de cultura e arte nas escolas públicas dos municípios do Alto Sertão de Alagoas. Com este, construímos um grupo de teatro que apresentou uma peça em instituições educacionais dos municípios de Canapi, Delmiro Gouveia, Inhapi, Mata Grande, Pariconha e Santana do Ipanema. Além da necessária aproximação entre Universidade e educação básica, o projeto foi fundamental na inserção da linguagem teatral como integrante do processo de formação inicial docente.

Também vale salientar que, a partir de 2016, o GEPAR iniciou a série de eventos chamados “Seminário de Estudos Avançados”. Com frequência anual, os eventos têm sido um espaço privilegiado de formação intelectual dos integrantes do grupo (e de demais integrantes da comunidade acadêmica) a partir de ciclo de seminários que tratam de tópicos afins aos grupos de extensão e estudos ativos no GEPAR ministrados por convidados externos à rotina de leitura dos textos. Desta forma,



existe uma constante reoxigenação das leituras dos grupos, além da potencial aproximação de novos integrantes.

Em 2017, foi criado o Grupo de Estudos em Geografia do Trabalho, reunindo estudantes dos cursos de Geografia e História. Os encontros do grupo têm se dedicado às leituras e discussões acerca da relação capital/trabalho, através de um referencial teórico-metodológico de base marxista. Através do grupo foi realizado, em dezembro de 2018, o I Seminário Mundo do Trabalho e a Geografia, sob a coordenação do professor Lucas Gama Lima, que agregou lideranças sindicais, movimentos populares e jovens indígenas para reflexão com a comunidade a respeito da reestruturação produtiva e flexibilização trabalhista.

Ainda em 2017, no emblemático dia do trabalhador rural, 25 de julho, foi criado o Observatório de Estudos sobre a Luta por Terra e Território (OBELUTTE), uma linha de pesquisa do GEPAR que funciona como um veículo de reflexão e levantamento de dados acerca das lutas por demarcação de territórios indígenas e quilombolas, das lutas por reforma agrária, dos conflitos no campo, das sementes crioulas e transgênicas e da educação do/no campo. Desde sua criação, o OBELUTTE tem se notabilizado como referência regional, em razão da regular publicação de artigos e trabalhos científicos e pela interlocução privilegiada com povos tradicionais, camponeses e movimentos sociais.

O OBELUTTE esteve à frente de dois importantes seminários, ocorridos no Campus do Sertão, entre os anos de 2018 e 2019, sob a coordenação dos professores Lucas Gama Lima e Leônidas



de Santana Marques, que alcançou público numeroso, agregando pessoas da comunidade acadêmica e externa. Destaca-se a presença constante de pesquisadores e lideranças de movimentos sociais e sindicais na programação das duas edições.

Nos anos de 2018 e 2019, o GEPAR aprovou dois projetos de extensão, sob a responsabilidade do professor Lucas Gama Lima, e vinculados, respectivamente, aos editais ProCCAExt e Universidade Popular. O primeiro, intitulado “Povos Tradicionais e Sementes Crioulas: a construção de um território autônomo no Sertão de Alagoas” promoveu diálogos com o povo indígena Kalankó e com as quilombolas da Serra das Viúvas a respeito dos perigos que cercam a expansão dos transgênicos no semiárido e o conseqüente desaparecimento das sementes crioulas. Participaram e colaboraram neste projeto oito estudantes, sendo três bolsistas, dos cursos de Geografia e Letras do Campus do Sertão e dirigentes da Cooperativa de Pequenos Produtores de Bancos Comunitários de Sementes (COPPABACS). O segundo, intitulado “A questão agrária no Sertão de Alagoas: contradições e lutas de resistência” está em curso e reúne estudantes dos cursos de Geografia e História para proporcionar uma espaço de reflexão sobre variados temas da questão agrária, junto a lideranças de três povos indígenas e dois assentamentos de reforma agrária no Sertão de Alagoas.

Igualmente, entre 2018 e 2019, o GEPAR obteve êxito na aprovação e, posteriormente, renovação do projeto de pesquisa PIBIC intitulado “Agrotóxicos no Semiárido: uma análise das

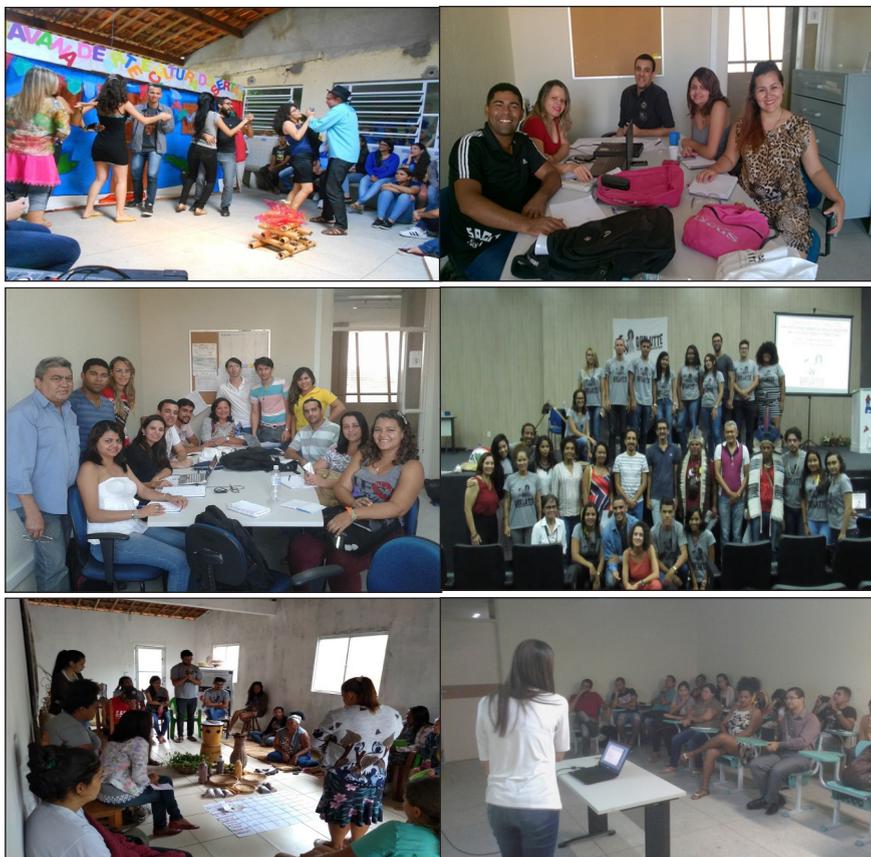


contradições socioespaciais de seus impactos no Alto Sertão de Alagoas". A pesquisa, sob a coordenação do professor Lucas Gama Lima, conta com dois bolsistas (CNPq e UFAL) e dois voluntários que se dedicam a investigar a expansão do consumo de agrotóxicos e as decorrentes intoxicações humanas e contaminações ao meio ambiente, bem como a sujeição da renda da terra camponesa pelas empresas agroquímicas. Dois artigos, produtos da investigação, já foram publicados em periódicos científicos de circulação nacional e, recentemente, seu coordenador e uma bolsista foram escolhidos, durante o 29º Encontro de Iniciação Científica da UFAL, para receber prêmio de excelência acadêmica.

Em razão de sua longevidade e de sua vasta produção acadêmico-científica, que se confunde com a própria histórica do Campus do Sertão, o GEPAR promoveu, em janeiro de 2020, o I GEPAR APRESENTA, um evento público, destinado a socializar com a comunidade universitária os projetos e os resultados das pesquisas de seus integrantes, ao longo do último ano. A expectativa é que outras edições sejam realizadas regularmente.

Por fim, mas não menos importante, é fundamental mencionar que o GEPAR tem contribuído na formação teórica e no envolvimento sistemático de discentes na prática da pesquisa. Vários integrantes do GEPAR tornaram-se estudantes de programas de pós-graduação pelo país, cursando mestrado e/ou doutorado. No mosaico seguinte apresentamos alguns de nossos momentos em imagens:







**Não se pode reclamar pela edificação de uma nova sociedade com pensamentos plantados no ódio, violência, discriminação racial. A ufal sertão é contra toda forma de intolerância, racismos e sectarismos.**

# **A MEMÓRIA DO NÚCLEO DE ESTUDOS, EXTENSÃO E PESQUISAS SOBRE DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO DO SERTÃO ALAGOANO- NUDES CONSTRUÍDA ATRAVÉS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

*Profa. Dra. Maria Aparecida Silva- UFAL- Campus do Sertão*

*Profa. Me. Monica Regina Nascimento dos Santos- UFAL- Campus do Sertão*

*Profa. Dra. Ana Cristina Conceição Santos- UFAL- Campus do Sertão*

*Profa. Me. Adriana Deodato Costa- UFAL- Campus do Sertão*

*Profa. Dra. Suzana Libardi- UFAL- Campus do Sertão*

## **Introdução**

Este artigo é uma reflexão sobre educação e apresentação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Diversidade e Educação no Sertão Alagoano- NUDES, ligado à Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão, Brasil, e seus projetos de extensão voltados para os municípios do sertão alagoano, às comunidades quilombolas e indígenas. O objetivo maior do trabalho do NUDES

é fomentar debates em torno de questões étnico-racial, gênero, sexualidade, identidade e território para efetivação de políticas públicas. A metodologia utilizada nos projetos relatados é da pesquisa-ação, que estimula a participação, o questionamento das pessoas envolvidas na pesquisa, pois visamos promover “o conhecimento da consciência e também a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos com quem se trabalha” (OLIVEIRA, p. 19, 1981). O NUDES e seus projetos de extensão primam por uma sociedade igualitária de direitos sociais.

### **O Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisas sobre Diversidade e Educação no Sertão Alagoano- NUDES e seus projetos de extensão**

A concepção de educação que o NUDES defende é aquela que valoriza espaços escolares e não escolares de aprendizado e construção de sujeitos. Por isso é uma educação voltada para a socialização (OLIVEIRA, 1997), considerando um processo de formação dos sujeitos ao longo das idades para se tornarem adultos, adquirindo capacidades e qualidades humanas para o enfrentamento de exigências postas por determinado contexto social (LIBÂNEO, 2007). Esta educação também é fundamentada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação em seu artigo 1º.

O espaço escolar pode ser considerado um espaço em que se reproduz o campo do poder, em que as relações sociais permitem uma hierarquização que culminará na consistência da estrutura escolar. A aparência democrática da escola apenas



esconde seus verdadeiros vínculos, o que faz operar uma seleção social, segundo critérios culturais das classes dominantes, a escola como reprodutora, quando não, geradora das desigualdades (BARCELOS, 1992).

Se a “[...] instituição escolar contribui para reproduzir a distribuição do capital cultural e, assim, a estrutura do espaço social” (BOURDIEU, 2001, p. 98), a população negra e indígena poderiam através da instituição escolar, criar um espaço de legitimidade que garantisse uma ascensão social. Na verdade, o “efeito do destino” (BOURDIEU, 2001) mostra que a instituição escolar está estruturada para a hierarquização e homogeneidade, tornando-se assim, uma facilitadora de violências - esta não apenas física, mas também revestida símbolos e significados - com aqueles que não se encaixam nessa hierarquia. Observando alguns estudos como o de Adilton de Paula (2004, p. 91), sobre a presença do racismo na escola e o tratamento dos profissionais da educação fica nítido o descaso para com esta questão.

O NUDES é um espaço de troca de conhecimentos vinculado à Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, localizada na cidade de Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil. Esse Núcleo foi oficializado em 2011, mas, foi construído anteriormente a partir da reunião dos projetos de extensão existentes em torno das políticas de ações afirmativas, buscando articular temáticas a partir das diversidades no desenvolvimento destes projetos de extensão realizados pelos docentes e discentes, bolsistas e colaboradores, levando em consideração a necessidade de



discutir as relações sociais baseadas nos preconceitos, homofobia, racismo e outras formas de discriminações. Os objetivos do NUDES são de promover uma formação voltada para o aprofundamento de problemáticas sociais, a exemplo das questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade como condição de enfrentamento das mesmas; fomentar estudos e pesquisas exitosas com a pretensão de uma produção acadêmica que subsidie e dialogue com várias áreas do conhecimento.

Neste sentido, temos projetos desenvolvidos pelo NUDES que pautam exclusivamente as políticas públicas que dialogam com as Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 e leis estaduais correlatas, com o currículo e as relações no âmbito da educação básica. A intenção é promover a afirmação das identidades e a produção de material voltado para a educação das relações étnico-raciais, sexuais e de gênero.

Portanto, as políticas públicas educacionais estarão em foco no que diz respeito às formas de inserir no currículo da Educação Básica as “temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiências, entre outros, bem como o combate a todas as formas de discriminação e violações de direitos, assegurando a formação continuada dos(as) trabalhadores(as) da educação para lidar criticamente com esses temas” (CNDH/MEC, 2006).

O NUDES é um Núcleo cujo foco de atuação encontra-se concentrado na extensão, a exemplo do Programa “Pró-identidade: A percepção da Identidade na Educação Básica: gênero, etnia



e sexualidade nas relações educacionais das comunidades Quilombolas e Indígenas do Alto Sertão Alagoano” - aprovado no Edital Proext Mec Sesu e no Edital



Pro Extensão da UFAL. Este Programa inicialmente é composto por oito projetos, são eles: 1- Projeto: Sexualidade e relações de gênero no alto sertão alagoano; 2- Projeto: Identidade étnico-cultural nas comunidades indígenas; 3- Projeto: Educação para as Relações Étnico-raciais no sertão alagoano; 4- Projeto: A Educação no Semiárido Alagoano: dados preliminares; 5- Projeto: Levantamento do processo histórico de reconhecimento das comunidades quilombolas e indígenas do sertão alagoano; 6- Projeto: Mapeamento das políticas públicas de promoção da igualdade racial efetivadas no Alto Sertão Alagoano; 7- Projeto: Os sujeitos da EJA: perfil étnico racial das turmas de EJA no Sertão Alagoano; 8- Projeto: Mapeamento da população LGBT do município de Delmiro Gouveia-AL; 8- Projeto: Um olhar étnico-racial, de gênero e sexualidade sobre populações invisibilizadas do Sertão Alagoano, sua organização e relação com o poder público e o Observatório da Diversidade.



A partir de 2017, o Núcleo passou a contar também com projetos de extensão e pesquisa que contemplam marcadores sociais citados



anteriormente (raça, etnia, gênero, classe e território) em interface com a questão geracional, focando especificamente as crianças e suas infâncias no território sertanejo. Por meio do projeto de extensão GLEI – Grupo de Leitura em Estudos da Infância, apoiado por edital PROCCaEXT-PROEX-UFAL 2018-2019, estão sendo realizadas atividades de grupo com crianças de comunidades indígenas e quilombolas da região, em espaços não escolares dessas comunidades, com o intuito de favorecimento dos vínculos comunitários das gerações mais novas com as identidades coletivas do território no qual residem e produzem cultura.

Simultaneamente, o projeto interinstitucional “Diálogos quilombolas: uma abordagem geracional da infância”, em parceria com o núcleo de pesquisa NIJUP-UFF, está criando intercâmbio entre crianças de comunidades quilombolas de regiões diferentes do país. Além disso, um projeto de pesquisa vem sendo conduzido para averiguar a produção científica nacional sobre as crianças e



infâncias de comunidades indígenas e quilombolas; com apoio PIBIC-UFAL-CNPq 2019-2020.

E em 2018 compôs o NUDES, o GEDOFH – Grupo de Estudos e Extensão em Educação, Docência e Formação Humana, o qual



traz em sua proposta aprofundar as análises do fenômeno educativo e sua relação com o ser docente e o ser humano na sociedade contemporânea. Esta relação se justifica pela necessidade de se contrapor as formas ideológicas e políticas da crise em que sociedade se encontra, a saber, a crise de suas estruturas e de suas relações sociais assim como aprofundar as relações de gênero no interior dessa crise principalmente aquelas voltadas à docência. O NUDES, além dos projetos supracitados contempla ainda o Curso de Especialização *lato sensu* Educação para as relações étnico- raciais no semiárido alagoano para professores do estado, o III Curso de Formação continuada: educação para as relações étnico-raciais no sertão alagoano, voltado para professores do Ensino Fundamental do sistema público municipal de educação, o Curso de extensão Gênero



e Diversidade proposto pelo grupo de estudo sobre gênero do NUDES, o Projeto: Identidade e Território: um olhar a partir das lideranças quilombolas e indígenas do sertão alagoano e a orientação e formação dos bolsistas do Projeto Õde Ayé.



Além dos projetos de extensão o NUDES realiza anualmente Seminário da Diversidade, Encontro com os parceiros, Ciclo de Debates e *NUDES convida*. Em 2012, II Seminário da Diversidade Étnica, Sexual e de Gênero do Campus do Sertão com tem a *Repensar Ações e propor Políticas Públicas no Contexto Atual*; 2013, o I Ciclo de Debates da Diversidade com o tema *Educação e Etnicidade*. Em 2014, realizou o I Seminário Nacional sobre Educação e Diversidade étnica, Sexual e de Gênero sob o tema *Direitos Humanos: dilemas e avanços no cenário nacional* e o II Encontro com os Parceiros Institucionais.

Em 2015, o II Ciclo de Debates do NUDES: Educação e Identidade Surda; em 2015, NUDES convida: Palestra- *Observando o Dia da África: da Independência ao Neocolonialismo*; em 2016 NUDES convida: *Feminismos múltiplos olhares*; e em 2017, o II



Seminário Nacional da Diversidade Étnica, Sexual e de Gênero  
como o tema: *A Educação inclusiva e os desafios atuais.*

## Seminários





E a proposta construída em 2016 do Mestrado Profissional sobre Educação e Diversidade Étnica, Sexual e de Gênero.

O NUDES, por meio da primeira edição do Pró-identidade, atuou com vistas à problematização/reflexão/superação do racismo institucional, sobretudo, nas escolas das comunidades quilombolas e indígenas, num processo de afirmação da identidade negra e indígenas, bem como das múltiplas expressões de diversidade.

Ao traçar a trajetória do NUDES, podemos demarcar a importância deste núcleo no que tange a extensão universitária,

com assertiva de que cada atividade realizada contribui para a formação de sujeitos históricos. A memória do NUDES é a memória individual e coletiva (Halbwachs, 2006), das experiências, do vivido, do aprendido e do lembrado, na forma de construção e participação de cada um que pôde compartilhar os momentos de trocas proporcionados por suas ações.



## Referências

BARCELOS, L. C. Educação: um quadro de desigualdades raciais. *In: Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 38, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 10 nov. 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9.394/96)**. 1996. Disponível em: [www.portaldaindignidade.gov.br/portal-antigo/.../diretrizes-curriculares](http://www.portaldaindignidade.gov.br/portal-antigo/.../diretrizes-curriculares). Acesso em: 03 jan. 2019.

BRASIL. **Lei nº 1165/2008**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787>. Acesso em: 10 nov. 2019.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, R.; OLIVEIRA, M. Pesquisa social e ação educativa. *In*: BRANDÃO, C. R. (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PAULA, A. de. Educar o Brasil com Raça: das raças ao racismo que ninguém vê. *In*: SANTOS, G.; SILVA, M. P. da (Org.) **Racismo no Brasil: percepções do preconceito racial no século XXI**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.





**O campus do sertão se compromete com a garantia e oferta de uma educação pública, gratuita e com qualidade. Acredita que a defesa da sociedade democrática é uma condição necessária para o surgimento de uma nova cidadania brasileira. Respeitar as pessoas, em suas singularidades, é uma dimensão fundamental no processo de formação Acadêmica e humana.**

# **ARTE, CIÊNCIA E ENGAJAMENTO: EXTENSÃO ACADÊMICA E AÇÕES FORMATIVAS DO EQUIPAMENTO CULTURAL DA UFAL GRUPO DE CULTURA NEGRA DO SERTÃO ABÍ AXÉ EGBÉ**

*Prof. Dr. Gustavo Manoel da Silva Gomes  
Diretor do Grupo de Cultura Negra do Sertão Abí Axé Egbé  
Professor do curso de História - Licenciatura.  
UFAL/Campus do Sertão*

*“Quanto mais frequentava e participava, percebera em mim mesmo uma mudança de postura nas discussões e no enfrentamento de situações que só quem é negro passa. Os grupo passa a construir dentro de mim um novo agente da sociedade que sabe o seu valor”.*  
(Jhonata Neves Santos. 10 de novembro de 2018).

O excerto acima diz respeito a uma lembrança produzida pela memória de um antigo integrante do Abí Axé Egbé: homem negro, pedagogo formado pelo Campus do Sertão, Jhon, como era popularmente conhecido, vinha sendo atravessado por discursos que não só o instruíam, mas também o empoderavam. A narrativa que esse jovem produziu, tece conexões entre um passando, antes de ingressar no grupo; um presente, marcado

pela paulatina transformação interior; e um futuro, vislumbrado com as esperanças de sua própria ação na construção de um mundo sem racismo e mais equitativo. Ela também articula sensibilidade e crítica nos saberes construídos a partir dessa experiência. Essa narrativa funciona não só como artefato de saudade e de esperança, mas também como registro científico de um processo pedagógico significativo que se desenvolve no campus sertão da UFAL. Ela constata e relaciona alguns dos efeitos do Abí Axé Egbé, uma ação de extensão acadêmica, nos processos de subjetivação de jovens sertanejos a partir dos debates sobre relações étnico-raciais.

Tudo isso diz respeito a um contexto de reformulações pedagógicas que ocorreu em nível nacional, mas que é respaldado em normas legais internacionais. Ambas se cruzam e formam os princípios institucionais inclusivos e democráticos defendidos nos Planos de Desenvolvimento Institucional da UFAL e, a partir do processo de expansão universitária no Brasil, essas reformulações pedagógicas se interiorizam e repovoam o sertão alagoano a partir de outras perspectivas epistemológicas. Um processo histórico que é preciso rememorar analiticamente.

Desde que foi sancionada a Lei n. 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história da África e da cultura afro-brasileira na educação nacional, uma grande série de iniciativas a fim de implementar essa norma pedagógica nos estabelecimentos de ensino tem sido efetivadas por diferentes perspectivas. Ainda assim, pelo teor diverso, rigoroso e politizado da produção científica



contemporânea sobre as culturas africanas e afro-brasileira, ainda em grande parte desconhecida pelo grande público, tem sido um desafio a inserção desses conteúdos de forma adequada e sistemática nas práticas curriculares.

É preciso lembrar que a normatização do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira foi elaborada, disputada e autorizada como um dispositivo de combate ao racismo a partir das instituições escolares. Seu objetivo, portanto, não é apenas produzir conhecimentos sobre a história, memória e identidades culturais negras, mas a partir desse conhecimento, construir uma consciência política orientada em perspectiva antirracista, inclusiva, democrática e promotora de equidades e justiça sociais (GOMES, 2013).

A fim de promover essa mudança paradigmática nos currículos brasileiros, o movimento social negro fez duras críticas às maneiras como o modelo tradicional de educação nacional (re)produzia valores eurocêntricos e, em decorrência disso, perpetuava as desigualdades sociais e raciais naturalizando-as. Em contraposição a essa realidade, o próprio movimento negro propunha a reformulação do currículo: a inserção da história negra, da cultura afro-brasileira, a luta antirracista no Brasil etc. (GOMES, 2017).

Tal reformulação compõe o repertório teórico-metodológico do campo das políticas afirmativas para a educação cujo objetivo é reparar as desigualdades sociais e raciais presentes no sistema educativo do Brasil ainda hoje. É exatamente no interior



dessas ações afirmativas que se propõe, como estratégia, uma educação antirracista, definida como Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), ou seja, um conjunto de referenciais teórico-metodológicos e de práticas que pretendem formar no campo das instituições públicas e particulares de ensino, nos diferentes níveis, uma cultura de convivência respeitosa e solidária entre sujeitos de distintas origens e pertencimentos étnico-raciais presentes no Brasil (CARTH, 2018).

Toda essa discussão não foi pensada de forma simplista. Pela maneira como foram disputados e estabelecidos, esses temas não devem ser abordados de forma folclórica, exótica e que negue as desigualdades e os conflitos sociais; mas sim, a partir de uma perspectiva crítica e afrocentrada, ou seja, que questione e recuse as formas de produção das desigualdades sociais e que contemple a diversidade cultural a partir da inclusão, abertura e experimentação de referências centradas nas experiências, memórias e saberes das populações negras (SILVA, 2013; GOMES, 2017).

Nesse sentido, a cultura afro-brasileira deve ser pensada como um espaço de articulação crítica e criativa entre memórias da diáspora africana e entre as estratégias de sobrevivência material e simbólica de indivíduos negros inseridos no Brasil na condição de desigualdade a partir de critérios étnicos (GOMES, 2013). Portanto, a cultura afro-brasileira é o exercício prático de resistência (QUEIROZ, 2010). É dessa ótica, contra hegemônica, que ela deve ser pensada, ensinada, problematizada, discutida e aprendida.



O Campus Sertão da UFAL foi inaugurado em 2010, sete anos após a sanção da Lei n. 10.639, mas os currículos de graduação dessa unidade não contemplavam estudos das relações étnico-raciais. Apenas o curso de História possuía uma disciplina, “História da África”. Era pouco. Somado a isso, percebemos a invisibilização da população negra do alto sertão alagoano, historicamente discursada pelo argumento da mestiçagem, na busca idealizada de branqueamento. Essa orientação instala e reproduz historicamente na cultura local uma diversidade de práticas racistas.

Considerando esse contexto e embasando-me nos documentos normatizadores da UFAL para entender como a instituição propõe articulações entre universidade, formação profissional, cidadania e cultura que, em 2013, elaborei o Abí Axé Egbé, inicialmente um projeto de extensão acadêmica com foco na formação híbrida de professores-pesquisadores-artistas-ativistas que discutem história, educação, linguagem, cultura e sociedade a partir das perspectivas críticas negras. Devido à continuidade sistemática de suas atividades, em 2017 o Abí Axé Egbé foi elevado à categoria de Equipamento Cultural da UFAL, sob a designação de Grupo de Cultura Negra do Sertão Abí Axé Egbé (SANTOS; GOMES, 2019).

Esse equipamento cultural localiza-se no Campus do Sertão, no município de Delmiro Gouveia, e realiza um conjunto de atividades formativas nas quais articula ensino, pesquisa e extensão universitária tendo como eixo central educação e relações étnico-raciais. As comunidades atendidas de forma direta



e contínua são as de Delmiro Gouveia, Água Branca, Piranhas, Mata Grande, Pariconha, Olho D'Água do Casado (AL), Glória e Paulo Afonso (BA), e Canindé do São Francisco (SE). Entretanto, importa frisar que, devido ao alcance das redes sociais, as ações extensionistas do Abí Axé Egbé chegam aos mais distantes locais do Brasil e do mundo.

Em sete anos de atividades, o grupo formou mais de 150 integrantes diretos, e conta atualmente com 55 participantes entre professores e estudantes universitários, docentes e estudantes da educação básica, integrantes de grupos de capoeira, de terreiros de candomblé e umbanda, servidores públicos e trabalhadores do setor privado etc. Esse coletivo tem alcançado uma média de público anual de cerca de 2000 estudantes das escolas públicas, 2000 expectadores anuais por meio de suas apresentações artísticas locais, mais de 6000 seguidores nas redes sociais, somando-se facebook, instagram e canal no youtube, tendo vídeos com mais de 700 mil visualizações.

O Abí Axé Egbé promove a desconstrução de preconceitos, o combate ao racismo, a valorização da memória e o empoderamento da identidade cultural negra através de reuniões para discussão de textos científicos, realização de pesquisas, oficinas, minicursos, palestras, intercâmbios culturais com pesquisadores e artistas negros do nordeste brasileiro, realização de eventos acadêmicos, publicações de textos científicos e apresentações de comunicações orais, produção de narrativas dos integrantes, debates, excursões pedagógicas, ensaios, criação de roteiros, coreografias e figurinos,



produção e apresentação de espetáculos em diversas instituições de ensino de diferentes níveis, além de produzir e divulgar conteúdos relevantes para as mídias sociais.

O intuito do grupo é promover uma educação orientada politicamente enquanto experiência estética na formação de cidadãos críticos, livres, inclusivos e democráticos, de acordo com os objetivos estratégicos defendidos: fazer desses princípios uma positividade que transforme as subjetividades desses sujeitos, criando consciências histórias e estilos de vida engajados com a coletividade, o antirracismo e a justiça social. Uma esperança que renove os compromissos, as práticas discursivas e as condutas cotidianas orientadas para o acolhimento da diversidade, a crítica e o combate à desigualdade e a promoção do bem comum.

O grupo produziu três espetáculos e diversas apresentações em estados como Alagoas, Bahia, Sergipe, Pernambuco e Tocantins. Realizou mais de 15 pesquisas entre os diferentes níveis de graduação, mestrado e doutorado. Em 2019 lançou o livro intitulado “Ser(Tão) Negro com o Abí Axé Egbé: estudos e pesquisas interdisciplinares sobre as presenças negras no sertão alagoano”, Organizado pela Profa. Me. Ellen Santos e pelo Prof. Dr. Gustavo Gomes, lançado pela Edufal na 9ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas em novembro de 2019. Esse livro concentra parte das pesquisas realizadas pelo grupo sobre as diferentes experiências de pessoas e grupos negros no sertão.



Capa do livro “Ser(Tão)  
Negro com o Abí Axé  
Egbé” (2019)



Lives “Abí Axé em Casa”



Arte: Arielle Souza

No primeiro semestre de 2020, destacaram-se as seguintes atividades: 1) realização de 04 ensaios no campus do sertão; 2) oficinas internas de canto, dança e percussão para as apresentações de carnaval; 3) realização de 01 ensaio aberto no centro da cidade de Delmiro Gouveia; 4) confecção de certificados de parceria para as agremiações carnavalescas mais antigas da cidade; 5) 04 reuniões do núcleo estética para confecção e restauração de adereços e figurinos; 6) reunião presencial com os bolsistas para discussão e textos e orientação de pesquisas; 7) produção de 05 reportagens para divulgação das ações do Abí Axé durante o carnaval de Delmiro Gouveia; 8) 02 entrevistas concedidas para as rádios Delmiro FM e Alternativa FM; 9) 01 entrevista em vídeo concedida para o portal Cada Minuto – Sertão; 10) participação no evento local “3º SER-TÃO CAPOEIRA”, organizado pela Associação Cultural

Capoeira Gina Brasil; 11) idealização e realização do 1º Encontro de Tradições, prévia carnavalescas que aglutina os blocos mais antigos do município, abrindo o carnaval delmirense; 12) desfile de carnaval de Delmiro Gouveia; 13) 02 reuniões semanais on-line com bolsistas para discussões de textos e orientação de pesquisas em período de isolamento devido à pandemia do COVID 19; 14) organização do segundo livro do Abí Axé Egbé; 15) Produção e submissão de 05 artigos para publicação em livros, revistas acadêmicas e anais de eventos; 16) realização do “Projeto Abí Axé em casa” através da produção e exibição de lives sobre diferentes temáticas negras nas redes sociais (instagram e youtube); 17) Produção de 04 reportagens sobre as lives na mídia alagoana; 18) produção e postagem de vídeos para o canal do YouTube.



Ensaio Campus Sertão 30.01.2020



**Foto:** Alice Mendes

Ensaio Centro de Delmiro Gouveia  
14.02.2020



**Foto:** Alice Mendes

As atividades aqui listadas evidenciam como a experiência de integrar o Equipamento Cultural da UFAL: Grupo de Cultura

Negra do Sertão Abí Axé Egbé é enriquecedora, pois auxilia na construção do conhecimento dos seus participantes e da comunidade civil envolvendo saberes acadêmicos, artísticos, culturais, políticos, educacionais e éticos centrados nas relações étnico-raciais. Apesar das dificuldades encontradas para a realização das atividades, sobretudo, em termos de estrutura física e logística, o Abí Axé Egbé resiste a fim de construir uma sociedade mais crítica, democrática, inclusiva e antirracista.

Ensaio Campus Sertão 30.01.2020    Ensaio Campus Sertão 30.01.2020



**Foto:** Ernando Nunes (@fotografeitu)    **Foto:** Ernando Nunes (@fotografeitu)

Conforme as diversas narrativas produzidas pelos seus integrantes, a exemplo daquela que abriu esse texto, e também pelos trabalhos científicos publicados que analisam a experiência do grupo, pode-se dizer que os conhecimentos construídos no Abí Axé Egbé são consistentes. Adquiridos através de debates, pesquisas, reuniões, produções de textos acadêmicos, palestras, minicursos, oficinas, lives e apresentações artísticas,

eles capacitam os integrantes para serem protagonistas desse trabalho, expandindo o conhecimento e democratizando estes saberes. É importante salientar que o grupo atua dentro e fora da Universidade. Nossas pesquisas científicas trazem retorno para a comunidade, contemplando essa relação entre o Abí Axé Egbé e a comunidade civil, em coparticipação com o povo sertanejo, trabalhando as memórias culturais negras e a luta contra o racismo não apenas através de técnicas e metodologias científicas e pedagógicas, mas também através da sensibilidade artística e do engajamento político.

Compreende-se que o grupo tem promovido experiências estéticas que contribuem para a subjetivação de valores éticos antirracistas, tomando a extensão universitária como cultura, prática e compromisso político-científico da universidade em prol de democratizar a produção do conhecimento junto à sociedade, transformando-a segundo princípios antirracistas (GOMES, 2018).

Pelos resultados que o Abí Axé Egbé tem proporcionado em sua breve história institucional, podemos considerar que ele seja um território de memórias negras nas práticas curriculares da UFAL/Campus do Sertão; um território de encontros, partilhas, empoderamento, esperanças e muita ação.



Concentração após desfile de  
carnaval. 22.02.2020



Ensaio fotográfico no Campus Sertão  
30.03.2016



Foto: Krystila Costa

## Referências

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

CARTH, J. **A Base Nacional Comum Curricular e a aplicação da política de Educação para Educação das Relações Étnico-Raciais**. 2018. Disponível em: <http://etnicoracial.mec.gov.br/26-publicacoes/214-artigos>. Acesso em: 10 jan. 2019.

GOMES, G. **A cultura afro-brasileira como discursividade: histórias e poderes de um conceito**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Departamento de História, Recife, 2013.

GOMES, G. Extensão Acadêmica, Cultura Afro-Brasileira e Ensino de História: Interações Éticas e Estéticas de uma Experiência Sertaneja. In: **Revista Extensão**, v. 2, n. 1, p. 16-26, 2018.



GOMES, G.; SANTOS, E. **Ser(tão) negro com o Abí Axé Egbé:** estudos e pesquisas interdisciplinares sobre as presenças negras no sertão alagoano. Maceió: Edufal, 2019.

GOMES, N. **O movimento negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

QUEIROZ, M. R. F. **Onde a cultura é política:** movimento negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife (1979-1995). 2010. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SILVA, T. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Canoas: Ed. ULBRA, 2013





**Nada em absoluto pode nos fazer temer a verdade, a justiça e  
defesa da ciência.  
A UFAL Sertão é partidária desse ideal.**

# O CAMPUS DO SERTÃO E AS PRÁTICAS ESPORTIVAS AO LONGO DOS SEUS 10 ANOS

*Alúísio Norberto dos Santos*  
*Pedagogo e Bacharel em Direito/Técnico em Assuntos Educacionais*  
*E-mail: aluisio.norberto@delmiro.ufal.br*

*Rogério Brilhante Gonçalves*  
*Pedagogo/ Técnico em Assuntos Educacionais*  
*E-mail: rogerio.brilhante@delmiro.ufal.br*

O esporte está presente na convivência das pessoas por diversos motivos, seja por causa da qualidade de vida e saúde, ou mesmo pela coexistência harmoniosa e cooperação entre quem pratica. Com a comunidade acadêmica do Campus do Sertão não é diferente.

Ao longo dos seus 10 anos o Campus realiza a prática do esporte em suas dependências e fora dela, em espaços coletivos cedidos pela Prefeitura Municipal de Delmiro Gouveia, por não possuir os equipamentos necessários para a prática a contento.

## **1. Projeto Tênis de Mesa no Sertão: Uma proposta pioneira na terra do Pioneiro**

O Projeto de Extensão de Tênis de Mesa foi o amadurecimento e o desdobramento de um projeto embrionário

de incentivo à prática desportiva concebido pelos servidores Aluísio Norberto dos Santos, Kleymeron Pereira Lins e Rogério Brilhante Gonçalves, com vistas à integração acadêmica, por meio de esportes que pudessem ser praticados em pequenos espaços, pois o campus ainda funcionava na sede provisória.

Esta iniciativa embrionária foi, em setembro de 2012, concretizada pela PROEST – Pró-reitoria Estudantil que ampliou a proposta inicial do xadrez, damas e tênis de mesa, e incluiu as lutas (judô e taekwondo), com materiais e equipamentos. Para um melhor desenvolvimento dessas atividades, dentro do NAE (Núcleo de Assistência ao Estudante) foi criado o NAFE (Núcleo de Atividades Físicas e Esportes).

Com os equipamentos mínimos necessários, foi então submetida à PROEX – Pró-reitoria de Extensão, o Projeto Tênis de Mesa no Sertão: Uma proposta pioneira na terra do Pioneiro, aprovado com Código: 53/2013, mas não contava com bolsas.

Com o objetivo de fomentar a prática do tênis de mesa, o projeto organizou um calendário semanal de aulas para a comunidade, além da realização de oficinas, torneios locais e regionais, demonstrações e estabeleceu parcerias (Escola Eliseu Norberto, Associação de Moradores do Bairro Bom Sossego e FATM - Federação Alagoana de Tênis de Mesa) para alcançar suas metas. O Presidente da FATM, Flávio Seixas, veio até o Campus do Sertão, ministrou oficina e organizou torneio auxiliado pelo também mesatenista Nelmont Lobo.



**Figura 1:** I Torneio Integração de Tênis de Mesa (2012)



**Fonte:** acervo do projeto

**Figura 2:** II Torneio Integração de Tênis de Mesa (20.11.2013)



**Fonte:** Projeto Tênis de Mesa no Sertão



Com as parcerias o projeto e o Campus do Sertão ganharam visibilidade através do Programa AL Esportes do dia 14.12.2013, repercutido pelo Programa AL TV, da TV Gazeta, afiliada da Rede Globo em Alagoas, com uma matéria de aproximadamente cinco minutos especificamente sobre o projeto.

**Figura 3:** Entrevista ao Programa AL Esportes / TV Gazeta (14.12.2013)



**Fonte:** TV Gazeta / Afiliada Rede Globo

Apoiadores doaram material de competição, muito importante para o aprimoramento técnico e o alcance dos objetivos do projeto que não contava com aporte financeiro. E, para fomentar ainda mais a prática, algumas raquetes foram doadas aos praticantes.

**Figura 4:** Doação de raquetes de competição para alunos do Campus



**Fonte:** Projeto Tênis de Mesa no Sertão

Na segunda edição do projeto (2014-2015), foi consolidada a equipe de tênis de mesa que participou dos Jogos Universitários Alagoanos de 2015 (com a presença de cinco atletas). Três trouxeram medalhas e um atleta foi classificado para participar dos Jogos Universitários Brasileiros (JUBS) em Uberlândia-MG.



**Figura 5:** Equipe de Tênis de Mesa participando dos Jogos Universitários Alagoanos (JUAS 2015) - Maceió-AL



**Fonte:** Projeto Tênis de Mesa no Sertão

O Projeto ainda recebeu o prêmio Melhores do Ano 2015, oferecido pela Federação Alagoana de Desporto Universitário (FADU), na categoria Revelação de Projeto Social.

**Figura 6:** Escola Municipal Eliseu Norberto (Delmiro Gouveia-AL)



**Fonte:** Projeto Tênis de Mesa no Sertão

**Figura 7:** Associação de Moradores do Bairro Bom Sossego (Delmiro Gouveia-AL)



**Fonte:** Projeto Tênis de Mesa no Sertão



**Figura 8:** Evento em Maceió-AL de entrega da premiação de Revelação de Projeto Social – FADU (2015)



Fonte: acervo do projeto

## 2. Projeto Esporte Participação: um grande jogo no sertão de Alagoas

O Projeto Esporte Participação: Um grande Jogo no Sertão de Alagoas, da Profa. Dra. Leonéa Santiago, aprovado com recursos da Lei de Incentivo ao Esporte, (Lei nº 11.438/2006), desenvolvido em parceria com a Prefeitura Municipal de Delmiro Gouveia, para atendimento de crianças e adolescentes matriculados nas escolas municipais, também alavancou a prática desportiva no Campus.

Além das várias modalidades esportivas desenvolvidas nas escolas e na sede do campus, foram promovidas duas edições do Festival de Esportes que envolveu a comunidade acadêmica e os alunos da rede municipal de ensino.



**Figura 9:** Coordenação do Projeto e alunos de Educação Física do Campus A.C. Simões.



**Fonte:** Projeto Esporte Participação

**Figura 10:** 1º Festival de Esportes (alunos da Rede Municipal)



**Fonte:** Projeto Esporte Participação



**Figura 11:** 1º Festival de Esporte (ginástica)



**Fonte:** Projeto Esporte Participação

**Figura 12:** 2º Festival de Esportes (Judô - 05.12.2014)



**Fonte:** Projeto Esporte Participação



**Figura 13:** 2º Festival de Esporte (equipe organizadora - 2014)



**Fonte:** Projeto Esporte Participação

**Figura 14:** Coordenação do Projeto Esporte Participação (sentados, da esquerda para a direita, Profª. Leonea Santiago, Profª. Socorro, Profª Marta e o Coordenador Estudantil e Técnico-administrativo Aluisio Norberto)



**Fonte:** Projeto Esporte Participação



### 3. Bolsa de Desenvolvimento Institucional e Bolsa Atleta

Com a aquisição do tatame de 25 peças e da iniciativa dos alunos praticantes de lutas marciais em formar equipes, a utilização estratégica das bolsas BDI (Bolsas de Desenvolvimento Institucional) impulsionou significativamente a prática desportiva, da qual também destacamos as lutas. O aporte das bolsas foi fundamental para, inclusive, resultados expressivos em competições estaduais e até nacionais dos alunos praticantes de judô, jiu-jitsu, taekwond e karatê. O tênis de mesa também muito se beneficiou com a bolsa BDI.

A Pró-reitoria Estudantil criou a modalidade Bolsa Atleta, da qual alguns alunos do campus, mediante disputa via edital, conseguiram ser contemplados por seus resultados expressivos em competições. Destacamos que esse apoio financeiro se tornou imprescindível para a manutenção dos alunos de rendimento em eventos competitivos, aumentando-lhes a autoestima, promovendo integração e dando visibilidade à instituição.



**Figura 15:** Júlio Cesar Martins, à esquerda, aluno do Campus do Sertão - Campeão brasileiro de Jiu-jitsu (2015)



**Fonte:** Arquivo pessoal

**Figura 16:** Alunos do Campus do Sertão no 20º Campeonato Alagoano de Taekwondo (2016)



**Fonte:** acervo do projeto

**Figura 17:** Espaço provisório do NAFE para os alunos treinarem as lutas



**Fonte:** acervo do projeto

#### 4. Criação do Núcleo de Atividades Físicas e Esportivas

O NAFE (Núcleo de Atividades Físicas e Esportivas) foi criado através da Portaria nº 006 de 22 de novembro de 2012, do então Diretor Geral, prof. Ricardo da Silva, designa o servidor técnico-administrativo, Rogério Brilhante Gonçalves, para coordenar o núcleo. A portaria nº 14/2013 de 01.08.2013 revoga a então portaria nº 006/2012 e nomeia o 2º coordenador do NAFE o servidor técnico-administrativo Alúcio Norberto dos Santos para função.

O 3º coordenador do núcleo foi o também servidor técnico-administrativo Arnon Berg Michel de Lima, nomeado pela portaria nº 02/2016 de 03.02.2016 exercendo a função até 12.09.2018.

O grande desafio para a coordenação foi a falta de espaço adequado para a prática esportiva, visto que o Campus não



dispõe destes. Mas, devido à grande necessidade dos alunos em praticar alguma atividade física, foi designada uma sala no anexo Mandacaru como sede para o NAFE, onde são praticados os tênis de mesa e as lutas.

**Figura 18:** Espaço permanente do NAFE (anexo Mandacaru) para a prática de tênis de mesa e lutas.



**Fonte:** acervo do projeto

O outro espaço criado pela iniciativa de alguns técnico-administrativos foi para a prática do vôlei de areia, opção para quem gosta de esportes ao ar livre.

**Figura 19:** Espaço para a prática do vôlei de areia



**Fonte:** acervo do projeto



## 5. Criação do JIS (Jogos Internos do Sertão)

A realização de uma competição esportiva que englobasse toda comunidade acadêmica era um desejo que ganhou forma e se concretizou com a criação do JIS (Jogos Internos do Sertão) em 2016, idealizado pelo então coordenador do NAFE, o servidor técnico Arnon Berg.

**Figura 20:** Arnon Berg (ao centro)  
idealizador dos Jogos Interno do  
Sertão (JIS)



**Fonte:** acervo do projeto

**Figura 21**



**Fonte:** acervo do projeto

**Figura 22**



**Fonte:** acervo do projeto

**Figura 23**



**Fonte:** acervo do projeto

No ano seguinte, em 2017, os jogos internos ganharam mais três modalidades esportivas, o vôlei de areia, o tênis de mesa e o xadrez.



**Figura 24:** II JIS - Partida de vôlei de areia 3x3



**Fonte:** acervo do projeto

**Figura 25:** II JIS - Medalhistas vôlei de areia 3x3



**Fonte:** acervo do projeto

**Figura 26:** II JIS - Medalhistas de xadrez



**Fonte:** acervo do projeto

**Figura 27:** II JIS - Prof. Aginaldo Santos, Diretor Geral, entregando premiação de Futsal



**Fonte:** acervo do projeto

A cada ano os jogos ganharam mais adeptos da comunidade acadêmica e, no ano de 2018, com a sua 3ª edição, houve a adição de mais duas modalidades esportivas: os jogos de dominó, com participação feminina, e o vôlei de quadra 4 x 4.



**Figura 28:** 3º JIS - Partida de dominó com participação feminina



**Fonte:** acervo do projeto

**Figura 29:** III JIS - Partida de vôlei de quadra 4x4



**Fonte:** acervo do projeto



Em 2019, agora na sua 4ª edição, o JIS (Jogos Internos do Sertão) pela primeira vez contou com as equipes de Handebol feminino, voleibol masculino e duas equipes de futsal masculino da Unidade de Ensino de Santana do Ipanema, fazendo a integração através do esporte da Sede do Campus e sua Unidade de Ensino.

**Figura 30:** IV JIS - Equipe de handebol feminina da Unidade de Ensino de Santana do Ipanema



**Fonte:** acervo do projeto

**Figura 31:** IV JIS - Equipe de voleibol masculino da Unidade de Ensino de Santana do Ipanema



**Fonte:** acervo do projeto

**Figura 32:** IV JIS - Equipe de futsal masculino da Unidade de Ensino de Santana do Ipanema



**Fonte:** acervo do projeto



## 6. Iniciativa dos Centros Acadêmicos (Copa Emanuel Lima)

O esporte está presente na vida de muitos educandos e, dentro da universidade, são muitas as iniciativas dos alunos para harmonizar os compromissos acadêmicos e a descontração, por meio da prática esportiva.

Neste sentido, os Centros Acadêmicos (CAs) têm participado ativamente nos eventos dentro do Campus e fora dele. Um bom exemplo é a Copa Emanuel Lima, de iniciativa dos CAs de Engenharia Civil e Engenharia de Produção, que homenageou um ex-aluno vítima de acidente de trânsito.

**Figura 33:** Copa Emanuel Lima - voleibol de areia 3x3 (2017)



**Fonte:** acervo do projeto



## 7. Participação de Alunos do Campus no JUBS, JUAS e JUFS

O ambiente universitário proporciona ao discente a oportunidade de conhecer novos lugares e uma das formas de viagem é participar de eventos esportivos em outras universidades brasileiras e, neste contexto, são várias as competições. Entre as principais podemos destacar o JUBS (Jogos Universitários Brasileiros), JUEF (Jogos Universitários Estaduais) e o JUFS (Jogos Universitários das Federais).

O tênis de mesa, primeiro esporte praticado pela grande maioria da comunidade acadêmica do Campus do Sertão, enviou o aluno do curso de engenharia para o JUBS do ano de 2015 em Uberlândia-MG.

**Figura 34:** Equipe de Tênis de Mesa no JUAS - Jogos Universitários Alagoanos (2015) - Maceió-AL



**Fonte:** acervo do projeto

**Figura 35:** Gutierrez Marciano com atletas da UFRR nos Jogos Universitários Brasileiros (JUBS 2015) - Uberlândia-MG.



**Fonte:** acervo do projeto

**Figura 36:** Gutierrez Marciano jogando contra atleta do Rio de Janeiro (JUBS 2015) - Uberlândia-MG



**Fonte:** acervo do projeto

**Figura 37:** Murillo George aluno do Campus do Sertão - equipe masculina de voleibol da UFAL participando do JUFES (Jogos Universitários das Federais) em Fortaleza-CE (2018). Em destaque com a camisa branca.



**Fonte:** acervo do projeto



Em todas essas competições o Campus do Sertão, ao longo dos seus 10 anos, tem mandado representante em alguma modalidade esportiva.

## 8. Coordenação de Registro e Controle Acadêmico – CRCA

Um dia depois de completar 49 anos de existência, a Universidade Federal de Alagoas – UFAL recebia 92 novos servidores, dentre os quais estavam os primeiros servidores do Campus do Sertão. Na oportunidade, a Reitora à época Professora Ana Dayse Rezende Dorea falou especialmente aos novos servidores dos Campi do interior: “Conheçam o lugar que vocês vão, estudem, informem-se, porque vocês estão ajudando a construir e consolidar a maior instituição de ensino de Alagoas”, fala esta que foi muito significativa, principalmente levando-se em consideração que aquelas pessoas vinham de diferentes lugares, diferentes realidades e tinham diferentes vivências, sendo apenas três dos novos servidores naturais de Delmiro Gouveia.

**Figura 38:** Posse de Novos Servidores no dia 26 de janeiro de 2010



Fonte: ASCOM/UFAL

Mas, já naquele início de ano, quando o Campus do Sertão ainda em fase de implantação, estava restrito ao escritório que funcionava na Rua C, nº 46, no Bairro Eldorado, na cidade de Delmiro Gouveia, a Coordenação de Registro e Controle Acadêmico – CRCA, começou a ganhar os moldes de sua estrutura atual com a chegada dos técnicos em assuntos educacionais (TAEs), a servidora Lidiane da Silva e o servidor Rogério Brilhante Gonçalves, que, diga-se de passagem, permanecem até este momento.

Logo após a sua posse, os TAEs tiveram a oportunidade de observar *in locu* o funcionamento do Departamento de Registro e Controle Acadêmico – DRCA, localizado no Campus A.C. Simões e, logo em seguida, conviver durante uma semana com a rotina da CRCA do Campus Arapiraca, experiência que proporcionou o direcionamento e integração dos servidores recém-empossados.

Com a mudança para a Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão e Silva, à época sede provisória do Campus, e com a proximidade do início das aulas, era crescente a expectativa de estruturar o setor da melhor maneira possível para, enfim, receber os tão esperados alunos, os Feras. No entanto, dada a estrutura física e o pequeno quantitativo de servidores técnico-administrativos, não foi possível logo no início fazer a separação, pelo menos não de forma física, entre a CRCA e os demais setores, uma vez que, no início do Campus, todos os setores administrativos funcionavam juntos numa mesma sala, separados apenas por divisórias de madeira.



**Figura 39:** Sede provisória do Campus do Sertão na Escola Watson



**Fonte:** acervo do projeto

Mas, se por um lado essa organização dificultava a criação da identidade dos setores, por outro lado, contribuía imensamente para a construção de uma relação cada vez mais próxima entre os servidores técnicos administrativos. Laços fraternos foram constituídos naquela época e muitos deles se estendem até os dias atuais.

**Figura 40:** Servidores Técnicos Administrativos na Sede Provisória do Campus do Sertão



**Fonte:** acervo do projeto

No segundo semestre de 2010, com o início das aulas na Unidade Santana do Ipanema, a equipe então, com três TAE's foi dividida e uma segunda Coordenação de Registro e Controle Acadêmico passou a existir naquela Unidade, a princípio com o servidor Aluísio Norberto dos Santos e logo depois com a servidora Andréa Cristina Brandão Teixeira.

Embora a CRCA desde o início tenha sido concebida como um setor administrativo, tendo em vista a ausência de coordenadores de curso, nos primeiros semestres de existência do Campus do Sertão, prestou serviço de apoio acadêmico às extintas coordenações de Eixo, fato que contribuiu também, para que fosse vista pelos alunos do campus como o setor de



referência para tratar dos mais diversos assuntos, acadêmicos ou administrativos.

Com o decorrer dos semestres e a chegada de novos servidores técnicos e docentes, as atividades foram sendo reorganizadas. Com a mudança para a sede oficial também foram resolvidas as questões de espaço, e em fim com uma referência física, a CRCA passou a ser vista como um setor, pois até então estava associada somente a pessoas, aos técnicos em assuntos educacionais. Até então os TAE's eram a CRCA.





**A Ufal sertão combate a circulação de imagens, atos  
E práticas que expressam desprezo, preconceitos e  
Desrespeito por minorias étnico raciais**

## **PET AÇÕES DAS ENGENHARIAS**

*Adriano dos Santos Vieira  
Anthony Matheus Cavalcante de Melo  
Antônio Pedro de Oliveira Netto  
Ewerton Viana Nobre  
Iris Lima da Silva  
Joabe Mikael Rocha e Silva Nascimento  
Mateus Lima Barros  
Murilo Lima Costa  
NathalieOliveira de Souza  
Pedro Henrique Ribeiro da Cruz  
Rafael Alves da Silva  
Rikelly Rafaella Marques Lima  
Silvia Karlla Lopes Vitor  
Stefany Gonçalves Lima  
Wesley Matheus de Oliveira*

O PET Engenharias foi implantado no Campus do Sertão no décimo dia de dezembro do ano de 2010, regulamentado pelas portarias do Ministério da Educação (n° 976/2010 e n° 343/2013), e desde então promove atividades embasadas no tripé que rege as universidades federais brasileiras: ensino, pesquisa e extensão. As atividades desenvolvidas pelo grupo são direcionadas tanto para os estudantes quanto para a sociedade local, buscando sempre

levar experiências  
positivas para as  
pessoas.

O nome do  
programa nasce de  
sua essência plural,



**Fonte:** Acervo do grupo, 2019.

abrangendo os dois cursos do eixo da tecnologia presentes no Campus do Sertão: Engenharia Civil e Engenharia de produção. Atualmente o PET Engenharias possui 19 (dezenove) integrantes, dos quais 6 (seis) são da Engenharia de Produção, 12 (doze) da Engenharia Civil e coordenação do professor tutor Antonio Pedro de Oliveira Netto.

Neste capítulo, veremos o impacto do programa nas vidas dos estudantes e da população local, através das atividades de ensino, pesquisa e extensão realizadas ao longo dos anos de existência do PET, bem como o impacto do grupo na própria vida pessoal e profissional dos petianos.

## 1. ENSINO

A universidade em sua essência busca ofertar aos discentes que dela fazem parte, um conjunto de atividades de caráter formador, que proporcionem o desenvolvimento íntegro e suficiente de cada um, com o intuito de instruir e moldar profissionais capacitados em todos os sentidos. Para tanto, é necessário que toda e qualquer instituição de ensino superior



contemple todos os setores que são essenciais para a formação completa do aluno. Atividades que vão desde a sala de aula até o meio externo da universidade. E neste sentido, é de suma importância que a tríade ensino-pesquisa-extensão seja apreciada e colocada em prática para que tais objetivos sejam atingidos.

O primeiro pilar da tríade – o ensino – é algo intrínseco à universidade, sendo este o mais notório e mais presente dentro dela. A partir do ensino, a universidade, especificamente seus docentes, técnicos e afins, buscam formar o público discente, utilizando diversas ferramentas e metodologias que circundam este pilar.

Essas questões sobre o que ensinar e como ensinar deverão ser ampla e permanentemente discutidas, para que possamos acompanhar o desenvolvimento científico e tecnológico mundial, no atendimento à formação dos nossos alunos, futuros profissionais que deverão enfrentar as necessidades do mercado de trabalho com princípios éticos que direcionem a ciência e a tecnologia à serviço da humanidade.

No entanto, é preciso enfatizar que a formação humana é fundamental. Precisamos também discutir de forma consciente: para que ensinar e qual o perfil do profissional que queremos formar. Mais que profissionais competentes, precisamos de cidadãos que tenham como princípios a dignidade, a solidariedade, os valores éticos e o compromisso social.

Neste sentido, o Programa de Educação Tutorial – PET Engenharias, desde que iniciou sua atuação na UFAL - Campus do



Sertão, busca em suas atividades, atender com excelência a este pilar, de maneira a complementar o trabalho da universidade nesta vertente. O planejamento do grupo almeja sempre contemplar o ensino de maneira satisfatória e completa, buscando atingir e atrair os discentes com atividades dinâmicas, abordando diferentes temáticas e conhecimentos voltados aos cursos das engenharias.

### **O PET e o ensino**

O PET engenharias, com o seu caráter modelador já desenvolveu em seus 10 anos de história muitas atividades de ensino, sempre com o objetivo de transmitir conhecimento e procurando sanar as dificuldades encontradas no público alvo. As atividades executadas possuem uma maior frequência dentro do campus, mas são voltadas também ao público externo à universidade.

Ao longo do período de atuação do programa algumas atividades foram modificadas e aperfeiçoadas, outras excluídas e a cada planejamento anual sempre se buscam inovações para esse pilar que é de tamanha relevância. Para o desenvolvimento das atividades de ensino, sempre é feito uma análise com o intuito de identificar as principais dificuldades apresentadas pelos discentes.

Dentre as atividades executadas é possível citar algumas, como o CIME (Curso introdutório de matemática e física para as engenharias), Tutoria Júnior, Olimpíadas, Pré-ENEM, SEMENGE (Semana de Engenharia), minicursos, COMPET e o Canal do PET. O



CIME, por exemplo, é uma atividade que vem sendo desenvolvida desde o início do programa, diferentemente do Pré-ENEM e da COMPET, que atualmente não se encontram na relação de atividades do planejamento.

Todo o projeto de desenvolvimento de ensino acrescenta não somente aos discentes, mas também a todos os petianos envolvidos, tornando mais amplos os conhecimentos e aprendizados, obtendo assim, um grande diferencial tanto para sua formação acadêmica, quanto para seu desempenho profissional.

## Principais atividades

- **CIME**

Desde as primeiras turmas dos cursos de Engenharia Civil e Engenharia de Produção do Campus do Sertão, há, notadamente, um grande problema com os conhecimentos de base dos discentes. Questionários, provas diagnósticas, pesquisas de histórico, análise comparativa de desempenho - são inúmeras as maneiras pelas quais é possível constatar essas dificuldades nos discentes e suas raízes. Entretanto, talvez a forma mais rápida e, a certo modo, mais efetiva para a percepção do problema, seja uma simples conversa. Um rápido *bate-papo* com qualquer calouro - em especial aqueles vindos das cidades do interior - e é possível perceber com clareza a carência nos conhecimentos desses, sendo esse, infelizmente, um traço comum a maioria dos estudantes vindos de escolas públicas



que ingressam nos cursos de engenharia da UFAL Campus do Sertão. E é nesse contexto que surge o Curso Introdutório de Matemática para Engenharias, ou simplesmente, CIME.

Com a constatação da existência desse problema, e no intuito de desenvolver atividades especialmente voltadas a mitigar o impacto dessas lacunas de conhecimento no desempenho acadêmico dos recém ingressos na universidade, o CIME, ofertado por petianos e discentes de outras entidades e direcionado aos calouros das engenharias, ensejava a revisão de conteúdos básicos de matemática.

Como é de se esperar de uma atividade que vem sendo realizada semestralmente desde 2011, ao longo desses 8 anos e das diferentes gerações de petianos, o CIME passou por grandes alterações em sua metodologia. No entanto a base permanece a mesma, aulas distribuídas ao longo de um certo período, ministradas por petianos ou eventuais colaboradores, abordando assuntos que vão desde a soma de frações até a as funções logarítmicas, fazendo uma revisão tão completa quanto possível para os recém-chegados na universidade.

No período 2011-2018 o CIME consistiu fortemente dessa base, raramente comportando outras atividades além das aulas. A principal característica da atividade durante essa fase inicial era a sua duração de um período letivo inteiro, fato possibilitado pela baixa carga horária do famoso e controverso tronco inicial - primeiro período comum a todos os cursos que era adotado no Campus do Sertão na época.



No entanto, em 2018 veio uma grande mudança na grade curricular dos cursos de engenharia do Campus do Sertão. Era o fim para o tronco inicial, assim como era para o CIME como o conhecíamos. A atividade foi então remodelada para poder se encaixar a nova grade curricular dos cursos de engenharia do campus, sendo agora um “intensivão” com apenas duas ou três semanas de duração, onde as matérias mais essenciais têm de ser condensadas.

Com o corte na duração do curso, o grupo PET sentiu a necessidade de adotar alguma contrapartida ao fato. A estratégia adotada foi a realização de aulões pré-prova nas principais disciplinas do início do curso, estratégia que tem tido um *feedback* muito positivo dentro de seu público-alvo.

O potencial do CIME para impactar a vida das pessoas é realmente o que torna essa atividade especial, e também o que faz ela ainda existir 8 anos depois de sua concepção. Sendo a atividade uma das mais antigas do PET Engenharias, o CIME carrega consigo uma grande dose de significado e um valor especial para diversas gerações de petianos.

- **Tutoria Jr.**

Adentrar no ensino superior é, para muitos, uma mudança brusca de rotina, tornando necessário um período de adaptação a esta nova realidade. A Tutoria Jr. foi então criada com o intuito de auxiliar os calouros dos cursos de Engenharia Civil e Engenharia de Produção nesta habituação.



Para isto, os petianos realizam o acompanhamento dos discentes inscritos durante todo o semestre letivo com reuniões periódicas, retirando dúvidas, orientando-os quanto a organização dos estudos e buscando estimulá-los a buscarem uma formação acadêmica ampla.



Fonte: Acervo do grupo, 2019

Na Tutoria Jr., existe um beneficiamento mútuo neste processo de ensino-aprendizagem, havendo uma minimização dos efeitos provocados pela mudança de rotina nos novos discentes e um estímulo ao desenvolvimento de habilidades por parte dos instrutores, como o planejamento, a organização e a oralidade.

- **Minicursos e oficinas**

Devido à necessidade em se ter uma formação ampla, houve a criação de minicursos para a capacitação dos discentes, e das oficinas para promover a prática da teoria abordada em sala de aula.

Nos minicursos são abordados softwares específicos que são fundamentais durante a formação de um profissional da área, sendo ministrados por professores ou alunos capacitados.

As oficinas buscam trazer o contato prático dos discentes com toda aquela teoria vista durante a graduação, como é o caso da Oficina de Pontes de Macarrão que desenvolve a construção



de protótipos de pontes feitas de macarrão através dos conceitos vistos nas disciplinas de estruturas.

Neste conjunto de atividades há, portanto, a inserção de ferramentas importantes no desenvolvimento acadêmico e profissional dos discentes.



**Fonte:** Acervo do grupo, 2019

## 2. PESQUISA

A pesquisa no âmbito acadêmico é de extrema importância para um maior desenvolvimento e crescimento do estudante na sua área. Os projetos de pesquisa no Campus do Sertão são grandes auxiliares, e o PET é incentivador dessas, estimulando seus integrantes a buscar professores do curso e se engajar nas pesquisas coordenadas por eles. Como sugestão, cada petiano deve se integrar a uma possível linha de pesquisa visando estudo especializado de forma a evoluir no decorrer da graduação.

Esta iniciativa está inserida no planejamento anual sendo recomendado que o petiano possa migrar de linha de pesquisa, se possível a cada ano, para diversificar sua formação. Esses projetos de pesquisa rendem resultados que são convertidos em artigos científicos costumeiramente apresentados em congressos e publicados em anais de eventos, como também em revistas especializadas, livros, entre outros.



Ao decorrer dos anos, o grupo tem buscado incentivar a disseminação da cultura pela pesquisa, ainda em estágio embrionário no Campus do Sertão. Uma dessas ações é o minicurso de escrita científica que tem objetivo de preparar os discentes do Campus para a elaboração de artigos científicos.

O grupo também desenvolveu atividades para divulgar as ações de investigação científica em andamento no Campus, como os seminários de iniciação científica (SIC). A atividade tinha o objetivo de apresentar as pesquisas desenvolvidas por petianos e demais discentes das engenharias e de outros cursos, visando difundir a informação e estimular o caráter investigativo aos demais estudantes.

Para mensurar como o Programa de Educação Tutorial – PET auxilia no âmbito da pesquisa, foi feito um levantamento quantitativo das ações individuais e coletivas desde a fundação até o ano atual (2019). O levantamento girou em torno das publicações de artigos científicos e resumos expandidos em anais de congressos. As pesquisas podem ser desenvolvidas com temas ligados ao Programa ou com temas da graduação, no caso Engenharia Civil ou Engenharia de Produção. Vale ressaltar que o manual de orientações básicas (MOB) do PET recomenda a publicação anual de, ao menos, 1 artigo por petiano.

Em 2010, o grupo ainda com um mês de vida e se organizando em termos de funcionamento, e também por falta de eventos científicos nessa data, não teve publicação, nem tempo hábil para desenvolvimento dessa vertente.



Já no ano de 2011, após passado 1 ano de sua fundação e contando com sete discentes e uma tutora em sua formação, o PET Engenharias publicou 12 trabalhos em eventos científicos. Número satisfatório para até então novatos no programa e com pouco contato com pesquisas e escrita científica. Com essas publicações, foram dados os primeiros passos em pesquisas do programa na UFAL - Campus do Sertão.

O aumento no ano posterior foi significativo, e o número que era de 12 publicações subiu para 20 em 2012. Nesse período o grupo estava mais experiente e maduro para elaborar artigos científicos. Outro fato que pode ter acarretado o incremento significativo foi o encerramento dos primeiros projetos de pesquisa ea necessidade de elaboração de relatórios finais.

No ano de 2013, com a primeira entrada significativa de novos integrantes no grupo, aconteceu uma pequena redução nas publicações devido a maior parte dos novatos ser do primeiro período, com pouca ou nenhuma experiência e ainda sem contato aprofundado com o conteúdo das disciplinas, inviabilizando o desenvolvimento de pesquisas. Já os remanescentes da primeira formação, em reta final do curso, muito provavelmente dedicavam-se à integralização curricular visando a finalização da formação acadêmica na graduação. Mesmo assim, o ano findou com número de 15 publicações realizadas.

O gráfico 1 apresenta a quantidade de publicações que o grupo obteve em cada um dos anos, no intervalo de 2010 a 2014.





**Fonte:** Acervo do grupo, 2019.

Durante os anos que se passaram, o PET-Ações das Engenharias já possuía cinco anos de contribuição para o crescimento interpessoal e científico dos seus integrantes, além fomentar o desenvolvimento tecnológico, no âmbito educacional, para a universidade na qual o programa se encontra inserido.

Não diferentemente dos anos anteriores, porém com um notável crescimento, a pesquisa dentro do grupo passava por algumas reformulações, afinal foi nessa época que os cursos de Engenharia preencheram todas as vagas concursáveis para docente e, principalmente devido a chegada dos primeiros equipamentos laboratoriais provocou aguçamento da curiosidade e o desejo pela pesquisa.

Durante o ano de 2015, conforme pode-se observar no gráfico 2, sete projetos de pesquisa tiveram participação de membros do grupo, sendo cinco voltados à Engenharia Civil e dois



voltados para a Engenharia da Produção. É válido salientar que sempre houve dificuldades em produzir pesquisas para o curso de Engenharia de Produção devido à escassez de equipamentos necessários para o engajamento dos discentes, bem como para oferta de vagas em novas pesquisas.



**Fonte:** Acervo do grupo, 2019.

Com a grande atratividade dos componentes do programa do curso de Engenharia Civil para com as diretrizes do saneamento, abastecimento e irrigação, era bastante comum observar que as linhas de pesquisas nas quais os membros faziam parte resultavam em tais orientações.

Por outro lado, os integrantes do curso de Engenharia da Produção demonstravam bastante atratividade nas áreas de gestão, contabilidade de custos e no desenvolvimento e utilização de softwares de programação. Ao passo que os projetos de

pesquisa cresciam, as produções técnico-científicas fecharam o ano com o saldo de sete publicações, tendo esse mesmo número repetido no ano seguinte.

Ao final do ano de 2015 e início de 2016, o grupo pôde regozijar de uma nova geração de membros resultando no maior volume de pesquisas em andamento dentro dos últimos cinco anos. Dentre as onze pesquisas realizadas durante o ano de 2016, sete eram voltadas para área da Engenharia Civil e quatro para a área da Engenharia da Produção. Em ambas as áreas de atuação, havia pesquisas continuadas do ano de 2015, o que proporcionou a alavancagem no número de petianos engajados em algum projeto. Chegava o ano de 2017 e com ele viriam os encerramentos de pesquisas iniciadas nos anos anteriores o que, como pode-se observar no gráfico 2, sucedeu numa queda do número de participações em projetos de pesquisa. Em contrapartida, a elaboração de artigos científicos duplicou em quantidade comparado ao ano anterior, trazendo resultados satisfatórios para o encerramento desta geração.





Fonte: Acervo do grupo, 2019.

Mais um ciclo estava prestes a se completar e consigo trouxe o ano de 2018, ano no qual uma nova geração de integrantes proporia novos ares ao grupo e elevaria suas vertentes científicas. Como é possível analisar no segundo gráfico, o volume de projetos de pesquisa não sofrera alteração, devendo-se pelo fato dos novos membros ainda serem bastante novos nos cursos, bem como ainda estarem adaptando-se ao regimento do programa. Todavia, o montante de produção científica quase duplicou comparado ao ano anterior, como quase quadruplicou comparado aos anos de 2016 e 2015, podendo-se considerar como o melhor ano de produção de artigos científicos do programa ao longo dos nove anos de sua existência.

Em 2019 voltamos a obter crescimento na participação em projetos de pesquisa e, mesmo com a notável queda na produção de artigos técnico-científicos, têm-se um crescente considerável se comparado aos três últimos anos. Encerrando o ciclo iniciado em dezembro de 2010, o ano de 2019 fecha essa década com grandes contribuições para o ramo da pesquisa e do estudo científico, além de contribuir positivamente para o crescimento do Campus do Sertão da UFAL com a fomentação de teses voltadas ao auxílio do desenvolvimento do semiárido alagoano, bem como na melhoria da aprendizagem dos discentes recém ingressos, reduzindo o alto índice de evasão. O PET ainda é muito jovem e tem muito a contribuir para o Campus e para a sociedade, e, de certa forma, estamos apenas começando.



### 3. EXTENSÃO

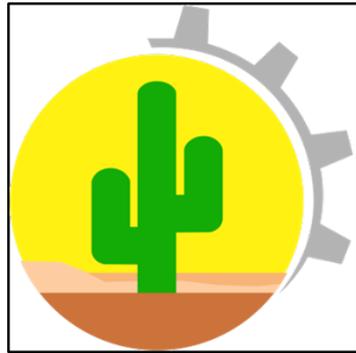
Os grupos PET estão distribuídos pelo país em mais de 120 instituições de ensino superior e através do princípio de indissociabilidade a tríade Petiana atua de forma pontual e direcionada.

A extensão, integrante da tríade, é uma das funções exercidas pelo grupo PET Engenharias, como por todos os outros grupos PET, de compartilhamento dos saberes adquiridos na universidade. É a função social que permite ao grupo fomentar o interesse externo nas contribuições adquiridas dentro da academia.

O grupo PET Engenharias, por sua vez, realiza inúmeras atividades participantes da extensão durante o ano. Entre elas, pode-se citar a SEMENGE, ETEC e os Jogos Lúdicos.

- **Semana de Engenharia – SEMENGE**

A Semana de Engenharia – SEMENGE é o maior evento de Engenharia do Sertão alagoano promovido por alunos e professores da área, na Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão. O evento faz parte da programação anual do PET Engenharias e conta com palestras, minicursos, visitas técnicas, fóruns e mesas-redondas; além da apresentação de trabalhos científicos.



A primeira edição do evento aconteceu no ano de 2013, com a temática voltada à promoção do papel das engenharias no contexto sertanejo. Desde então, com mais de 5 edições, a



**Fonte:** Acervo do grupo, 2019.

SEMENGE pôde proporcionar uma forte transformação contextual e de perspectivas para estudantes das mais diversas áreas da engenharia e afins.

Para além do acadêmico, a SEMENGE também é uma importante fomentadora de transformações sociais locais. Em sua 6ª edição, o evento discutiu acerca de acessibilidade e inovação, premiando as produções que propuseram soluções para problemas em tais contextos. Além disso, através de parcerias com hotéis, pousadas, lanchonetes e restaurantes, o evento possibilitou uma movimentação na economia local.

- **Exposição de tecnologias – ETEC**

A Exposição de Tecnologias – ETEC é uma atividade que consiste na divulgação dos cursos de Engenharia Civil e Engenharia de Produção, onde são desenvolvidos protótipos do ramo das tecnologias e apresentados para alunos do ensino médio em Delmiro Gouveia e/ou região.



**Fonte:** Acervo do grupo, 2019.

A atividade foi desenvolvida para incentivar o interesse dos alunos para com ensino superior. Nos cursos das engenharias do Campus Sertão, é possível observar a predominância dos alunos



advindos de estados vizinhos, enquanto a representatividade local é muito pequena.

Visando minimizar essa problemática, o ponto chave dessa atividade é trazer os estudantes para dentro da universidade, mostrando a estrutura do local, onde se localiza e como funcionam alguns setores da universidade. Previamente, há a apresentação dos cursos de Engenharia Civil e de Engenharia de Produção, onde são tiradas dúvidas sobre o curso e sobre a universidade, evidenciando todo o potencial e as oportunidades que ela pode oferecer, seguido da exposição das tecnologias.

No início do período letivo de 2019.2 da UFAL Campus Sertão foi possível observar alguns avanços quanto à representatividade local, houve um aumento significativo na quantidade de pessoas do município de Pariconha-AL, onde foi realizada a última edição do ano de 2019. Muitos alunos relataram já ter participado da atividade, e que ela foi um incentivo na hora de escolher do curso.



- **Jogos Lúdicos**



**Fonte:** Acervo do grupo, 2019.

Os Jogos Lúdicos são atividades voltadas para o público infantil. Têm como objetivo principal promover aos alunos do ensino fundamental de escolas da rede pública e privada de Delmiro Gouveia e/ou

região atividades divertidas que envolvem o ensino-aprendizado das Ciências Exatas.

Essa atividade promove a desmistificação da matemática no ensino base por meio de jogos que utilizam conceitos matemáticos para sua realização, mas que não deixam a diversão de fora. Tem o intuito de melhorar a participação dos alunos na sala de aula e promover o interesse futuro em uma possível graduação.

A última edição foi realizada na escola Maria Dulce, na cidade de Delmiro Gouveia-AL, com as turmas de 2º ao 5º ano do ensino fundamental. A atividade ocorreu em dois dias pelo turno da manhã. A mesma nos permite um contato maior com as escolas, que conhecem nossas atividades e nos dão o suporte necessário para a realização, permitindo sempre essa interligação para o desenvolvimento de atividades futuras.



**Fonte:** Acervo do grupo, 2019.

#### 4. PETIANOS EGRESSOS

Ao decorrer dessa seção do capítulo iremos analisar sobre a inserção profissional dos egressos do Programa de Educação Tutorial (PET) e comentar sobre os diversos caminhos de atuação profissional que podem ser seguidos assim como a influência do programa para tais escolhas.



Identificar os caminhos trilhados por todos aqueles que pelo grupo passaram é uma tarefa trabalhosa considerando o tempo de existência e a rotatividade de pessoas que passam pelo programa, em que o tempo médio de permanência no grupo é de 5 (cinco) semestres ativos que são equivalentes a 50% do curso de graduação, reforçando o caráter formador do programa. No Sistema de Gestão do PET o Grupo possui um total de 55 (cinquenta e cinco) participantes durante esses dez anos de atuação, ao longo desse período as causas dos desligamentos do programa são em sua maioria por conclusão do curso de graduação, há também outros motivos como a realização de intercâmbio e alguns poucos casos por incompatibilidade com o grupo e por desempenho acadêmico.

Destes participantes cadastrados no sistema, atualmente 13 (treze) deles ainda estão em atividade, portanto não se enquadram como egressos. Para desenvolvimento desta seção foram coletadas informações de 20 (vinte) egressos através da aplicação de um questionário online, representando 48% do grupo de interesse para esta discussão.

Quando abordado sobre a influência do PET para a escolha da atuação profissional, em seguir ou não carreira acadêmica, 75% dos respondentes apresentaram concordância com a influência do programa para tal decisão, assim na visão dos egressos as vivências proporcionadas pela indissociabilidade da tríade ensino-pesquisa-extensão e do trabalho tutorial desenvolvido fizeram com que eles pudessem tomar uma decisão mais assertiva sobre



suas escolhas profissionais para o futuro. O mestrado acadêmico é parte fortemente presente entre os egressos em que 13 (treze) pessoas indicaram interesse em fazê-lo, os depoimentos dados mostram como o PET tem participação em tal decisão segundo a visão dos egressos.

Como retrata muito bem o depoimento a seguir:

“Sair do PET Engenharias não foi uma decisão fácil, tive que abrir mão da minha permanência no grupo para poder retornar a minha cidade ao transferir meu curso para Maceió. Em Maceió, participei de programas de Monitoria e pesquisa (PIBIC), onde despertei interesse pela área de Geotecnia. Assim, ainda no 9º período, participei da seleção do Mestrado de Engenharia Civil com ênfase em Geotecnia na UFPE, onde consegui passar em segundo lugar e então consegui adiantar minha conclusão do curso para o início do 10º período. Atualmente estou terminando o meu primeiro ano no mestrado de Geotecnia, onde desenvolvo pesquisa, através de uma parceria com o Ministério do Desenvolvimento Regional do governo Federal, que visa melhorar o sistema de alerta para áreas de risco com suscetibilidade ao deslizamento na região metropolitana de Recife.” (Depoimento de petiano/a egresso).

Os caminhos trilhados apresentados por cada um dos egressos são diversos, especialmente sobre duas abordagens: seguir à docência em engenharia e atuar no mercado de trabalho na área escolhida. Para quantificar o quão importante é o Programa após a graduação foi questionado aos egressos e



a seguir podemos observar o depoimento de um egresso/a, que seguiu carreira acadêmica:

“O PET Engenharias foi decisivo para minha carreira. Eu decidi traçar uma carreira acadêmica graças ao PET Engenharias. Desde que saí deste programa participei de intercâmbio, finalizei a minha graduação, publiquei alguns artigos. Estou trabalhando no IFAL, no qual propus, aprovei e orientei uma pesquisa de pibic, dentre outras diversas atividades. Estou me inscrevendo em seleções para doutorado no exterior. Hoje minha aspiração profissional é toda acadêmica.” (Depoimento de um egresso/a, relatando experiências da vida acadêmica).

Além de agregar valor para quem quer seguir a área acadêmica, o PET também proporciona experiência para quem quer seguir no mercado de trabalho, ou seja, um grupo que abrange todas as vertentes possíveis, que agrega muito a quem já participou ou participa da entidade. O depoimento abaixo é de um egresso/a, que seguiu no mercado de trabalho e conta o quão importante foi a experiência vivida no PET:

“Pouco antes de colar grau já estava trabalhando no SEBRAE como gestora de projeto em Economia Criativa em parceria com o British Council, na área de comércio e serviços de Alagoas. Sai para trabalhar na área de processos e qualidade numa distribuidora internacional de peças de carros, no México. E agora estou trabalhando como gestora de processos em uma empresa educativa canadense. Sigo aprendendo sempre e uma coisa em comum que visualizo em todas as oportunidades é a organização



e empenho que o pet me proporcionou trabalhar e amadurecer tanto. Sou muito grata por tudo e todos. #petprasempre” (Depoimento de petiano/a egresso, relatando experiências da vida profissional).

Apesar das pessoas seguirem áreas diferentes para atuação profissional e acadêmica, constatou-se que todas levaram ensinamentos proporcionados pela vivência no PET, através do trabalho em grupo, realização e coordenação de atividades. Sendo assim, o PET tem papel fundamental não somente durante a graduação, mas também na vida das pessoas que passam pelo programa, que sempre levam o PET no coração, com muito respeito e carinho.

Para finalizar ressaltamos que o grupo possui caráter formador, e mais do que isso, ele possibilita intervenções sociais como citado pelos egressos nos depoimentos anteriores, através de pesquisas e atividades desenvolvidas que buscam soluções para problemas que afligem as comunidades e regiões do sertão, local onde o PET Engenharias impacta diretamente. Para além das contribuições individuais, sejam elas profissionais, acadêmicas ou pessoais, as de maior impacto são as que interferem positivamente nas realidades das comunidades reafirmando e efetivando o papel das políticas públicas das universidades e do Programa de Educação Tutorial como instrumento transformador.

Deixamos por fim uma poesia feita por um petiano egresso, como um pequeno relato da importância PET no Campus do Sertão, e na região da cidade de Delmiro Gouveia-AL.



*Junto à Universidade  
Veio o PET pra o Sertão  
Desenvolver o ensino  
A pesquisa e extensão  
Tomando iniciativa  
Ofertando alternativa  
Estimulo e atividade  
Sendo essa a sua essência  
Dando aos cursos excelência  
E elevando a qualidade*

*O PET busca além disso  
O desenvolvimento humano  
Com discussões referentes  
Ao nosso cotidiano  
Realizando extensão  
Para esse região  
Do sertão das Alagoas  
Busca formar sempre  
Não só bons profissionais  
Mas também boas pessoas.*

R. Carvalho

## Referências

BRASIL. **Manual de Orientações Básicas**. Rio de Janeiro: Ministério da educação 2006.

SANTOS, L. A. dos *et al.* O programa de educação tutorial como fator de influência no futuro da docência em engenharia: estudo de caso na Universidade Federal de Alagoas. In: **Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia**, 67, [s. l.], 2019.

SILVA, M. L. G. R. DA. **Inserção profissional dos egressos dos Programas de Educação Tutorial (PET) em administração, biologia, economia doméstica e nutrição da UFV**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, [S. l.], 2015.



**Figura 1:** Descerramento de Placa Campus do Sertão



**Fonte:** Campus do Sertão

**Figura 2:** Início de obras Campus do Sertão



**Fonte:** Campus do Sertão

**Figura 3:** Início de obras Campus do Sertão



**Fonte:** Campus do Sertão



**Figura 4:** Início de obras Campus do Sertão



**Fonte:** Campus do Sertão

**Figura 5:** Aula Inaugural Ufal Campus Sertão, 2010 - Delmiro Gouveia



**Fonte:** Campus do Sertão



**Figura 6:** Aula Inaugural Ufal Campus Sertão, 2010 - Delmiro Gouveia



**Fonte:** Campus do Sertão

**Figura 7:** Aula Inaugural Ufal Campus Sertão, 2010 - Delmiro Gouveia



**Fonte:** Campus do Sertão



**Figura 8:** Apresentação artística cultural – aula inaugural



**Fonte:** Campus do Sertão



**Figura 9:** Apresentação artística cultural – aula inaugural



**Fonte:** Campus do Sertão

**Figura 10:** Apresentação de alunos da região - aula inaugural



**Fonte:** Campus do Sertão

**Figura 11:** Reitora Ana Deyse



**Fonte:** Campus do Sertão



**Figura 12:** Cerimônia aula inaugural



**Fonte:** Campus do Sertão

**Figura 13:** Cerimônia aula inaugural



**Fonte:** Campus do Sertão



**Figura 14:** Pró-reitor Anderson



**Fonte:** Campus do Sertão

**Figura 15:** Vice-reitor Eurico Lôbo



**Fonte:** Campus do Sertão

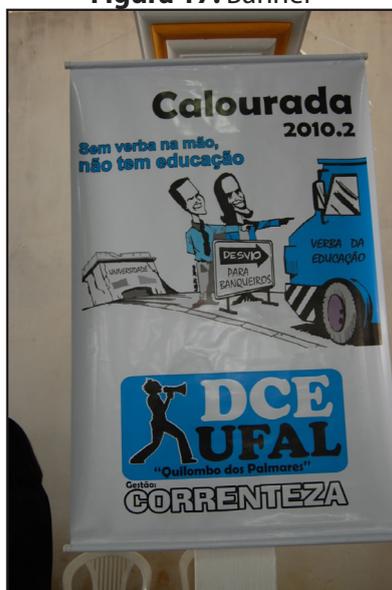


**Figura 16:** Reitora Ana Deyse



**Fonte:** Campus do Sertão

**Figura 17:** Banner



**Fonte:** Campus do Sertão



**Figura 18:** Pronunciamento da Reitora Ana Dayse na aula inaugural em Santana do Ipanema



**Fonte:** Arquivo Campus do Sertão, 09 Agosto de 2010.

**Figura 19:** Reitora Ana Dayse na aula inaugural em Santana do Ipanema



**Fonte:** Arquivo Campus do Sertão, 09 Agosto de 2010.



**Figura 20:** Vice-reitor Eurico Lobo na aula inaugural em Santana do Ipanema



**Fonte:** Arquivo Campus do Sertão, 09 Agosto de 2010.

**Figura 21:** Pro-reitores da UFAL e Comunidade local na aula inaugural em Santana do Ipanema



**Fonte:** Arquivo Campus do Sertão, 09 Agosto de 2010.



**Figura 22:** Aula inaugural em Santana do Ipanema



**Fonte:** Arquivo Campus do Sertão, 09 Agosto de 2010.

**Figura 23:** Aula inaugural em Santana do Ipanema



**Fonte:** Arquivo Campus do Sertão, 09 Agosto de 2010.



**Figura 24:** Entrada Principal Campus do Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde

**Figura 25:** Pátio externo Campus do Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde



**Figura 26:** Pátio interno Campus do Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde



**Figura 27:** Pátio interno Campus do Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde



**Figura 28:** Pátio externo Campus do Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde

**Figura 29:** Imagem externa Campus do Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde



**Figura 30:** Vista do Pátio interno do Campus Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde

**Figura 31:** Entrada Restaurante Universitário



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde



**Figura 32:** Restaurante Universitário



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde

**Figura 33:** Paisagem Campus Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde



**Figura 34:** Pátio interno do Campus Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde

**Figura 35:** Pátio interno do Campus Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde



**Figura 36:** Pátio interno do Campus Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde

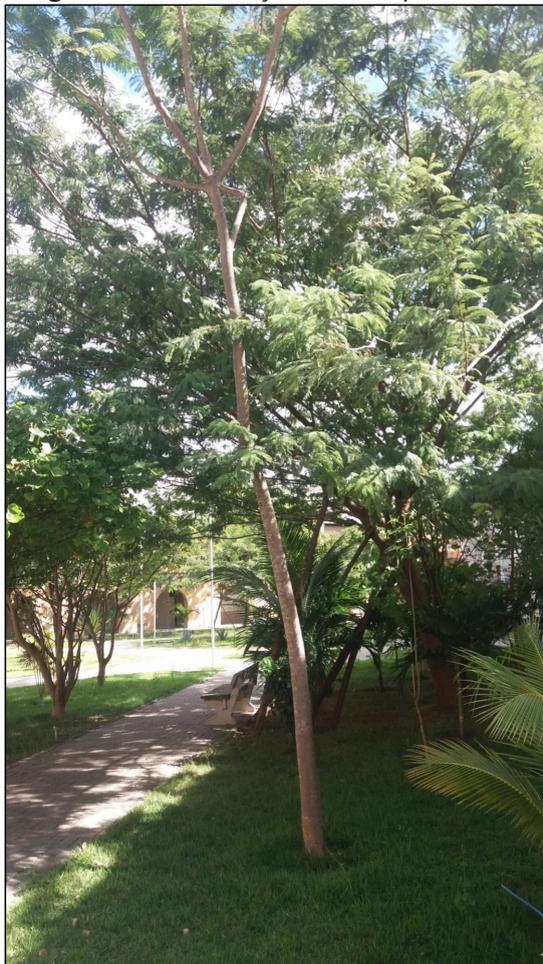
**Figura 37:** Pátio interno do Campus Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde



**Figura 38:** Arborização do Campus Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde



**Figura 39:** Arborização do Campus Sertão



**Fonte:** Projeto Ufal Mais Verde



**C**omemorar os 10 anos do Campus do Sertão é festejar a transformação de uma realidade social. Estarmos presente na região do semiárido alagoano e no Sertão, tem como maior significado, contribuir com a mudança de uma realidade de exclusão, e extremas desigualdades sociais. Para atingir esses objetivos, foi preciso consolidar a expansão da Universidade Federal de Alagoas, através da oferta de um ensino público de qualidade. Junto com a então reitora professora Ana Dayse Dorea, conduzimos o Projeto de Interiorização da UFAL, iniciado em 2006 na região Agreste e posteriormente no Sertão de Alagoas, que completa este ano uma década de existência.

ISBN 978-65-5624-078-7

